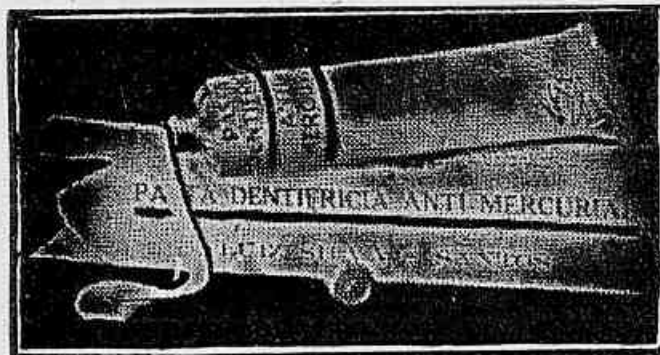
Revista da Semana

ANNO XVII -- N. 11

6 de Março de 1926

A COLHEITA DA CAMPHORA

A Ilha de Formosa fornece, ella sózinha, a camphora que se consome no mundo, inteiro. Essa ilha possue florestas de camphoreiras sem rival no mundo, quer como extensão quer como abundancia; e póder-se-ha fazer ideia da riqueza fabulosa que ellas representam sabendo-se que duma só arvore, de 3m,60 de circumferencia na base, se tem extrahido camphora no valor de mil libras esterlinas. O succo precioso dos troncos, beneficiado pelas 8.000 distillarias que existem na ilha, cristalisa-se depois na materia alva e aromatica que toda a gente conhece.

E', porém, necessario proteger os operarios empregados em tão prospera exploração e as tropas japonezas para tal fim empregadas nem sempre conseguem garantil-os. A colheita da camphora é perigosissima, por ser a ilha habitada por uma tribu de "caçadores de cabeças", de intratavel selvageria. Contam-se aos milhares os homens — Chinezes na sua maior parte — decapitados pelos ferozes indigenas. Mal uma turma de trabalhadores fica isolada, cáem-lhe em cima os "caçadores de cabeças" e ninguem escapa.

O governo japonez, que destinou a subvenção dum milhão de libras para o desenvolvimento de tão florescente industria, não quer naturalmente que ella seja assim prejudicada, entravada; e vae por isso mandar mais numerosas tropas para a Formosa. Se os "caçadores de cabeças" não se quizerem submetter ás condições da civilização, expõem-se a ser por sua vez perseguidos sem mercê e finalmente exterminados.

Revista da Semana
EU SEI TUDO
Magazine mensal
A SCENA MUDA
Revista cinematographica
ALMANACH EU SEI TUDO
Publicação annual
A decana das Revistas nacionaes
Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911
Propriedade da Companhia Editora Americana
Praça Olavo Bilac, 12 e 14 --- Rua Buenos Aires, 103
RIO DE JANEIRO
TELEPHONES Redacção e Administração, N 3660 Directoria, Norte 112
ENDEREÇO TELEGRAPHICO: REVISTA
Correspondencia dirigida a AURELIANO MACHADO
DIRECTOR-RESPONSAVEL.

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA
Por série de 52 numeros (1 anno) 50$000
6 mezes.. 26$000
Estrang... 65$000
Avulso... 1$200
Atrazado. 1$500

Agentes em França: DAVIGNON, BOURDET & CIE. (Antes L. MAYENCE & CIE.) 9, Rue Tronchet—PARIS

ESTA REVISTA TEM 44 PAGINAS

ANNO XXVII || Rio de Janeiro, 6 de Março de 1926 || NUMERO 11

A murro

por Clara Lucia

NNUNCIA um jornal, com toda a serenidade e compostura, que os amadores de espectaculos desportivos vão ser regalados com uma variante nova para o Rio de Janeiro: as luctas de box femininas. Li esta noticia num jornal unico e não me consta que outro a tenha reproduzido... Deve, porém, ser verdadeira. A um velho tio, meio letrado e mettido a philosopho, ouvi uma vez sentenciar que os grandes disparates não são obra da imaginação, mas da fatalidade; não se compõem por gracejo, dizem-se ou fazem-se a sério. Tratando-se, pois, dum desproposito ou duma calinada fóra das marcas e anonymos, devemos, por principio, ver nelles não a creação dum espirito jovial mas uma simples manifestação de estupidez. Na verdade — acrescentava o meu douto e criterioso parente — são em muito menor numero os individuos bastante intelligentes para compor, de caso pensado, uma grande asneira do que os bastante parvos para a soltar naturalmente, sem nenhum proposito ou intenção. As grandes asneiras vêm sempre espontaneamente. São coisas que se não inventam: acontecem. E eis porque, ao ler a noticia dessas luctas femininas de box, não cheguei a admittir um boato sem fundamento nem uma alegre pilheria.

Qualquer dessas hypotheses envolveria, com effeito, uma fantasia excessiva, em absoluto desacordo com a dignidade dos noticiarios. Ao passo que, da parte dum empresario, a lembrança se torna perfeitamente verosimil e até, de certo modo, razoavel. Para os empresarios, tudo o que pode despertar a curiosidade do publico é valioso, importante; tudo o que o pode divertir, intelligente e digno. A primeira condição dum espectaculo, para ser bom, é ser sensacional. E a sensação não se avalia tanto pelo alvoroço do espirito publico nem pelo aspecto do recinto durante a funcção — como pelo vulto da receita. O thermometro sensacional está na bilhetaria.

Ora, innegavelmente — e sem que para isso influa este meu reclamo — uma lucta de box feminina renderá, no Rio de Janeiro, o que se chama uma fortuna. Não só a população inteira terá vontade de a ver, como muitissimas pessoas serão capazes de pagar para a ver. E assim o empresario tem toda a razão.

Resta saber se, como pugilistas, as mulheres merecerão realmente que a gente abandone as suas commodidades e despenda o seu dinheiro, para as ir admirar. Por mim, acho que não. Começo por detestar o box, mesmo por homens. E não é que as luctas do sexo forte — forte justamente para isso mesmo — me horrorizem ou repugnem... Ao contrario, como todas as mulheres, gosto de ver os homens brigarem. A questão é que elles briguem como homens e não como animaes — ou digamos, neste caso, kangurús. Ha duellos de belleza e graça enlevadoras. Dois esbeltos e soberbos typos, de busto bem moldado e bem empinado, na camiseta de malha, pernas bem airosas e bem nervosas no seu calção e meia; dois typos de homem elegante, destro, vigoroso, com uma ponta de heroismo, cruzando dois floretes, compõem na verdade uma scena de enthusiasmar. Não ha mulher que, durante um bello assalto ao florete, não tenha, um momento, a illusão de que aquelles dois homens se batem a valer — e por ella! A lucta romana constituiria outro quadro animado de alta e nobre formosura — se os luctadores, em geral, não fossem tão gordos nem tendessem tanto a transpirar... O box, porém, não tem dignidade esthetica, nem pompa valorosa, nem intelligencia, nem espirito — só tem brutalidade. Por mais que releia *l'Eloge de la boxe* do meu querido Maeterlink, não me convenço de haver naquellas paginas alguma coisa mais que uma série de paradoxos pouco brilhantes. Para mim, o box só existe pela necessidade que o homem sente de voltar, de vez em quando, a ser fera ou a contemplar ferocidades. Os homens mais civilizados soffrem como que a nostalgia da primitiva animalidade. Alguns dominam, conservam occulta essa saudade bestial; outros não lhe resistem: são os assassinos; e ha uma boa parte que, ficando entre esses dois extremos, forma o publico dos espectaculos rudes e sanguinolentos — e ahi temos os frequentadores do box. Francamente: creio que esta concepção da humanidade não é das mais infelizes!

Entre os apreciadores das luctas de box e os proprios boxistas, não sei realmente quaes os mais desprezíveis. Mas, reflectindo bem, não devem ser os luctadores, porque estes, emfim, podem não fazer aquillo por vocação ou gosto mas por uma questão de predicados physicos e para ganhar a sua vida, ao passo que o espectador alli vae por inclinação moral, por convicção e, longe de ter nisso qualquer interesse, ainda paga, por cima! Realmente, os homens têm feições, particularidades que lhes deviam tirar a coragem de se dizerem nossos semelhantes... E eis que as mulheres, depois de se haverem medido com elles em todos os prélios da intelligencia e do saber, agora os acompanham no mais baixo e degradante terreno da força bruta. Mulheres boxistas... Nós, que nunca soubemos levar a mão á face duma inimiga e, quando muito, lhe puxavamos os cabellos, passamos a dar-nos punhadas tremendissimas na bocca e no nariz, nos olhos e nos ouvidos, no seio e no ventre, até que uma das duas, cuspindo os dentes, com as orbitas em sangue, cada face uma posta de carne triturada, abata, meio morta, sob a inferneira das aclamações e apupos de mil selvagens em delirio! Tanto temos subido que somos directoras de empresas internacionaes, reitoras de universidade, legisladoras, diplomatas, chefes de Estado; e tanto descemos que chegamos já ao estrado do box... Mas então? E' assim mesmo. Não nos haviamos de equiparar ao homem apenas nas glorias intellectuaes... *Ce serait trop beau*. Tinhamos forçosamente que lhe adoptar as miserias e as grosserias, fumar, jogar, politicar, e por ahi abaixo, até ao fim. O fim deve ser este agora. A mulher vae completar a sua evolução e o seu triumpho — a murro!

Clara Lucia.

Conto dos olhos azues

por E. Garcia Ladevese

QUANDO visitei a feira de Nijny Novgorod chamaram-me a attenção para um mercador persa, de nome Adin, homem de quarenta e tantos annos, alto, delgado, muito trigueiro, de rosto chupado e olhos melancolicos...

Adin negociava em sedas e pedras preciosas; e era um dos mais ricos mercadores do seu paiz que annualmente vinham á grande feira russa.

Não tardei em saber que uma grande dor lhe consumia a alma.

Ao voltar, no anno anterior, depois de encerrada a feira, a sua casa, ia satisfeito e feliz, não só por haver obtido enormes ganhos, mas tambem e principalmente porque o esperavam os olhos azues de Sira.

Aquelles olhos haviam acendido na sua alma a chamma forte do amor; por amor delles fizera de Sira sua esposa. Sonhava com elles, por elles vivia. O incomparavel tom azul daquellas pupillas trazia-o inebriado. Ficava horas e horas a contemplal-o; e quando um sorriso amoroso de Sira illuminava aquellas contas de luz celeste Adin sentia-se escravo duma especie de magia, de feitiço que ao mesmo tempo o subjugava e o enchia de ventura.

O opulento e ditoso mercador, que voltava á Persia ao cabo de tres mezes, vinha meio morto de saudades daquelles olhos e bem decidido a nunca mais ir á feira de Nijny Novgorod — a *Yamarka*, como em geral lhe chamam os feirantes.

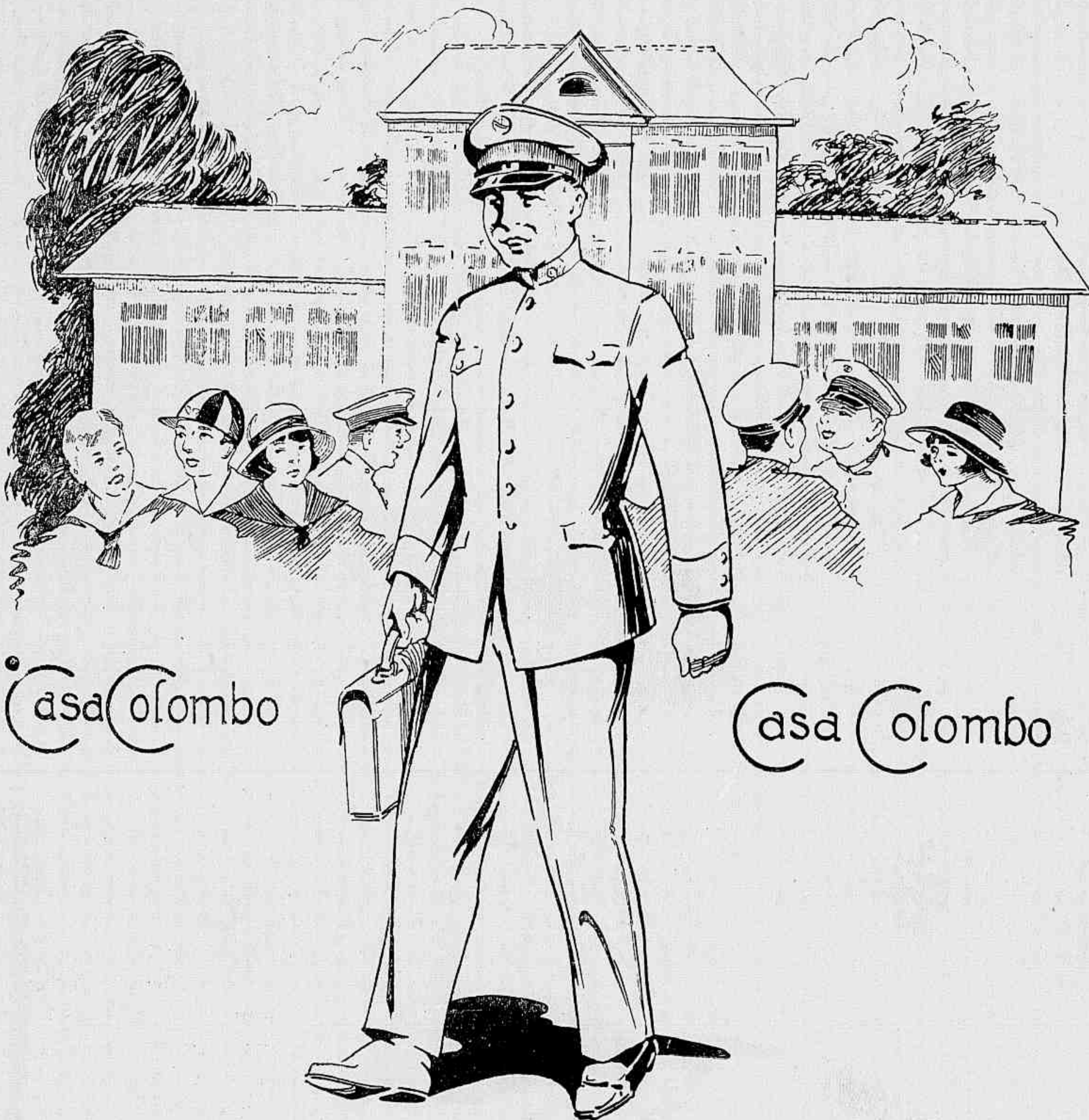
Para que queria mais riquezas? O que possuia lhe bastava. Aquella ficaria, pois, sendo a ultima viagem. E nunca mais se havia de separar da esposa, nunca mais!

***

Quando finalmente chegou a casa já Sira, gritando de puro jubilo, corria a abraçal-o. Adin olhou-a bem nos olhos... e recuou, assombrado.

Que teria visto nos olhos adoraveis? Qualquer coisa de horrendo e desesperador: os olhos de Sira tinham deixado de ser azues.

Voltou a attentar bem nelles, julgando ter sido victima dum delirio, um pesadello. Com effeito, tinham mudado de côr. Não havia equivoco, illusão possivel. Tinham mudado de côr! E Adin chegou a admittir, um momento, que não fosse aquella a sua mulher...

Sira, desconcertada ante a exasperação do marido, dizia-lhe com a voz mais doce e carinhosa deste mundo·

— Sou eu, Adin! A tua mulherzinha, que te adora. Sou eu mesma. E estes são os meus olhos.

— Mentes! exclamou o marido, fóra de si — Os teus olhos eram azues!

— Acalma-te, Adin, escuta... Eu te conto, eu te explico tudo...

E Sira contou ao marido como se operara a transformação que tanto o indignava.

Um sabio oculista europeu tinha descoberto um processo para mudar a côr das pupillas; e immediatamente um dos seus melhores discipulos partira para a Persia, a pôr em pratica a maravilhosa invenção. O systema era infallivel e, graças a elle, cada qual ficaria com os olhos da côr que lhe aprouvesse. Sira, que sempre fôra muito amimada e se habituara a ter caprichos e a realizal-os, foi acomettida do desejo irresistivel de ter os olhos doutra côr. E como os preferiria? Negros? Já assim os tinham as mouras e as andaluzas; verdes, as bretãs; pardos ou cinzentos, uma infinidade de mulheres. E á força de procurar qualquer coisa de novo, qualquer coisa de nunca visto, occorreu-lhe a maior das extravagancias: Mandou pintar os olhos... Adivinhae de que côr! Não, nunca poderieis adivinhar. Mandou os pintar côr de rosa!

Comprehende-se agora a tremenda surpreza, o choque soffrido por Adin ao encontrar, em vez dos olhos côr do céo que loucamente adorava, aquelles extranhos, esquisitos olhos côr de rosa — e de rosa pallida, sem viço, sem perfume! Olhos côr de rosa como o sol da Finlandia, sem calor e sem brilho!

Adin arrepelou-se, chorou, cahiu em desespero. Para elle, sua esposa deixara de ser quem era. A adorada creatura dos olhos azues tinha morrido!

A dor immensa de Adin fez com que a esposa sinceramente se arrependesse do que fizera. E Sira resolveu empregar todos os meios para remediar o mal praticado, ao mesmo tempo que Adin corria a procurar o discipulo do sabio oculista, para que restituisse aos olhos da esposa a deliciosa côr primitiva.

— Não, impossivel! respondeu o doutor, a quem a ansiedade do mercador realmente penalizava. — Posso dar-lhes outra qualquer côr, menos aquella com que vieram ao mundo. A côr primitiva, uma vez mudada, fica perdida para sempre. Ninguem possue o meio de a restaurar!

Adin cahiu na mais profunda tristeza. Procurou distrahir-se, pensar noutra coisa. Entregou-se como nunca aos afazeres do seu negocio. E no anno seguinte, abandonando o proposito formado de não fazer mais viagens, voltou á feira de Nijny Novgorod.

Como a sua physionomia me ficara gravada na memoria, reconheci-o em Moscou, dias depois de o ter visto em Nijny. Sahia de casa de um sabio famoso, a quem fôra preguntar se havia meio ou modo de restituir aos olhos de Sira a côr azul que dantes os sublimava...

— Não! respondeu o sabio — Não tornarás a ver azues os olhos de tua esposa. Só um novo amor, o amor que outro homem lhe inspirasse e que lhe renovasse inteiramente a alma, poderia restituir-lhe aos olhos a côr que perderam. E como uma mulher verdadeiramente honrada só pode amar seu esposo os olhos de Sira não recobrarão a côr primitiva emquanto tu fores deste mundo.

Adin baixou com desanimo a cabeça e sahiu, para tomar tristemente o caminho de Teheran.

***

Entretanto, Sira não descansava, não tinha um momento de socego, procurando quem lhe pudésse valer na infortunada situação a que por si propria se condemnara. Um dia, indicaram-lhe um curandeiro, mais que um curandeiro, um verdadeiro mago. E este deu-lhe um filtro mysterioso...

Quando Adin entrava em casa, Sira correu ao seu encontro, gritando, doida de alegria:

— Adin! Adin! Vê os meus olhos! Voltaram a ser azues!

Mas o mercador, em cujos ouvidos ainda ecoavam as palavras do sabio de Moscou, arremessou-se sobre ella, perdido de colera, bramando:

— Infame! Trahiste-me, desgraçada! Amas outro. Vaes morrer ás minhas mãos!

Tinha enlouquecido.

Sira fugiu, apavorada. E desappareceu para sempre.

MME. BARBA AZUL

Foi recentemente presa em Cleveland, estado do Ohio, a sra. Laura Christy, a qual confessou ter envenenado o seu setimo marido ao cabo de tres semanas de vida conjugal. Dos seis primeiros maridos, apenas um se divorciou; os outros cinco morreram — e suppõe-se que a senhora Christy tenha mais ou menos contribuido para isso...

A acusada não confessa os crimes de que é acusada. Um seu irmão, porém, declara: "Minha irmã não tem feito em toda a sua vida senão mal".

A perigosa creatura ia ser submettida a rigoroso exame mental, pois se admittia que estivesse acomettida duma especie de loucura homicida. O seu desequilibrio, porém, se existe, não a tem impedido de cuidar dos seus interesses, pois o ultimo marido, o reverendo Christy, fizera um seguro de vida em proveito da esposa e esta, no proprio dia em que elle cahiu doente, tirou do banco um deposito de 300 dollares, que o marido fizera.

O RAIO VERDE

Volta a fallar-se do "raio verde"... Existe realmente esse famoso raio que inspirou a Julio Verne uma das suas paginas mais pittorescas e mais admiradas?

Em todo o caso, eis uma curiosa descripção desse phenomeno feita recentemente por um medico inglez:

"Chegámos a 13 de agosto de 1925 á cabana de Hohturli, a 2.781 metros de altitude, perto de Blumlisap (Alpes). Por trás das immensas geleiras, fluctuava um mar de nevoeiro. Para além das gargantas das montanhas, escondia-se o sol... E subitamente ficámos extasiados, maravilhados. Tinhamos diante dos olhos o famoso raio verde. As mulheres principalmente, como miss Campbell, estavam encantadas. Não tem o raio verde o condão de fazer a gente feliz? Duas vezes assim tivemos occasião de ver, á tarde, destas alturas dos Alpes, o famoso raio de esmeralda.

A cabana de Hohturli, no massiço alpino, é um ponto unico para se observar tal phenomeno. Não sei se o raio verde dá felicidade; posso, porém, declarar que deixa uma impressão inapagavel. E, á falta da felicidade, só esse espectaculo faz com que valha a pena a ascensão".

PROCESSOS JORNALISTICOS

A imprensa norte-americana emprega frequentemente formulas deliciosas de imaginação e de pittoresco. Assim, um periodico musical traz agora, ao alto da sua primeira columna, estas linhas encantadoras:

"O cidadão pode levar a avareza a ponto de aproveitar uma verruga do pescoço para deixar de comprar botões de colarinho; pode tambem, por espirito de economia, parar o seu relogio, afim de lhe poupar o mechanismo; pode, na sua correspondencia, supprimir a pontuação e evitar assim o dispendio dalguns pingos de tinta... O cidadão pode fazer tudo isso, sem deixar de ser um gentleman. O mesmo se não pode dizer do cidadão que acceita, durante algumas semanas, a remessa dum jornal e depois se recusa a pagar a assignatura, sob o pretexto de a não haver solicitado".

Se depois disso os renitentes não pagarem, é que, decididamente, não ha para tal effeito meios suasorios capazes.

PARA MODELAR O CORPO

Cintas diversas, Porta-seios, Faxas, Meias, etc.

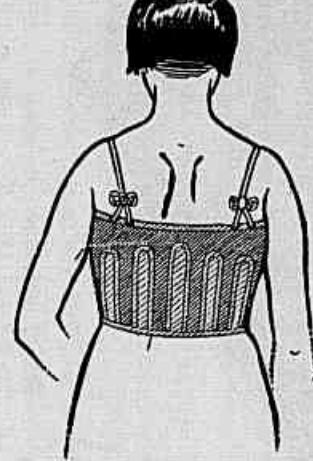
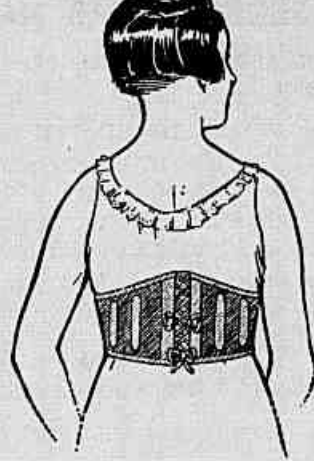
de borracha pura em lençol, de invenção e fabricação de Henrique Schayé

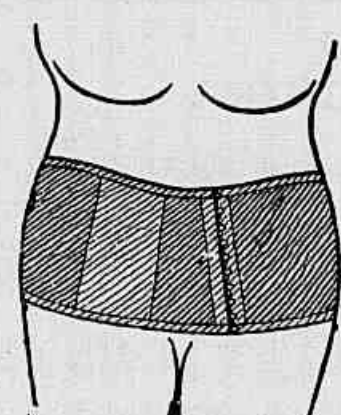
PATENTE 12.511

HENRIQUE SCHAYE'
INVENTOR

Cinta para localizar os rins.

Porta-seios para reduzir seios e gordura das costas.

Faxa para tirar o excesso de gordura das costas e reduzir o estomago.

Porta-seios para reduzir os seios e a gordura das costas.

Collete para modelar o corpo.

Cinta para appendicite, para ser usada após a operação.

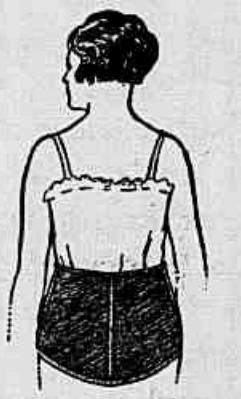
Cinta inteiriça.

Meia de borracha.

Mascara para tirar o excesso de gordura.

Aconselhado e recommendado pelos illustres clinicos srs.

Cinta gastrica e hypogastrica.

Prof. Dr. Miguel Couto
Prof. Dr. Benjamim Baptista
Prof. Dr. Henrique Roxo
Prof. Dr. Renato de Souza Lopes
Dr. José de Mendonça
Cel. Dr. Alvaro Tourinho
Dr. Raul Pitanga Santos
Dr. Abelardo Alves de Barros
Dr. Osorio Mascarenhas
Dr. Castro Barreto
Dr. Urbano Figueira
Dr. Lacé Brandão
Dr. Rodrigues Barbosa
Dr. Paula Buarque
Dr. Romeu C. Pereira
Dr. Ramiro Braga
Dr. Ernesto Carneiro
Dr. Sylvio e Silva
Dr. Octavio Vianna
Dr. Zenha Machado
Dr. Francisco Salema
Dr. Humberto de Mello
Dr. Pardal Junior
Dr. Gomes Estella
Dr. Joaquim Nicolau F.º
Dr. Alvaro Caldeira
Dr. Candido Godoy
Dr. Annibal Varges
Dr. Augusto Vidigal
Dr. Emygdio Cabral
Dr. R. Chapot Prevost
Dr. Mauricio Gudim
Dr. Attila Infante
Dr. Pedro Ozorio
Dr. Carlos Silva
Dra. Stephania Soares

Cinta acolchetada na frente e fechada atrás.

Esses novos inventos privilegiados de Henrique Schayé e garantidos pela patente 12.511, feitos sob medida especialmente para cada caso, segundo necessidade ou indicação medica, são privilegiados no Brasil e no estrangeiro, muito contribuem para dar forma e graça aos corpos deformados pelo excesso de gordura, deslocação de varios orgãos, desenvolvimento do ventre etc. Confeccionados de borracha pura em lençol de primeira qualidade, adherem perfeitamente ao corpo, comprimindo-o sem o menor incommodo e sem tolher os movimentos. Elles são inteiramente differentes dos seus congeneres até hoje conhecidos, quer pela sua superioridade quer pelos seus effeitos, pois elles, produzindo uma transudação abundante, vão deshydratando localmente e forçando a reconducção dos orgãos, localizando-os sem prejudicarem a Saude; o que nenhum outro pode conseguir, pois sendo porosos permittem a evaporação da sudação e não mantêm a temperatura tão indispensavel á deshydratação local.

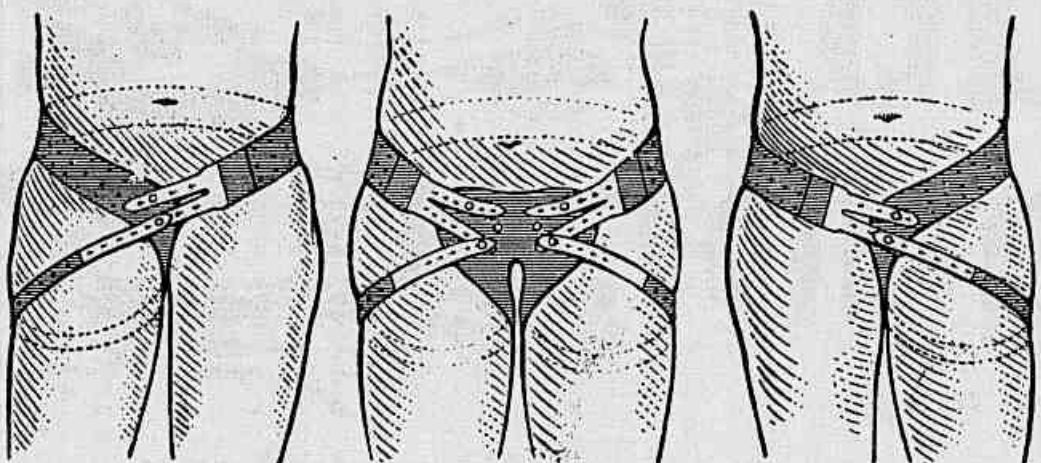
Garante-se a sua bôa confecção e fazem-se durante tres mezes gratuitamente as modificações que o uso indicar para o bem-estar do doente.

ATTENDE-SE DIRECTAMENTE POR CARTA AOS SRS. CLIENTES DO INTERIOR, A QUEM SE ENVIA O MODO PRATICO DE TIRAR AS MEDIDAS

AOS PORTADORES DE HERNIAS EM GERAL

As primeiras cintas orthopedicas privilegiadas pelo Governo Brasileiro

PARA HOMENS, SENHORAS E CREANÇAS

PATENTE N. 14.893

Funda para hernia direita. Funda para hernia dupla. Funda para hernia esquerda.

Cintas ou fundas de borracha pura em lençol, completamente adherentes, flexiveis, permittindo todos os movimentos com inteira garantia na contenção das mais volumosas hernias.

Feitas sob medida especialmente para cada herniado de accordo com a sua necessidade. Fabricação exclusiva de Henrique Schayé, privilegiada pelo Governo Brasileiro, garantida pela patente n. 14.893.

Estas cintas herniaes apresentam grandes vantagens sobre suas congeneres, pois, sendo de borracha pura em lençol, perfuradas a fim de permittir a evaporação do suor, adherem completamente sem o inconveniente de sahirem como as demais do logar, obturam perfeitamente o anel herniario sem inconveniente, são mais duraveis, mais resistentes e pode-se exercer sobre ellas uma completa asepsia, pois podem ser lavadas com agua fria diariamente, não se imbebem de suor e não perdem a sua pressão, como as demais que, sendo de tecido elastico, isto é pannos e fios de borracha, arrebentam com facilidade e dessa forma perdem a pressão não contendo sufficientemente a hernia.

Profissional competente ao dispôr dos srs. medicos e doentes para fornecer as informações precisas, tirar medidas etc.

AOS SRS. CLIENTES DO INTERIOR ATTENDE-SE POR CARTA

IMPORTANTE Dada a grande acceltação que veem tendo todos os seus artigos, pelos bons resultados colhidos pelos innumeros clientes e pelas recommendações dos melhores clinicos desta capital e do interior, a Casa Schayé emprega actualmente 50 operarios, todos brasileiros, aptos a executarem os mais exigentes pedidos dos seus productos, escrupulosamente fabricados.

HENRIQUE SCHAYÉ

Avenida Gomes Freire 19 e 19-A -- Telephone Central 1074 -- End. Tel. "Schayé" -- Riojaneiro

UM THESOURO... EM PAPEIS VELHOS

O Daily Telegraph conta uma historia que deve deliciar os philatelistas.

Uma dama da nobreza britanica, residente em Mayfair, num palacete que sempre pertenceu á sua familia, resolveu ultimamente revistar e pôr em ordem velhos papeis guardados em numerosos caixotes e guardados na agua-furtada do edificio. Quando abria certos pacotes de cartas, teve a surpreza de encontrar, entre a correspondencia dum velho tio, varios enveloppes contendo sellos admiravelmente conservados. E logo depois encontrou a explicação do caso.

Joven official em 1863, o tio soffrera o contagio da paixão philatelica então nascente. Não tendo, porém, a alma do verdadeiro collecionador, faltou-lhe a constancia das longas pesquizas e das permutas vantajosas. No emtanto, para possuir um exemplar de cada sello em uso nas possessões inglesas, escreveu aos postmasters de todas as colonias, enviando a cada um de duas a cinco libras e pedindo-lhes que lhe remettessem as respectivas sommas em sellos. Figuravam entre esses sellos os da Australia, Ceylão, de 1858, Vancouver de 1861, Queensland de 1863 etc. etc. Depois, o collecionador não pensou mais em tal. E continuando na carreira militar morreu numa expedição longinqua.

Agora, a descendente do official mostrou aos especialistas do genero os sellos reunidos, alguns dos quaes constituem exemplares que não tinham figurado em nenhum catalogo de timbrologia. A collecção foi avaliada em mais de trezentos contos, para o que contribuiu não só a raridade dalguns sellos mas tambem o bom estado de conservação de todos elles. Trezentos contos de réis... E pensar que o collecionador despendera pouco mais de dez libras, isto é: trezentos e tantos mil réis!

O espirito é para o corpo o que o piloto é para o navio.

ARISTOTELES.

O INVENTOR DA BORRACHA DE ESCRIPTORIO

O emprego da borracha para apagar a escripta remonta a meiados do seculo XVIII e encontram-se vestigios da sua origem na historia da Academia das Sciencias, de França, de 1752:

"Todos aquelles que se servem do lapis, com mina de chumbo, para desenhar planos de architectura, fortificações etc. empregam o miolo de pão para apagar os traços que não devem permanecer no trabalho. O sr. Magalhães ou — como dizemos em francez — Magellan, membro correspondente da Academia, digno e ultimo herdeiro do celebre navegador portuguez que descobriu a passagem do Oceano no mar do Sul, apresentou um meio mais efficaz e que a gente pode trazer sempre comsigo. E' um pedaço de borracha ou resina elastica de Cayena. A fricção com essa substancia apaga, muito melhor que o miolo de pão, os traços de lapis ou quaesquer outras sujidades que se encontrem no papel".

Esse curioso documento estabelece, pois, que o primeiro uso da borracha de escriptorio se deve a um descendente do glorioso navegador portuguez Fernando de Magalhães.

O OURO DO RHENO

O Rheno carrega nas suas aguas pepitas de ouro. Não é isto novidade. Já até — como toda a gente sabe — foi posto em musica. O que Wagner não disse na sua obra immortal é a quantidade do precioso metal que pode ser apanhado no rio celeberrimo.

Essa questão foi agora estudada por um professor de chimica de Berlim, o qual chegou á verificação de que o Rheno pode fornecer, por metro cubico de agua, tres millesimos de milligramma de ouro. Durante um anno, acrescenta o mesmo homem de sciencia, são drenados pelas aguas do Rheno 200 kilos de ouro puro, que representam cerca de seiscentos contos de réis.

Nessas condições, não tardará, de certo, a fundação duma companhia para a exploração do ouro do Rheno... Donde se vê que, de Wagner para cá, realmente os tempos mudaram.

UMA SUCCESSÃO DIFFICIL

O throno da Rumania parece ter o dom de afugentar os pretendentes...

O seu primeiro occupante foi o principe Cousat, escolhido, em 1859, pelas antigas provincias reunidas da Valaquia e Moldavia. Nesse tempo, o soberano usava apenas o titulo de principe. Em 1866, uma intriga de Côrte o levou a abdicar.

Para o substituir, foi chamado o principe Carlos de Hohenzollern-Sigmaringen que, algum tempo depois, foi feito rei. Infelizmente, não teve filhos varões e a sua unica filha morreu muito moça. Pensou naturalmente em designar para seu successor um de seus sobrinhos, filhos de seu irmão. O mais velho delles, porém, Guilherme, com quem o tio julgava poder contar, recusou-se obstinadamente a acceitar para si ou para os seus herdeiros os direitos á corôa. Foi por isso necessario recorrer ao mais moço, que é o actual rei Fernando.

E eis que, ha pouco, o filho deste voluntariamente renunciou ao throno...

O CENTENARIO DOS COLLARINHOS

Uma revista européa nota que, tendo-se celebrado o anno assado tantos centenarios, um, pelo menos, se deixou passar despercebido: o Centenario do Collarinho.

Foi effectivamente em 1825 que, numa modesta aldeia inglesa, a mulher dum ferreiro considerou que era bem aborrecido ter de lavar uma camisa inteira só porque o colarinho estava enxovalhado — assim como era repugnante usar um colarinho sujo a pretexto de estar limpa a camisa. Tendo assim reflectido, essa esposa admiravel resolveu separar as duas coisas, fazendo para seu marido camisas com colarinho de tirar e pôr.

Tão feliz pareceu a ideia que logo foi adoptada pelos parentes e visinhos do ferreiro, depois por toda a região e finalmente pelo mundo inteiro.

Um commerciante de Londres, Ebenezer Brown, teve bastante esperteza para prever as possibilidades offerecidas por essa ligeira reforma do vestuario e foi elle que lançou, na capital ingleza, o systema innovado pela mulher do ferreiro. E assim, mais uma vez, não foi o inventor mas o negociante que enriqueceu com a invenção.

D'ANNUNZIO E A POETISA

Nem sempre um poeta consagrado e glorificado gosa a vida de delicias que geralmente se imagina. Gabriel d'Annunzio dá bem a prova disso. Muitas vezes elle é forçado a abandonar o seu palacio ou a sua "villa" para, obedecendo aos preceitos duma etiqueta fastidiosa, attender aos convites com que o persegue a alta sociedade italiana. E assim, achando-se o poeta recentemente em Roma, teve que comparecer ao sarau organizado em sua honra por uma dama da nobreza que tomaria como uma affronta qualquer recusa, mesmo justificada.

A festa era essencialmente poetica e, durante meia hora, D'Annunzio aguentou recitações sobre recitações. Quando chegou a vez da dona da casa, o autor do Fuoco manifestou o seu enthusiasmo logo á primeira estrofe:

— Admiravel, duqueza, admiravel! Mas esses versos deviam ser recitados em perfeita escuridão. Tornar-se-iam muito mais sugestivos.

Immediatamente as luzes foram apagadas e a nova Sapho proseguiu na declamação dos seus versos exaltados...

Quando, porém, voltou a luz, e a poetisa se preparou para receber as homenagens do seu irmão em Apollo — D'Annunzio tinha desapparecido!

[Nova-York, Fevereiro

NOTAS A PROPOSITO DE CORES

As combinações de cores que abaixo menciono foram por mim vistas em cavalheiros de distincção pessoal e de muita elegancia.

Terno azul listado levemente de verde, camisa branca listada de azul, collarinho molle da mesma côr, gravata de fundo azul listada de azul claro e verde, chapeu cinzento claro.

Outro cavalheiro trajava um terno cinzento, camisa branca listada de cinzento, gravata cinzenta listada de purpura, meias cinzentas, sapatos pretos, polainas cinzentas.

Um homem usando um terno azul escuro combinava-o com uma camisa listada de azul e amarello dourado, chapéu cinzento.

Outro terno azul escuro estava usado com uma camisa azul com listas brancas, gravata azul com arabescos verdes e chapeu de feltro cinzento.

TERNOS AZUES

A's vezes fico pensando na popularidade crescente dos ternos escuros, e depois começo a calcular que cerca de 95% dos homens, pelo menos, usam ternos azues escuros. Qual a razão de semelhante facto?

Parece difficil, á primeira vista, responder a semelhante interrogação. Mas não é, e o motivo está em que os ternos azues escuros parece que veem a proposito em occasiões em que não se sabe que terno vestir. E estas occasiões apparecem á tarde e á noite, e são momentos semi-formaes. Naturalmente todo o homem que se preza deve ter o seu smoking, mas ha momentos em que só fica bem o terno azul escuro bem cortado.

Por exemplo: um chá, uma pequena recepção intima, uma visita, á tardinha, exigem naturalmente o terno azul escuro ou, se forem um pouco mais formaes, o

paletó preto debruado e a calça listada escura.

A gravura que acompanha esta nota mostra o ultimo typo de terno, modelo paletó. As abas são largas, talhadas em bellas curvas que se arredondam na parte inferior das mesmas.

O collete aperta de lado, com duas filas de botões, e cortado em linha recta na parte inferior sobre a cintura.

LENÇOS ESCOSSEZES

Não ha peça do vestuario masculino mais interessante do que os actuaes lenços, principalmente em se tratando de lenços escossezes. Estes devem participar de todos os guarda-roupas dos homens que gostam de andar bem vestidos, com todo o conforto e com toda a elegancia.

Ha mil e uma combinações, ha mil e um padrões de lenços escossezes. Ha-os para todos os gostos. A questão é da escolha.

A pequena gravura adiante mostra padrões dos mais recentes typos. Ha dias vi a seguinte combinação em que o lenço figurava admiravelmente bem: terno azul escuro, camisa verde, gravata feita de tecido escossez, imitando malha vermelho e verde, lenço azul escuro de tecido escossez enxadrezado.

Outra vez encontrei a seguinte combinação:

Terno castanho pintado de cinzento; camisa listada de castanho e branco, gra-

vata de tecido escossez azul e preto, lenço de tecido escossez azul todo enxa-

drezado em castanho. Esta combinação tem todos os foros da originalidade, e ao mesmo tempo é do mais lidimo gosto.

QUE É QUE ESTÁ ERRADO AQUI?

A vinheta que acompanha esta notula tem uma feição muito prohibitiva: indica que não se deve usar uma gravata de correr, de laço apertado, com um collarinho de abertura muito larga.

Se pretendermos usar um collarinho

com abertura larga, acompanhando-o com a respectiva gravata, escolhamos uma destas que dê um laço grosso, de modo que occupe toda a cavidade do collarinho.

Peter Greig.

(Do Bibb Features Syndicate Inc.)

COMA SE INVENTOU O PAPEL MATA-BORRÃO

Como muitas outras, foi essa invenção devida ao acaso, ou, antes, a um providencial desleixo.

O primeiro papel de chupar tinta foi confeccionado no Berkshire, graças a uma simples distracção. Um operario esqueceu-se um dia de pôr na massa de que devia resultar papel commum a quantidade de colla necessaria para tal fim. Encolerizado, o patrão poz o operario na rua.

Ora, algum tempo depois, esse mesmo patrão verificava com surpreza — e ainda casualmente — que o papel sem colla tinha o dom de absorver a tinta sem fazer desapparecer os caracteres escriptos e, pela facilidade do emprego, substituia com grande vantagem a areia ha seculos usada para tal fim. Uma ideia então lhe acudiu: por que não lançaria no mercado o novo producto, de tão evidente utilidade? E, deixando de fabricar do outro papel, aplicou-se inteiramente á producção de mata-borrão, com o que, dentro em pouco, fez fortuna.

Cronica de Paris

Os novos "tailleurs" e "tres peças"

Todas as parisienses elegantes dirão n'este momento que não têm nada para vestir; no entanto os seus armarios regorgitam de vestidos, mas o que elles não são é novos; já produziram o seu effeito de surpreza e de admiração.

Uma mulher veste se por coquetismo, e ainda tambem para excitar a inveja das suas amigas intimas. E reparar-se-á por acaso em um vestido que tem já alguns mezes de existencia? E' melhor esperar ainda algumas semanas, que as novas collecções sejam apresentadas, para podermos satisfazer o nosso desejo de substituição.

Viaja-se muito actualmente; os privilegiados da fortuna, que são atacados da moderna mania do deslocamento, poderão encommendar-se um "tailleur" claro para vestir na Riviera, e que usarão em Paris, para o começo da proxima estação.

Veremos numerosas vestes curtas, em opposição ás longas jaquettes, que se usaram durante tanto tempo. Serão lisas adeante, com pregas indicadas aos lados por um bolso exterior.

Em certos paletots põem-se as abotoaduras cruzadas, muito em baixo, de uma maneira deveras original. Estes costumes conservam a linha direita, porque as pregas achatadas não se abrem senão com o movimento e não impedem o andar.

Estes pequenos *tailleurs* sem pretenções exigem uma impeccavel execução. E' mais facil dissimular as imperfeições debaixo dos enfeites, que produzir uma linha simples e harmoniosa. Algumas pequenas costureiras fazem valer o *flou*, porém para o tailleur deve sempre recorrer-se á sciencia de um bom corte.

As nuances preferidas para os conjunctos são o gris e o beige.

A mistura das cores é um dos "raffinements" das novas collecções; presta-se aos mais delicados effeitos; combinam-se o beige e o verde, o gris e o *lavande*.

No "trez peças" é preciso um "rappel" de côr na "doublure", ou o emprego de "fourrure" que diga com o manteau e com o vestido. Por exemplo, um vestido de kasha escuro, torrado de crepe encarnado, ficará bem sobre uma robe do mesmo tecido que o forro.

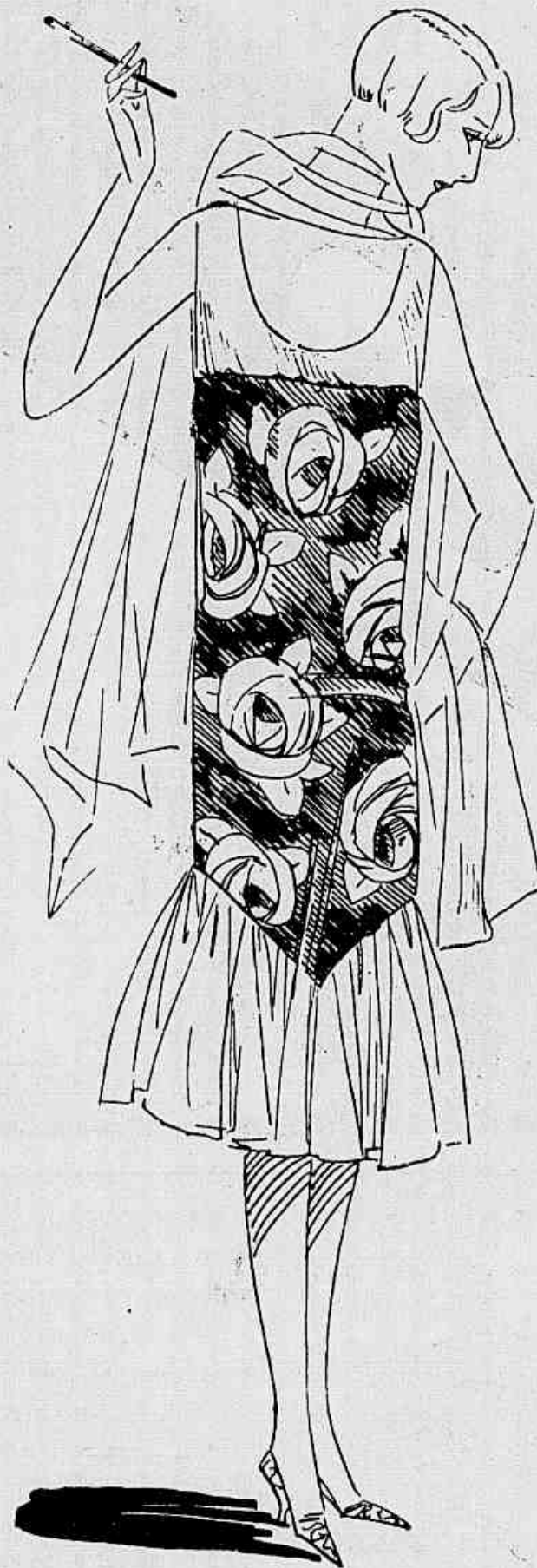
Começam-se a ver tons muito suaves; as cores têm como que um reflexo acinzentado. O *rose-gris*, os tons "blé", "biscuit", "champagne", verde *pastel*, "abricot", "pêche", "rose thé".

Volta-se de novo ao preto, que tanto decahiu quando triumpharam as nuances quentes e profundas. Um cliché universalmente espalhado diz que o preto é distincto; com effeito, só mulheres de bôa presença se podem permittir a originalidade das cores vivas; ás que são de uma apparencia um tanto vulgar o preto irá melhor. Mas não se trata do preto austero e funebre, que teve tanta voga ha alguns annos; agora apparece combinado com o branco ou outras cores.

O signal caracteristico da proxima moda será a renuncia á "allure" masculina e a adopção de uma silhueta delicadamente feminina.

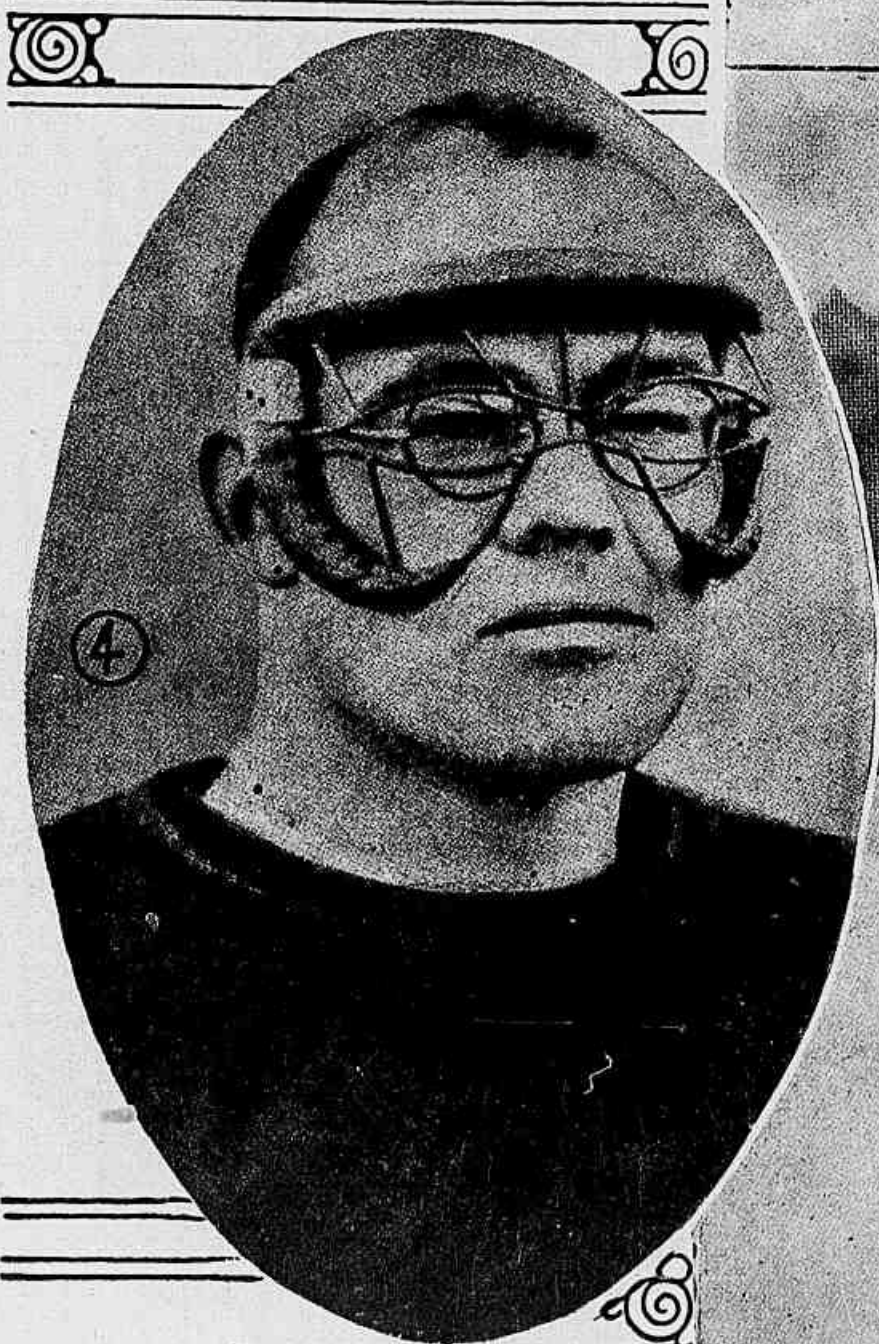
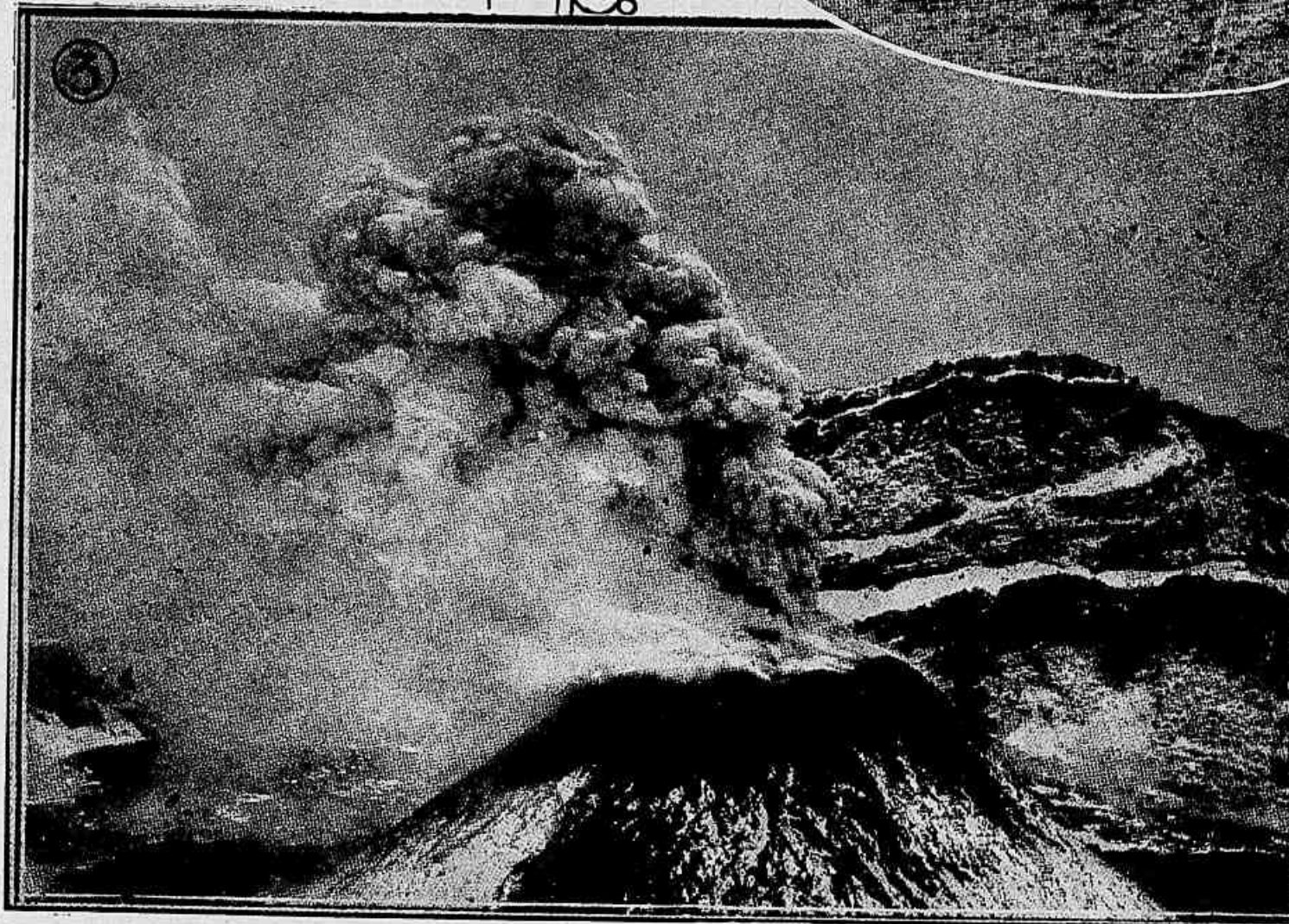
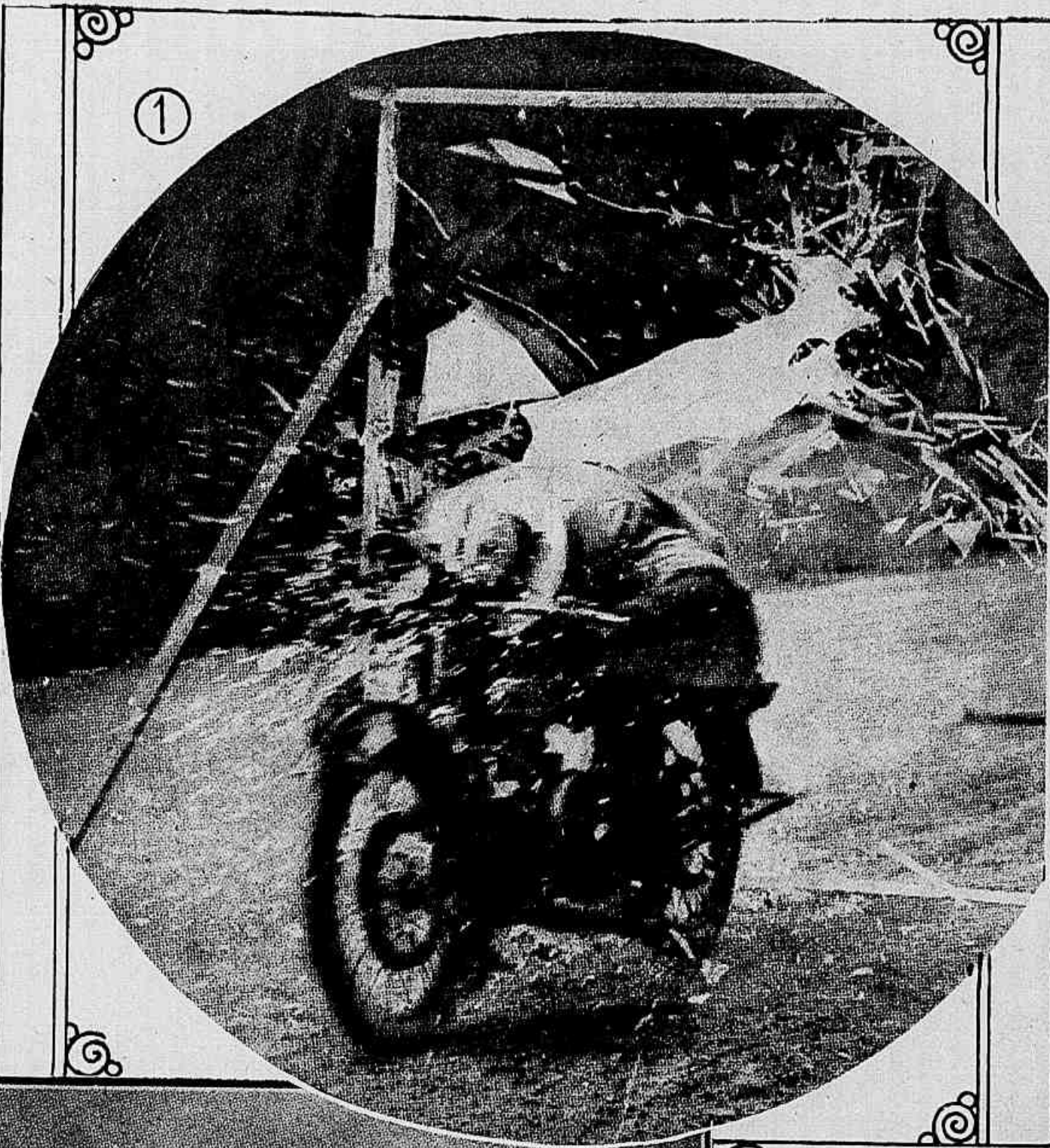
A. d'Enery

(*Serviço do Consorcio Internacional de Imprensa*).

Tres peças de popeline de um *blond* muito suave. O vestido direito alarga-se em baixo dos joelhos por um babado de grandes prégas redondas. A guarnição é feita de uma renda formando motivos geometricos decorativos.

Vestido de lamé marron e ouro, com babado e écharpe de tulle marron.

Sobre um fourreau de setim preto, uma longa tunica grega abrindo-se a partir do busto. O corpete é guarnecido de grupos de pospontos. O mesmo enfeite nas mangas.

Alguns penteados e enfeites para cabellos curtos ou compridos

O QUE VAE PELO MUNDO

1 — Harry Lorraine, o intrepido motocyclista inglez, atravessando com a sua machina, a toda a velocidade, um grande vidro, collocado em um bastidor, sem soffrer o mais leve arranhão. 2 — O "capitão Gulliver" e o "Major Mite", aquelle de dezenove e este de dezesete annos, dois extremos impressionantes em materia de estatura. 3 — Um phenomeno raro; a erupção do Vesuvio coincidindo com o inverno, apresentando um phenomeno meteorologico poucas vezes observado naquella região da Italia. Vê-se o Vesuvio, coberto de neve, deitando fumo. 4 — Carl Wolf, o foot-baller que, não prescindindo de oculos, é um notavel *back* e conseguiu um apparelho protector dos olhos, com arames fortes e flexiveis e supportes de borracha, e quando cáe não ha maneira de bater com o rosto no chão, porque os arames formam o natural anteparo e a borracha auxilia o movimento dessas rêdes de ferro flexiveis. 5 — Os funeraes do cardeal Mercier em Bruxellas: chegada do cortejo á cathedral de Santa Gudula. 6 — O multimillionario Henry Ford patinando na pista de gelo de Boston com uma bella *skieuse*. 7 — Funeraes do cardeal Mercier. O rei Alberto, o principe herdeiro e o general Foch seguem o coche funebre.

A REZA MILITAR

Quem passasse outr'ora á noite pelo Campo da Acclamação, hoje praça da Republica, ouviria, ás oito horas no inverno, ás nove no verão, ruido de vozes vindas dos baixos do Quartel General do Exercito, localisado no Ministerio da Guerra.

No edificio, durante o dia, houvera vae e vem militar e civil, aquelle desde a alvorada, seguida pela sahida das guardas, pelas differentes fainas profissionaes até o cahir da tarde, cheia de sól, de nuvens auri-vermelhas ou de lúto pesado pela chuva, pelos nuvões negros, ás vezes tremulos aos desenhos do relampago.

A certa altura da noite ouvia-se, no portão principal do Quartel, o toque de recolher, cornetas levando longe echos estridentes, calando-se para o rouco rufar dos tambores.

Cessado o toque, fechado o portão, levantava-se então um côro da parte inferior do quartel, em contraste de illuminação com a parte superior do edificio completamente ás escuras, salvo em dias de perturbação da ordem publica.

Que significava tal côro? A reza das companhias dos batalhões de infantaria aquartelados no Campo, alguns famosos por garbo e disciplina ajuntados a feitos de guerra. Acontecia isso com 1.° e 10.° de infantaria, durante tanto tempo commandados um por Enéas Galvão, o outro por Bragança e Thomé Cordeiro; um com entrada pela praça da Acclamação, o outro por um portão fronteiro á Estrada de Ferro D. Pedro II.

A reza nocturna dos quarteis, das fortalezas, dos navios de guerra ajuntava centenares de vozes para pedir o amparo divino, sobretudo pelo patrocinio da Virgem da Conceição, a padroeira da tropa nacional. Aos pés d'ella, no momento do Centenario de 1922, um soldado e um marinheiro depositaram coração de ouro, em nome da soldadesca e da maruja, n'um recanto da igreja da Cruz dos Militares, tão popular entre as cousas conhecidas da religião no Rio de Janeiro.

A Igreja unira-se ao Estado com a Independencia e como acontece em toda a parte onde tal união existe, altar e throno, alliados naturaes historicos, não se furtavam a cotovelladas reciprocas, ultramontanas ou regalistas.

Do consorcio da Igreja e do Estado provinha a manutenção de corpos ecclesiasticos, com graduações militares, nas corporações armadas do paiz, exercito e marinha, ambas sob o commando supremo do Imperador, segundo a lettra constitucional.

Instruidos pelos capellães militares, á mesma hora de recolher, em todo o Brasil, os quarteis rezavam, trazendo Deus ao seio do Exercito e ao coração dos soldados, lembrando a um e lembrando a outros a religião vinda do Descobrimento, da primeira missa na Patria.

Que importava não fossem as rezas nem sempre afinadas, os pensamentos em unisono subiam ao Creador, que se suppõe na creatura.

Para muitos dos que oravam em côro a prece fallava do lar distante, da familia afastada, onde e na qual começara o habito de rezar.

O presente renova o passado; o dia a dia recordava os annos preteritos, trazia saudades á flôr da vida.

Não raro o canto subia tão commovido que o transeunte beirando os quarteis parava e ficava a ouvir.

A prece votava o somno ao velar de Deus e á hora de deitar muito soldado velho fóra das fileiras e das suas incertezas de vida a relembrava com emoção.

Vinham-lhe á mente a sala da companhia ou do esquadrão; a massa dos companheiros ajoelhados; a supplica em commum. O militar apaizanado sentia-se outra vez no quartel, extinctos os echos das cornetas e dos tambores no toque de recolher, precedendo em bulha o toque de silencio — ordem para o somno, o houvesse ou não.

A' memoria do antigo soldado ou do marinheiro com baixa acudia a prece classica das forças militares nacionaes, aquella que nenhum militar ignorava e que official illustre, a principio cadete, chamou "a velha oração do soldado brasileiro."

"Oh! Virgem da Conceição, Maria immaculada, vós sois a advogada dos peccadores, e a todos encheis de graça com a vossa feliz grandeza. Vós sois dos céus princeza e do Espirito Santo esposa. Maria, mãe de graça, mãe de misericordia, livrai-nos do inimigo e protegei-nos na hora da morte. Amen".

ANTIGO EDIFICIO DO QUARTEL GENERAL DO EXERCITO — Praça da Republica.

Na paz commovia a reza militar, na guerra subia-lhe de ponto a eloquencia irresistivel, no coração de cada um a fallar baixo, na voz de cada qual á sôar alto.

Do poder da religião em guerra nossa conservou brasileiramente Dionisio Cerqueira o mais vivo testemunho em "Reminiscencias da Campanha do Paraguay", em muitas paginas "prises sur le vif", como diria general francez.

Assim no alto de collina paraguaya, em Potreiro Pires, appareceu aos olhos de divisão nossa uma capellinha, tecto de colmo, paredes de taipa de sebe.

Aos domingos toda a divisão formava para a missa, a infantaria acudindo em columnas contiguas para assistir ao sacrificio que tantas vezes e tão numerosamente symbolisa a vida de Christo, de cujo tumulo é forma o altar.

Approximava-se a elevação, a força genuflectia, cabeça nua, mão ao peito.

O sacerdote erguia a hostia, as cornetas rompiam em marcha batida, todas as bandas de musica pondo em clangor o hymno nacional, todas as bandeiras inclinadas ao chão.

Não faltavam fadigas, mas todos iam á missa satisfeitos. Todos não: um houve que, para se livrar de longa formatura, ateiou fogo á capellinha!

A divisão inteira sentiu o golpe, sem jamais descobrir o autor da torpeza sacrilega, encoberto só para os homens; não lhe morrera a consciencia e Deus o esperava. Homens ha que nunca deviam deprimir os lobos, sob pena de inferioridade na comparação.

Entretanto na alma de outros homens de peleja bem diversos do miseravel incendiario da capellinha não estava abolido o respeito ás cousas divinas como succedeu áquelle contingente de cavallaria da guarda nacional do Rio Grande do Sul chegado á cidade paraguaya de S. Pedro já no fim da guerra.

Eram officiaes, inferiores e soldados, alguns de barbas tão longas que lhes desciam ao peito, outros de cabellos trançados quasi até a cintura, gente montada á brida, pernas tesas, ponta do pé apenas na linha do estribo.

Entraram n'uma casa abandonada e rica, com salões mobiliados a primor, espelhos grandes a reflectirem consolos de marmore, sofás forrados de seda escarlate — e quão vivo é o rubro nos espelhos! — vasos e candelabros de bronze. N'um oratorio havia imagens avantajadas e bello Christo posto na cruz.

Tudo foi saqueado por aquella gente brava, na mór parte de bom coração, impregnada de guerra e de atavismos bellicos. Mas segundo testemunho ocular: "Nos santos do oratorio não tocaram foram respeitados, apezar de *paraguayos;* os guerreiros eram crentes".

Ou elles ou o incendiario da capellinha, o homem que não podia fallar dos lobos.

Esqueçamol-o para lembrar centenas e centenas de valorosos acampados no meio do outono em Tuyuty, nas vesperas de grande batalha, n'uma terra cuja humidade tão bem explicava a presença de dois rios immensos, com uma côrte de lagôas e banhados e de matta virgem.

Flôres, Mitre, Osorio cada qual commandava a sua gente, vinda de tão longe para combater o maior dos fanatisadores do Paraguay, a elles de longa data tão sujeito.

Era a 23 de Maio de 1866. Anoitecia sobre a vespera de uma batalha. Ao toque de recolher, ás oito horas, todos os corpos formaram. Houve a chamada, os sargentos puxaram as companhias para a frente de bandeira, resou-se o terço e os melhores cantores entre as praças entoaram a prece á Senhora da Conceição.

Toda a supplica vibrava repassada de sentimento; d'ella sobretudo as ultimas palavras mais fundo impressionavam:

"Maria, mãe de graça, mãe de misericordia, livraenos do inimigo e protegei-nos na hora da morte."

As musicas de quarenta batalhões tocaram acompanhando a prece emquanto o luar se estendia algente sobre os campos como a desdobrar de antemão o sudario dos mortos do dia seguinte.

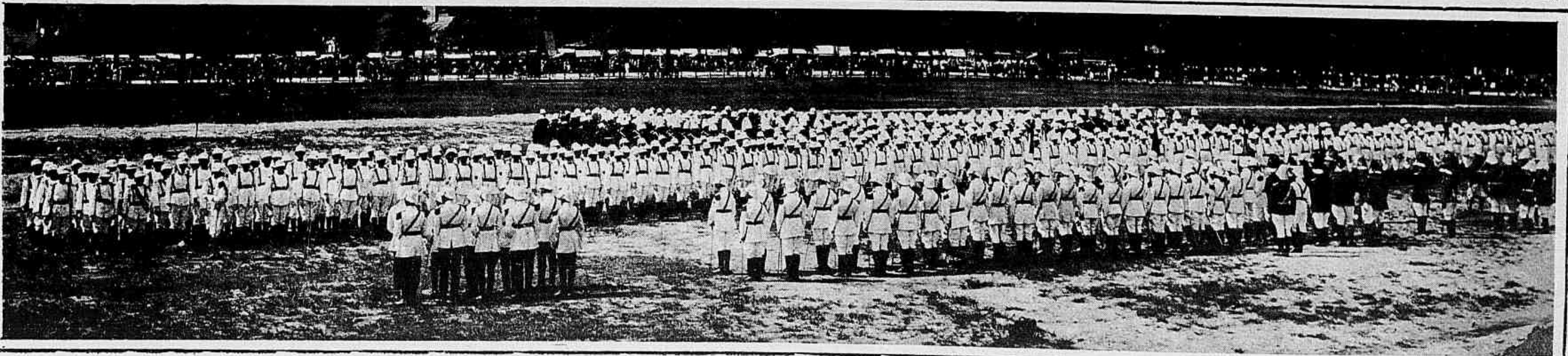
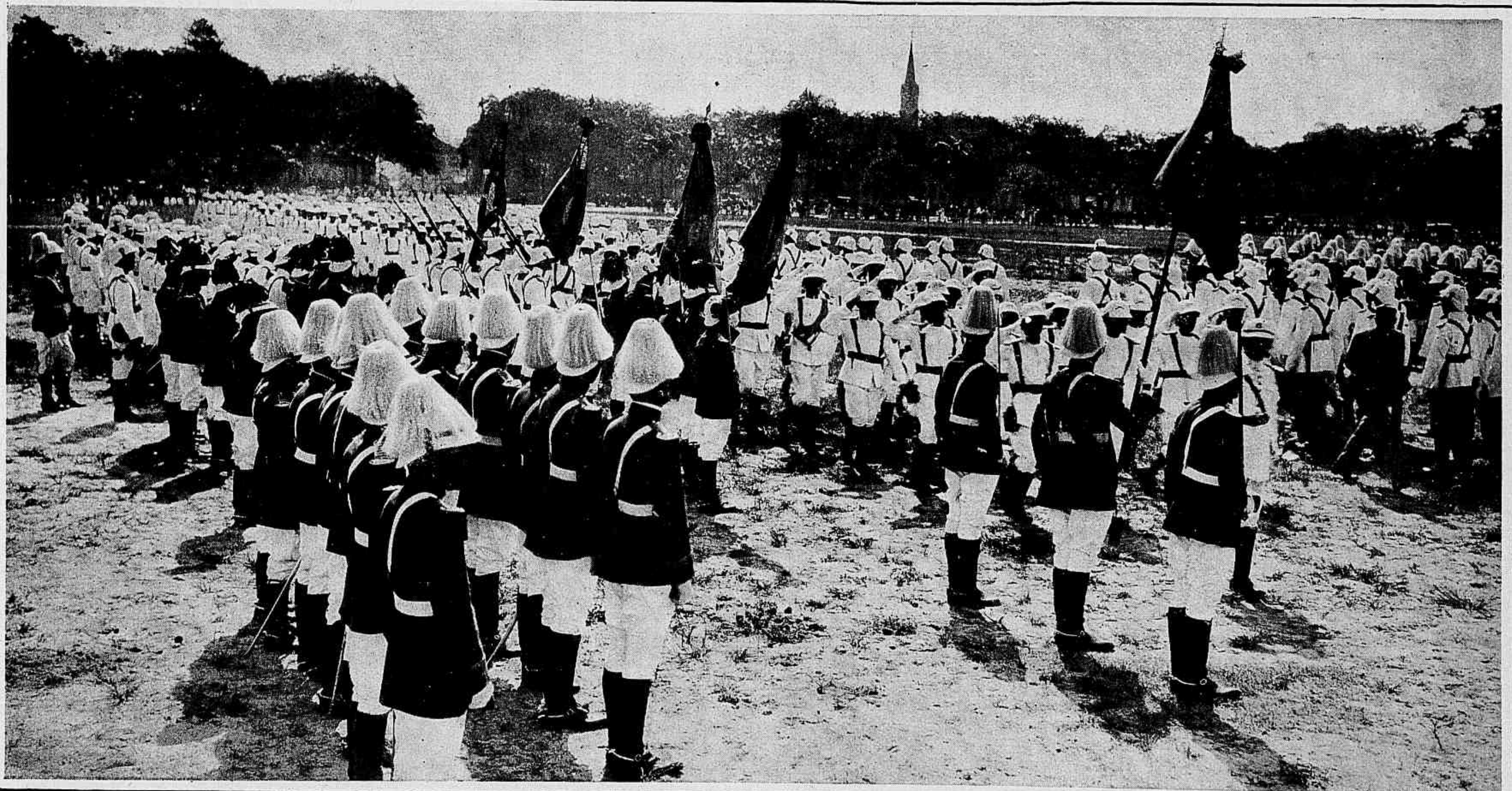
Tocou "ajoelhar corpos", todos cahiram genuflexos entoando o "Senhor, misericordia", muitos a jogar ultima noite na terra.

Na hora da desgraça, da duvida ou da morte Deus procura em vão os seus inimigos, tão abundantes nas occasiões da prosperidade.

Escragnolle Doria

OS SORTEADOS DE 1925 JURAM A' BANDEIRA

Esta pagina encerra aspectos varios da reunião havida no Campo de São Christovam por occasião do juramento á bandeira prestado por uma parcella dos sorteados desta região militar, e tão somente nesse Campo, por isso que, contrariando a praxe seguida, a tropa foi dividida em dois destacamentos, tendo o que foi composto de unidades aquartelladas na Villa Militar, accrescido de algumas unidades, formado na propria Villa.

Entre as nossas gravuras, que representam varias phases da ceremonia, juramento, formatura e evoluções, destaca-se em primeiro logar um grupo composto de altas patentes do Exercito, vendo-se no primeiro plano, á paisana, o sr. marechal Setembrino de Carvalho, ministro da Guerra, tendo á direita o general Tasso Fragoso, chefe do Estado Maior do Exercito, e á esquerda o general Menna Barreto, commandante da Região.

PAGINA DE EVA

HABILIDOSAS

Estavamos de visita em casa de madame Leonel Machado, senhora corpulenta e expansiva, mãe de tres filhas casadoiras, que ha pouco dobrou o temeroso cabo dos cincoenta. Madame Leonel Machado costuma receber ás primeiras terças-feiras de cada mez.

Estas recepções, regularmente concorridas, ella as preside com a ajuda das tres pequenas e de Miss, a governante ingleza a que o snobismo reserva a importante funcção de acompanhadora official de meninas ricas.

Miss é uma creatura magra e agrisalhada, com um colorido equivoco nas faces pudicas e uns pequenos olhos bisbilhoteiros de myope. Duas contas de azul desbotado atrás dos vidros do inamovivel, pince-nez. Miss é discreta, de uma discreção instinctiva além da profissional, e seus movimentos ageis, promptos, silenciosos são uma de graça macia, como que friorentamente envolvida em algodão.

Miss pouco fala. Quando o faz, é sempre para dizer, num abominavel portuguez, cousas absolutamente falhas de interesse, embora impeccavelmente correctas. No seu eterno vestido azul-marinha, que lhe deixa á mostra os pés maiores que jamais haja produzido a velha Albion, tem um ar de respeitabilidade que impõe consideração e a torna a mais apropriada das companhias para as trez desenvoltas melindrosas que são as tres filhas de madame Leonel Machado.

Afiançam as más linguas — e é notorio como esta especie de lingua dispõe quasi sempre do dom de dupla vista — que as recepções da digna senhora têm por fim o mais tocante dos intuitos: o casamento das meninas. Madame Leonel Machado, porém, affirma a quem queira ouvir que só recebe em casa por espirito de selecção. E' de opinião que a mocidade se divirta, mas em termos e com pessoas que conheça, sob a vigilancia fiscalizadora de seus olhos severos. Madame Leonel Machado, lá nos arcanos impenetraveis de sua alma maternal, concebeu o geitoso plano de, sem dar muito na vista, manhosamente, entre a offerta de um prato de brioches e a indagação sobre o ultimo mexerico, fazer sobresahir as prendas e habilidades das filhas. Simples questão de valorisação de mercadoria. Para a galeria, no emtanto, o grosso do publico que não lhe póde perceber a artimanha do processo, madame Leonel Machado não passa de uma matrona de ideias circumspectas, educando as filhas pelos moldes antigos, cheia de censura e de virtuoso horror ante a desoladora dissolução dos costumes modernos.

O que mais lhe accende a ira indignada é a ociosidade, a culpada e vergonhosa ociosidade em que vivem immersas as moças de agora.

— O que as corrompe — costuma dizer abanando com o leque precipite o rosto ligeiramente congesto — é a falta de que fazer. Não se occupam, não se distráem proveitosamente, vivem de mãos abanando e por isto só querem andar mettidas nos cinemas ou pelas ruas, para baixo e para cima, exhibindo-se e namorando. Eu, por mim, não consinto tal cousa em minha casa. Minhas pequenas divertem-se, mas occupam-se. O marido que as levar não será mal servido, garanto-lhes, pelo menos ha de ter mulher sabendo servir-se dos seus dez dedos!

Madame Leonel Machado é apoiada nesta sua ponderosa maneira de ver por um grupo concordante de amigas e conhecidas, no qual encontram as suas theorias o applauso de um chôro barurento de exclamações approvativas.

As recepções de madame Leonel Machado passam-se pois em admirar o trabalho dos dez dedos da sua habilidosa progenitura.

— Foi V. quem bordou aquella almofada, Jújú?...

— Sim, senhora, fui eu — replica a interpellada baixando modestamente as palpebras pesadas de Kohl — ficou bonitinha, não acha?...

— Ficou uma belleza, menina: estas applicações bordadas a fio de ouro são de effeito muito novo e original. V. está ficando uma verdadeira artista!

Madame Leonel Machado tem um abafado gorgolejo de satisfação, emquanto a joven Jújú, accentuando o ar de modestia, lança para os lados do Manoel Serreiro, o unico rapaz viavel da reunião, uma olhadelazinha interrogativa e esperançosa: que effeito lhe terá produzido no animo a revelação daquella habilidade?... O Manoel permanece, entretanto, indecifravel como a propria Esphinge do deserto.

— E os stores de filet, mandaram-nos fazer?

— Oh! mandar fazer — atalha num riso superior a dona da casa — para que tenho eu filhas, então?... Fazemos tudo em casa, minha cara, é mais economico e entretem as meninas. Foi a Zázá quem fez os filets e armou os stores.

— Estão lindos! — exclamamos na ingenuidade de nossa admiração — que delicadeza de trabalho e que paciencia para executal-o! Parabens, a Zázá é uma verdadeira perfeição em filet!

A "perfeição" posta assim em saliencia tem o mesmo sorrir modesto da irmã, embrenhando-se numa sabia digressão sobre trabalhos de agulha, emquanto o Manoel Serreiro, distrahido, se absorve na profana contemplação da blusa bordada da pequena madame Cesar Borromeu, uma mulherzinha bonita como o demonio, cujo decote sorri mais promissoramente ainda do que os seus polpudos labios entumescidos de carmim.

— Deliciosas estas mães-bentas! Encommendou-as ao Ernesto? Não ha ninguem para mães-bentas e trouxas d'ovos como o Ernesto!

— O meu Ernesto é esta garota — declara orgulhosamente madame Leonel Machado, empurrando para a frente a Lili, uma pequenota que se diria tirada de uma fita americana, — é a doceira da casa.

Entrecruzam-se exclamações extasiadas, num concerto de elogios á educação caseira e bem entendida das meninas. Approximamo-nos de Miss.

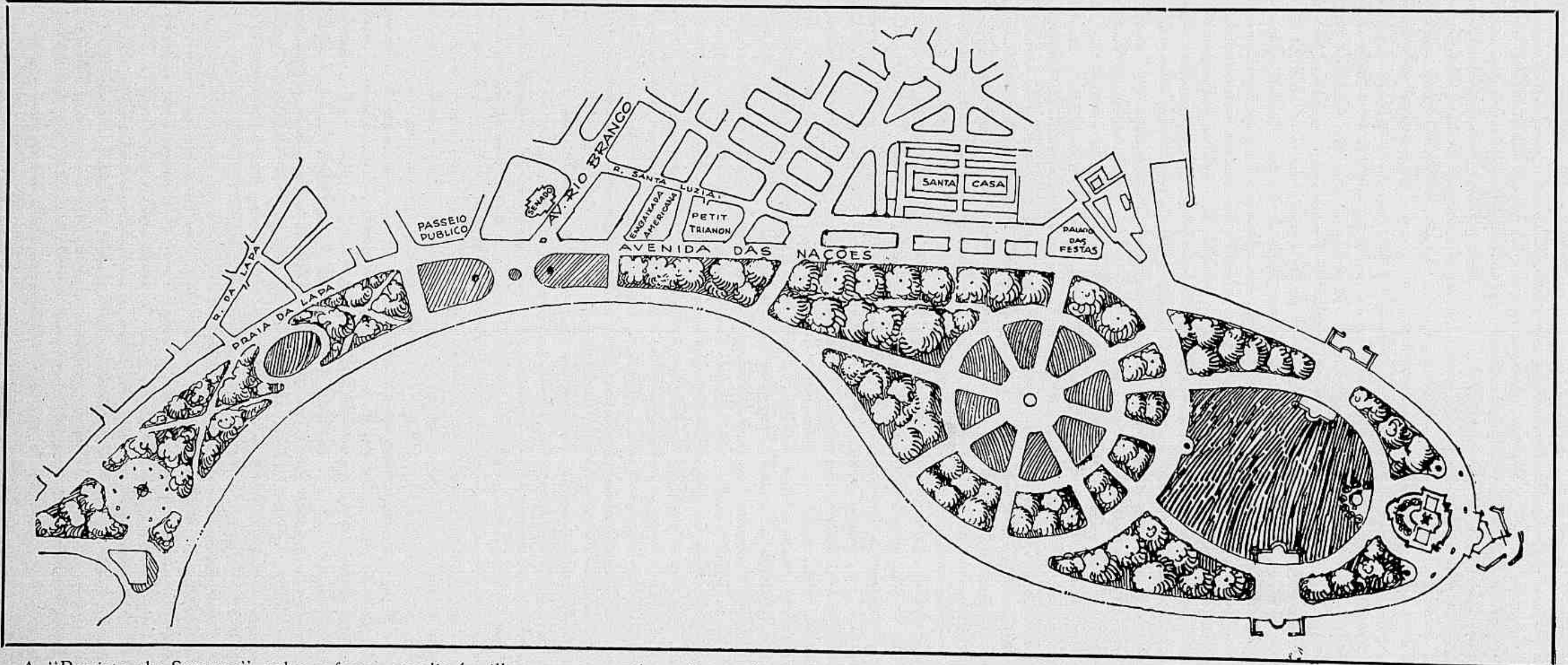
Acha-se no seu posto, atrás da mesa de chá, enchendo as chicaras, preparando os copos de refresco, distribuindo os pratos de dôce, alerta, activa, providencial.

— Então, Miss, como vai passando?... — perguntamos com cordialidade — parece-me um pouco fatigada hoje. Não deve ter, todavia, muita lida com estas mocinhas tão trabalhadeiras e ajuizadas!

E ella, mostrando os largos dentes anglo-saxonicos num sorriso sem malicia, com a candura de sua simplicidade ou talvez, — quem sabe?... — numa represalia vingadora de sua silenciosa ironia:

— Oh! trabalho com ellas, *no*... E' que me deitei muito tarde hontem, acabando os stores que Madam queria para hoje e levei toda a manhã a fazer bolos e dôces para o *tea*. Estou um pouco cansada, *indeed!*

Maria Eugenia Celso

SALVE-SE A ESTHETICA EVITANDO-SE UM CRIME

A "Revista da Semana" volta a fazer echo com os que clamam contra a alienação dos terrenos conquistados ao mar, nas curvas da Lapa e Gloria, certa de interpretar a aspiração de todos os que têm uma noção de esthetica e conforto.

Concluido o aterro da parte em questão, o sr. prefeito Alaor Prata, contra toda espectativa e vetando a primitiva razão de ser do desmonte do morro do Castello, que estava destinado a aterrar uma vasta área para um futuro bosque á beira-mar; o sr. Alaor assumiu a responsabilidade de sacrificar a belleza e as condições da cidade confiada á sua administração e pôz em leilão a nova zona littoranea! Felizmente, ou porque a Prefeitura pretendesse, com preços elevadissimos, crear uma receita formidavel, tirando um lucro fabuloso da venda; ou porque os capitalistas encontrassem na abstenção uma formula eloquente de protesto, o facto é que os novos terrenos conquistados ao mar não se venderam. Bem se diz que Deus é brasileiro e que dá remedio áquillo que vem sendo malbaratado pela má orientação administrativa.

Parece, entretanto, que a Prefeitura insistirá na alienação, provavelmente visando lucros menores, com menos propositos de agiotagem, e certamente tambem mais consciente do desserviço que prestará á capital do paiz.

O Rio é uma cidade bastante extensa e que se hoje em dia carece de augmento bem póde expandir-se em altura. Essa affirmativa decorre da existencia de terrenos baldios na zona urbana e no proprio coração da cidade, e das reconstrucções que visam sempre a expansão das habitações para o alto.

Não ha, pois, motivo algum que leve os administradores á procura de terrenos para habitações e muito menos nas condições da zona conquistada ao mar.

O Rio littoraneo vae apresentando já o aspecto monumental das grandes capitaes do mundo. Multiplicam-se as edificações de varios andares e, necessariamente, a população ficará mais condensada. Para essa população agrupada em dezenas de andares de predios enormes, não existem o conforto e a hygiene dos jardins que, de resto, foram um dos encantos dos nossos arrabaldes e que hoje se nos apresentam, quando não supprimidos por completo, reduzidos a proporções exiguas pela mutilação. Esses jardins particulares não existem no centro da cidade; portanto, mais uma razão para que se multipliquem os jardins publicos, e principalmente no Rio de Janeiro, cuja natureza é tão prodigiosa que chega a ser, na bocca dos maledicentes, a unica cousa que provoca admiração entre nós.

Os nossos actuaes parques são, em via de regra, destinados ou frequentados pelos moradores das circumvisinhanças. A zona do littoral carioca anda a carecer de um. E a opportunidade que se nos depara é, sem duvida, maravilhosa e unica, e se a perdermos jamais voltaremos a tel-a.

A necessidade não é, em verdade, immediata; mas o tino administrativo deve ter em vista não as condições de momento, mas as possiveis e provaveis condições futuras. E o Rio de Janeiro central cresce para altura dia a dia, concentrando a população superposta em andares varios; cresce e dá a impressão de, em tempo não remoto, offerecer-se, monumental, através da imponencia dos "arranha-céos" em toda a faixa littoranea.

O bosque suggerido para o aterro seria, sem duvida alguma um dos mais bellos do mundo pela situação topographica e pelo contingente que a uberrima natureza não saberia negar.

Desse parque, que, em bem da esthetica e da hygiene, o sr. Alaor deve realizar, damos um pequeno esquisso, da Gloria ao Calabouço, feito pelo brilhante architecto sr. J. Cortez, esquisso esse assás eloquente para mostrar o esplendor que adquiriria a bella curva projectada sobre as aguas da Guanabara. Acceite o sr. Alaor a nossa suggestão, traduzida no formoso esboço do sr. J. Cortez, e terá redimido falhas possiveis na sua administração com uma obra immortal e soberba.

O Verão nas Praias

Sereias, ondinas, nereides... Serão differentes? Talvez o sejam... As nossas praias, porém, egualam-n'as e ellas vivem irmanadas diante da nossa retina, porque têm todas a mesma graça, balouçam-se sobre a mesma vaga mansa, colleiam sobre a mesma areia prateada. A praia é a unica cousa que existe. Que importa o que a cerca, quer sejam os *bungalows* elegantes ou as rusticas palhoças? Ellas, as sereias modernas, têm o condão de induzir á abstracção, e o nosso olhar vive apenas de olhal-as, de contemplal-as enlevado, nada mais abrangendo além do pequenino espaço de praia em que ellas ostentam a sua graça irresistivel e incomparavel. E quem as viu na hora alacre do banho que as veja agora, embora em bem pequeno numero, nas gravuras desta pagina...

Concurso da Aspiração Feminina

A "REVISTA DA SEMANA" PERGUNTA A'S SUAS LEITORAS:

Que mulher desejaria a senhora ser?

O CONCURSO DA ASPIRAÇÃO FEMININA obedecerá ás seguintes condições:

1.a — As concorrentes poderão designar qualquer mulher, tirando-a da Historia, da Lenda ou da ficção litteraria.

2.a — A justificação da escolha não poderá ir além de doze linhas á machina em papel da largura geralmente usada pelos dactilographos.

3.a — As respostas deverão ser assignadas por uma phrase ou palavra qualquer; e em enveloppe separado e fechado deverá vir a mesma palavra ou phrase, acompanhada do nome da concorrente. No mesmo enveloppe, por fóra, se escreverá a phrase ou palavra em questão. Assim, o nome verdadeiro só será conhecido em caso de premio ou menção honrosa; e tal a razão da nossa exigencia que não serve senão para garantir ou favorecer as concorrentes.

4.a — A REVISTA DA SEMANA reserva-se o direito de supprimir summariamente as respostas que lhe pareçam menos proprias para figurar nas suas columnas.

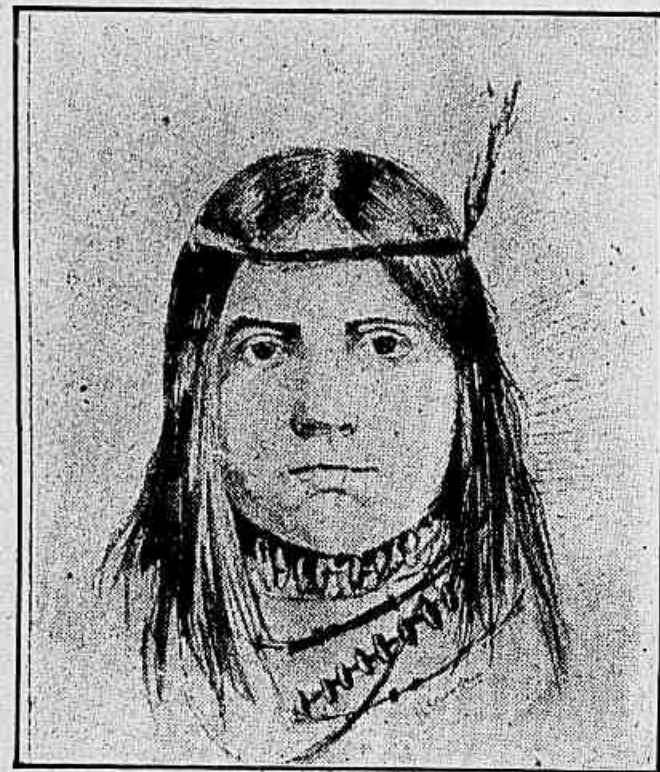
5.a — O jury deste concurso compor-se-ha de tres nomes notaveis nas letras brasileiras.

6.a — A REVISTA DA SEMANA estabelece para as autoras das tres melhores respostas tres premios respectivamente constituidos por joias dos seguintes valores: — 1.° premio, Rs. 1:000$000; 2.° premio, Rs. 500$000; 3.° premio, Rs. 300$000. Essas joias poderão ser escolhidas em qualquer estabelecimento pelas proprias concorrentes premiadas. Além disso, haverá as menções honrosas que o Jury determinar e que consistirão na reproducção das respostas, com os nomes das autoras. E todas as recompensas comprehenderão retrato, na REVISTA DA SEMANA, das senhoras ou senhorinhas contempladas.

A REVISTA DA SEMANA continuará a publicação de figuras femininas com os respectivos dados biographicos e ao concluil-a fixará o prazo para o recebimento das respostas.

D. CLARA CAMARÃO

A india heroica, rebellada contra o captiveiro hollandez.

Esposa do famoso capitão Antonio Felippe Camarão, tornou-se tão merecedora como o marido da fama de bravura entre os que se distinguiram na luta dos povos brasileiros sob o dominio dos Felippes hespanhoes contra a invasão hollandeza no Norte do Brasil. Acompanhou o marido durante toda a guerra em infatigaveis lutas e correrias. Combateu á testa de amazonas brasileiras, idolatrada por seu valor. Foi, sobretudo, notavel no combate de Porto Calvo, em cuja povoação se havia fortificado o conde de Bagnuolo, general das forças luso-castelhanas.

D. Clara Camarão

Na retirada d'esse exercito, os combates de retaguarda foram muito auxiliados pelas Amazonas de D. Clara. Ella foi muito amada de seu marido e mereceu a attenção de seus compatriotas. Era de puro sangue indio como revela o seu perfil, cabellos corrediços e olhos acanhados.

MLLE. DE SOMBREUIL

A heroica bebedora de sangue, que deu, sob a Revolução Franceza, um dos mais bellos exemplos de piedade filial.

Seu pae, governador dos Invalidos, fôra encerrado na prisão da Abbaye. Ia ser morto, quando ella conseguiu obter o seu perdão consentindo em beber um copo de sangue que lhe apresentava um feroz *sans-culotte*. Seria realmente sangue o que continha esse copo ou vinho derramado em um copo manchado apenas externamente pelas mãos ensanguentadas do carrasco?

E' um problema ainda não resolvido.

Mas, num ou noutro caso, o gesto de mlle. de Sombreuil não é menos digno de uma grande alma e comprehende-se que tenha sido altamente celebrado por escriptores como Thiers, Quinet e Michelet, e por poetas como Victor Hugo e Lamartine.

ANNA DE BRETANHA

A filha do duque bretão Francisco II e sua unica herdeira que, desposando successivamente dois reis de França, lhes cedeu, á guisa de dote, a posse da sua provincia natal.

Foi primeiramente mulher de Carlos VIII e governou o Estado durante a expedição desse monarcha á Italia. Casou-se em seguida com Luiz XII, do qual teve uma filha, Claudia de França, que desposou o duque de Angoulême, tornado pouco depois o rei Francisco I, sob o reinado do qual a Bretanha foi definitivamente annexada á corôa.

Anna de Bretanha

Essa princeza, um pouco altiva mas não despida de espirito politico, ficara bretan de coração sobre o throno da França. Seu nome é ainda popular no paiz d'Armor. Os poetas cantaram-n'a sobre as margens do Sena.

E' ella, a um tempo, a encarnação da pequena e da grande patria.

A MÃE DE NAPOLEÃO

Laetitia Ramolino, a humilde burgueza de Ajaccio que deu á luz o mais glorioso capitão, o mais genial *parvenu* dos tempos modernos. Cabeça de homem sobre um corpo de mulher, especie de Cornelia antiga, após haver tudo supportado e tudo arrostado quando da invasão do seu paiz, por muito tempo pobre, educou sem esmorecimentos os seus oito filhos e não deixou de orgulhar-se quando viu um delles aspirar aos mais altos destinos.

O seu rude bom senso fazia-lhe temer por elle a instabilidade das cousas humanas.

"Meu filho — dizia-lhe ella — ha palacios que não são mais solidos do que castellos de cartas."

Tornando-se a Senhora Mãe na côrte imperial, não se embriagou com o luxo que a cercava. Continuou simples e economica, pensando sempre no dia seguinte. Quando esse dia foi o Waterloo, foi ella fixar-se em Roma, tão nobre, tão digna na desgraça quanto havia sido modesta na fortuna, sobrevivendo por espaço de quinze annos ao exilado de Santa Helena.

Lætitia Ramolino Bonaparte

MADAME DE SÉVIGNÉ

Uma das mais illustres parisienses. Uma das glorias da litteratura franceza. A mulher de lettras por excellencia. A rainha das epistolographas...

Nascida Marie de Rabutin-Chantal, tinha apenas um anno quando seu pae foi morto defendendo a ilha de Ré contra os inglezes. Cinco annos depois, morta sua mãe, era posta sob a tutella do seu tio materno, Philippe de Coulanges, que a fez educar e instruir com muito cuidado.

Aos dezoito annos era uma joven absolutamente seductora, com lindos cabellos louros, tez de lyrio e bellos olhos azues cheios de vivacidade e malicia. Entre muitos dos que lhe aspiravam á mão, escolheu um fidalgo bretão, o marquez Henri de Sévigné, que se lhe afigurou um esposo cheio de ternura e a quem deu dois filhos: uma menina, Francisca, e um rapaz, Carlos. Infelizmente, após sete annos de casada, o marquez era morto em duello. Aos vinte e cinco annos, a marqueza era viuva.

Dedicou-se então inteiramente á educação dos filhos, morando ora na Bretanha, ora em Paris, onde Turenne, o principe de Condé e o superintendente Fouquet não deixaram de lhe fazer côrte assidua. Mas foi em vão. Só os seus filhos existiam para ella. Mesmo quando firmados na vida, continúam a ser o principal objectivo das suas preoccupações. Sua filha principalmente que, após haver brilhado no mundo, passando por ser a mais bella filha de França, desposou o conde de Grigian, tenente general na Provença, teve de seguir seu marido, isto é de ir viver longe de sua mãe.

E' a essa separação que devemos tantas cartas encantadoras e espirituaes, documentos historicos e litterarios de primeira ordem. Mme. de Grignan foi a grande, a unica paixão de sua mãe. E póde-se dizer que morreu por ella, como por ella vivera, pois foi cuidando della que contrahiu a molestia que deveria matal-a.

Mme. de Sévigné aos 25 annos de edade.

O castello dos Rochedos onde habitaram a marqueza de Sévigné e seus filhos.

Pernas e pés

de Renato Kehl

COM a interessante e economica moda actual dos vestidos á altura dos joelhos, toda a gente está habilitada a apreciar a plastica das pernas femininas, divisando perfeições mirificas ou, o que é aliás mais frequente, mortificando-se com defeitos que ferem os sentidos estheticos.

Outr'ora (não me refiro a épocas remontadas de annos, mas ha uma década), constituia uma lança em Africa vêr-se um palmo de perna ou mesmo um tornozelo esquivo, que o descuido da dona recatada deixava antever por segundos. Lembro-me dos meus tempos de academico, em que era occupação predilecta de grupos de moços e até de velhos postarem-se sequiosos no ponto dos bondes da Jardim Botanico, para surprehender algo de pernas das nossas patricias, com a paciencia e pertinacia dos pescadores de perolas extraordinarias nos abysmos dos mares.

Tenho observado que já não subsiste tal preoccupação, com igual fervor. O grupo ávido de sensações estheticas não mais se reune lá. E' que as *pernas á vista* se tornaram vulgares, encontradiças em toda parte.

Comquanto partidario declarado e mesmo enthusiasta da moda escassa em pannos, destes ultimos tempos, quando ella não ultrapassa certo limite da decencia e da moderação — confesso que as saias curtas me têm proporcionado constantes decepções, tantas são as pernas mal torneadas, as pernas exageradamente grossas ou finas ou tortas que com desprazer vejo a todo instante.

Nunca pensei serem tão raras as pernas femininas bem modeladas. Si a maioria dos homens tivesse alguma noção esthetica do que seja um par de pernas perfeitas tomando esta perfeição em conta para a escolha matrimonial — o mundo se despovoaria de filhos legitimos! Felizmente noventa e nove por cento dos homens não entendem disso, nem de todos os demais roliços e caprichos da natureza feminina.

Não exagero dizendo que, ao vêr algumas representantes do sexo feminino num bonde, num cinema, enlevando-me com os seus encantos, presuponho sempre a possibilidade de uma decepção, quando se levantam, mostram as pernas, os pés e andam.

O genial esculptor da Venus de Milo, que Reinach pretende representar a deusa do mar Amphitrite, ao esculpir essa obra prima, forte e serena, expressão completa da saude do corpo e do espirito, cobriu com uma tunica as extremidades da deidade grega. Não se pode admittir que assim fizesse para dar maior realce esculptural ao tronco e cabeça, reveladores da belleza hellenica na sua majestosa divindade. Teria o discipulo de Phidias recoberto os membros inferiores que deixára para remate, receioso de comprometter a obra feita, ao esculpir as pernas e pés em desacordo com a perfeição da parte nobre do corpo, já prompta? São supposições inadmissiveis, talvez, considerando o engenho e a magia do magistral esculptor.

Não ha duvida, quanto á difficuldade de esculpir os membros inferiores, sendo mesmo controvertido o gosto artistico neste particular. A arte do Renascimento, principalmente em seu primordio, dava preferencia ás pernas com uma curvatura mais forte; nos ultimos tempos, manifestou-se a tendencia em seguir o gosto do renascimento germanico, como observa Bruecke. Em certos detalhes os artistas actuaes se divorciam, talvez por influencia de particularidades de raça, evidenciadas entre as italianas e francezas que apresentam, commumente, pernas mais curtas, ao contrario das inglezas, allemãs, polacas e slavas meridionaes, que as apresentam alongadas.

Examinando-se as pernas e pés que passam aos milhares ao alcance de nossa vista, verificamos quão raras são as perfeições, mesmo relativas. Vêem-se cabeças admiraveis, troncos primorosos, braços magnificos, mas rarissimos pés e pernas bonitas, devido ás anomalias de crescimento, ás curvaturas osseas, ás tumefacções epiphysiarias ou nodosidades, á deficiencia ou excesso de paniculo adiposo, á atrophia dos musculos posteriores, muito frequente em certas raças.

Ha pronunciada tendencia entre as mulheres de vida sedentaria para o encurtamento progressivo das pernas (pernas "culs de jatte"), defeito esse que se vae accentuando com o tempo. Nellas a coxa é mais longa que a perna de 5 a 10%, tomando-se a medida vertical, na posição tambem vertical do corpo. Si tomarmos a medida da coxa por meio de uma regua, esta deve corresponder á distancia do ponto de juncção do femur com a tibia, ao meio, mais ou menos, da altura do pé, entre o maleolo interno e a planta do pé. A coxa nas proporções normaes deve ser pouco mais longa que a perna, sendo considerada como perfeição a finura relativa dos tornozelos. A circumferencia da panturrilha deve apresentar-se pouco menor que a do pescoço e um pouco mais que a do braço em flexão. No meu livro "A Cura da Fealdade" dou as differentes medidas relativas ás differentes estaturas, não só das pernas como das demais partes do corpo. Nesse livro, uma joven de 1,60 de estatura, de compleição normal, figura com perna do comprimento de 36 a 38 centimetros.

Existem cinco pontos de contacto de grande importancia para a belleza dos membros inferiores. São elles no terço superior das coxas, no bordo interno dos joelhos, na parte interna das panturrilhas, nos maleolos internos e nos calcanhares. Uma joven em posição erecta deve apresentar esses cinco pontos de contacto, que desenham entre os dois membros quatro espaços ovaes ou losangicos. Quando as partes molles estão mal distribuidas, ou quando existe excessiva quantidade de gordura esses cinco pontos desapparecem, o mesmo acontecendo no caso de encurvamento osseo. Um dos defeitos mais communs é o dos joelhos se tocarem ficando os calcanhares afastados e as pernas meio abertas. Outro é o afastamento dos joelhos quando os calcanhares se acham unidos formando-se entre as pernas um grande ou pequeno vácuo.

E' notavel a linha impeccavel dos membros inferiores, vendo-se os cinco pontos de contacto: parte superior das coxas, joelhos, barriga das pernas, tornozellos e calcanhares.

E os pés? Que direi dos pés? Que a tantos fetichistas inspirou o estro, como a José Bonifacio, o moço, que cantou

. . . .

Tenho gostos humildes:
Amo espreitar a negligente perna
Que mal se esconde nas rendadas saias
Ou vêr subido o patamar da escada
Sem azas, a voar, um pé de fada.

Para ser bello deve ser enxuto, fino, estreito, com artelhos longos e direitos, e não chato e grosso, com artelhos recurvados e grossos, de tamanho correspondendo em comprimento ao da curva do antebraço á ponta do cotovello, isto é á prega do punho. O dorso deve ser ligeiramente elevado, não em demasia, como é commum entre as hespanholas, e se vê figurado na *Harmonia* do esculptor hespanhol Gaudarias, que foi exposta em Vienna, em 1982.

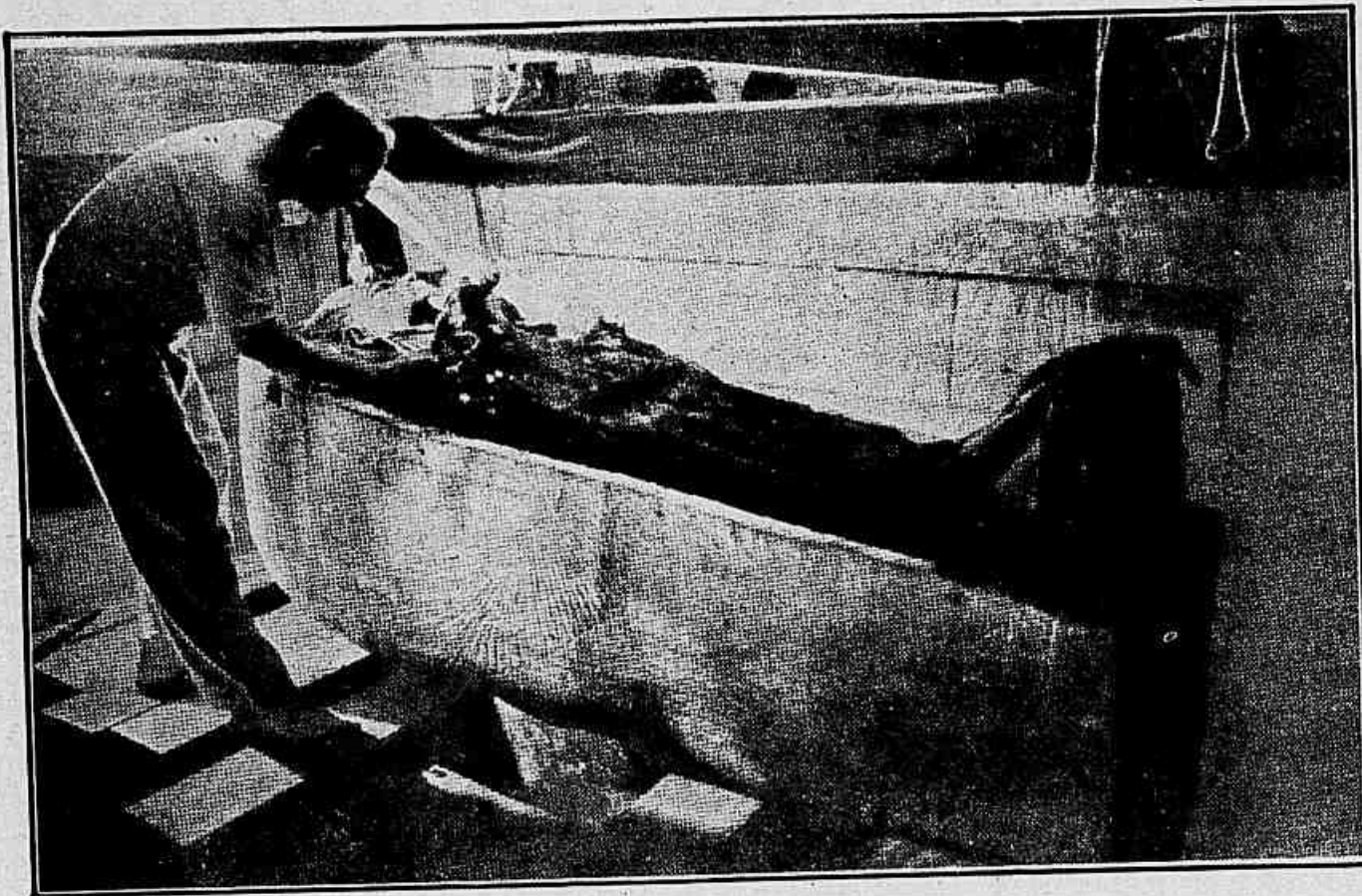
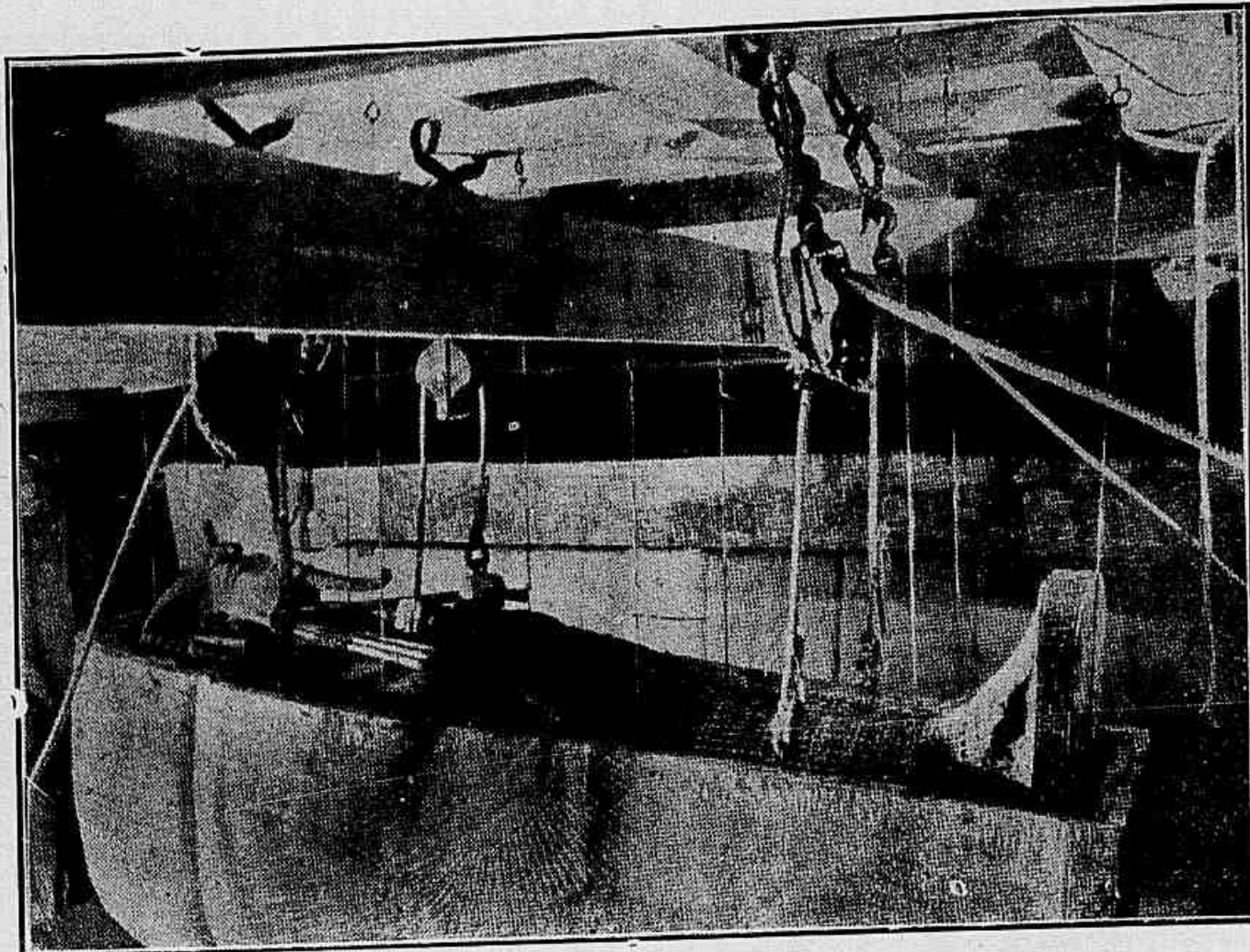
Outro defeito que se nota commumente é o pé de dorso baixo e calcanhar muito alongado, commum entre as inglezas e americanas.

Dorso alto, excessivamente alto, não é, como se pensa, um signal de perfeição e fidalguia. O que deve ser considerado "signal de pureza de raça" é a delicadeza dos tornozelos, é a leveza graciosa dessas extremidades, que se destinam "a matar gente e pisar flôres", no dizer allegorico do poeta.

Pé bem formado com dedos perfeitos.

DR. RENATO KEHL.

Impressões do pé normal e do pé chato.

Os sarcophagos e a mumia de Tut-Ankh-Amen

O primeiro sarcophago exterior, de madeira dourada, aberto, vendo-se o sr. Howard Carter retirar o envoltorio que cobre o segundo sarcophago.

O systema de cabos e roldanas que foi preciso estabelecer para retirar o segundo sarcophago de dentro do primeiro.

A 18 de Fevereiro de 1923, em presença da rainha dos Belgas, do principe Leopoldo, lord Allenby, lord Carnarvon e M. Howard Carter, foi aberta a terceira camara do hypogeu de Tut-Ankh-Amen — aquella onde se suppunha encontrar-se encerrada a mumia do Pharaó. Ao clarão dos projectores electricos, avistou-se um immenso catafalco de madeira finamente trabalhada e revestido de uma camada de ouro com incrustações de faience azul. Sobre uma das suas faces, o catafalco mostrava duas pesadas portas de bronze que davam accesso a um segundo relicario interior, munido tambem de portas selladas. Tratou-se logo, com minuciosas precauções, de desmontar esse apparelho funerario, e o trabalho continuou através de campos archeologicos, limitada a sua duração a alguns mezes em razão dos grandes calores. Os vastos relicarios de madeira, de proporções de verdadeiras camaras funerarias e encaixando-se uns nos outros, eram em numero de tres. Continham elles um enorme sarcophago de grés que servia de envolucro a varios outros.

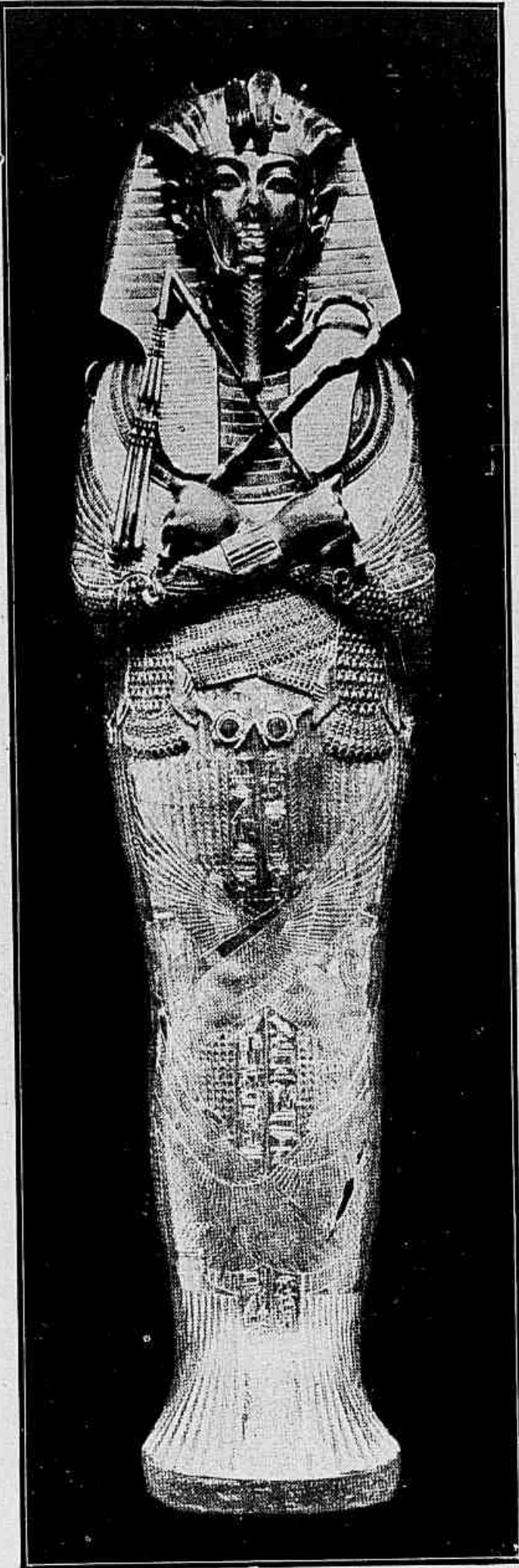
Foram estes abertos, nos mezes de Outubro e Novembro ultimos, por M. Howard Carter assistido pelo sr. A. Lucas, professor Douglas Derry e doutor Saley bey Hamdi. Havia tres ataúdes encaixados uns nos outros. Os dois primeiros eram de madeira coberta de placas de ouro, com incrustações de vidros e pedras de côr. Para retirar o segundo do precedente, foi preciso organizar um systema completo de roldanas e cordas, tal era a adherencia. Quando o segundo ataúde foi isolado e a sua cobertura retirada, descobriu-se com estupefacção que encerrava um terceiro, de ouro massiço. Era este embuçado por uma substancia negra que impediu a principio que o seu esplendor fosse admirado, e que provinha sem duvida dos oleos sagrados com que o haviam ungido. Até então ignorava-se que os Pharaós empregassem assim o ouro fundido numa só peça para ahi encerrarem as mumias reaes. Seis homens mal puderam levantar esse formidavel ataúde que vale, a peso de ouro, de quarenta a cincoenta mil libras, ou seja mais de um milhão de francos. Póde-se julgar, por isso, a que estado de prosperidade chegara o Egypto na época da decima oitava dynastia.

O sr. René La Bruyere, que se achava então no Egypto, teve a fortuna de assistir ao sensacional achado. E fez, para o *Journal de Genève*, uma descripção muito documentada que diz melhor do assumpto do que um commentario ás photographias que publicamos. Eil-a:

Antes da abertura: o segundo dos sarcophagos que se encaixavam uns nos outros, com dois metros de comprimento, em madeira trabalhada e incrustada de ouro e pedras preciosas de todas as côres.

O ataúde tem a fórma do corpo da mumia e parece-se exactamente, em tamanho natural, com todos os colossos que se vêem esculpidos nas pedras massiças dos templos do Alto-Egypto. O rei, cuja figura é muito parecida, tem á cabeça uma especie de bonnet popularisado pela silhueta da Sphynge. Sobre a sua fronte erguem-se a cabeça de abutre e a serpente sagrada, symbolos da sua omnipotencia. Os braços estão cruzados sobre o peito na attitude de oração. Numa das mãos tem o sceptro de ouro e esmalte azul e na outra o açoite, attributos classicos da realeza. Sobre o peito ostenta um immenso abutre de azas espalmadas. Esse abutre é feito de encrustações de ouro e pasta de terra azul turqueza. Curioso collar circumda-lhe o pescoço. Quanto ao resto do ataúde, é finamente gravado em plena massa de ouro. Esse trabalho delicado representa o envolucro real com inscripções religiosas.

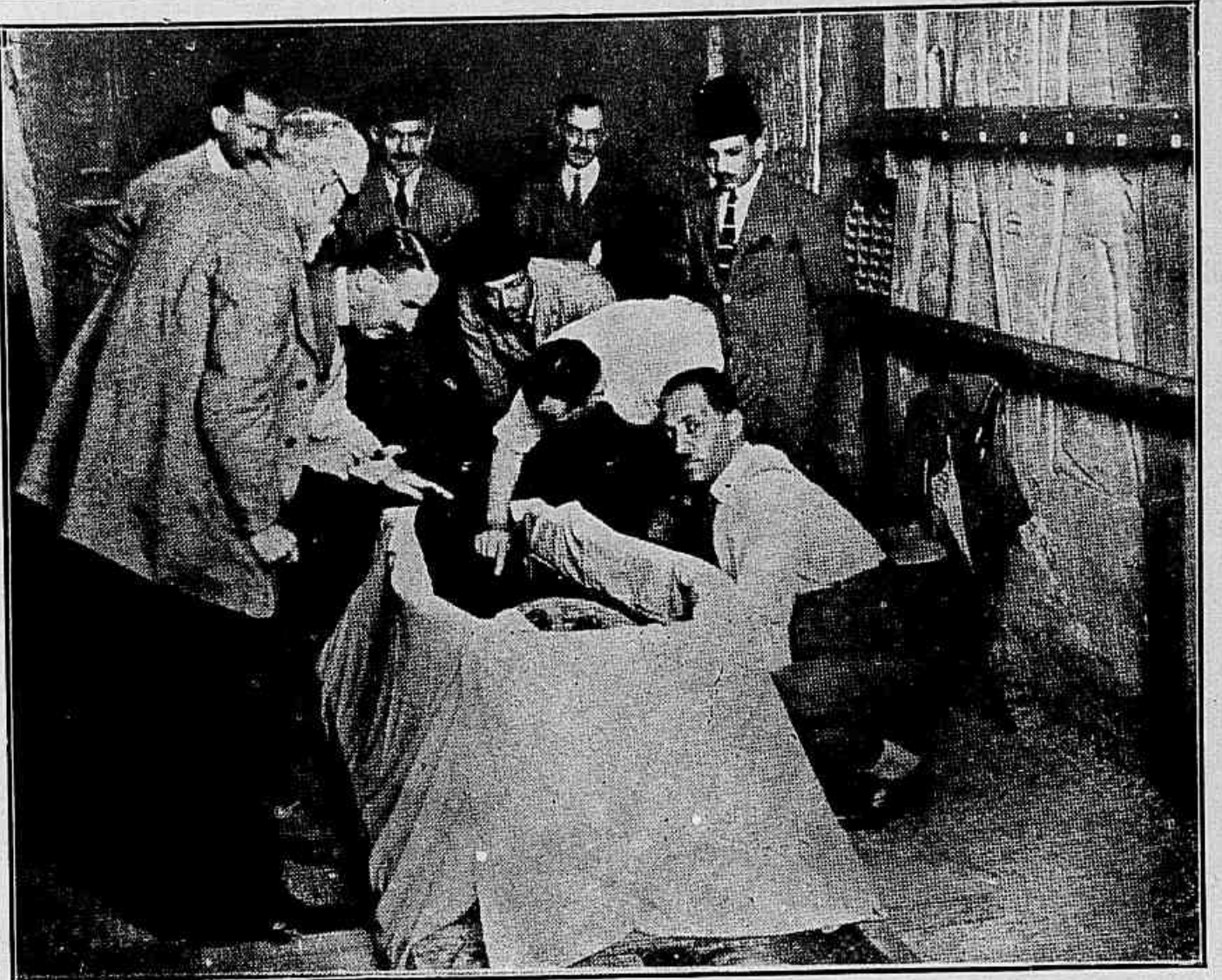
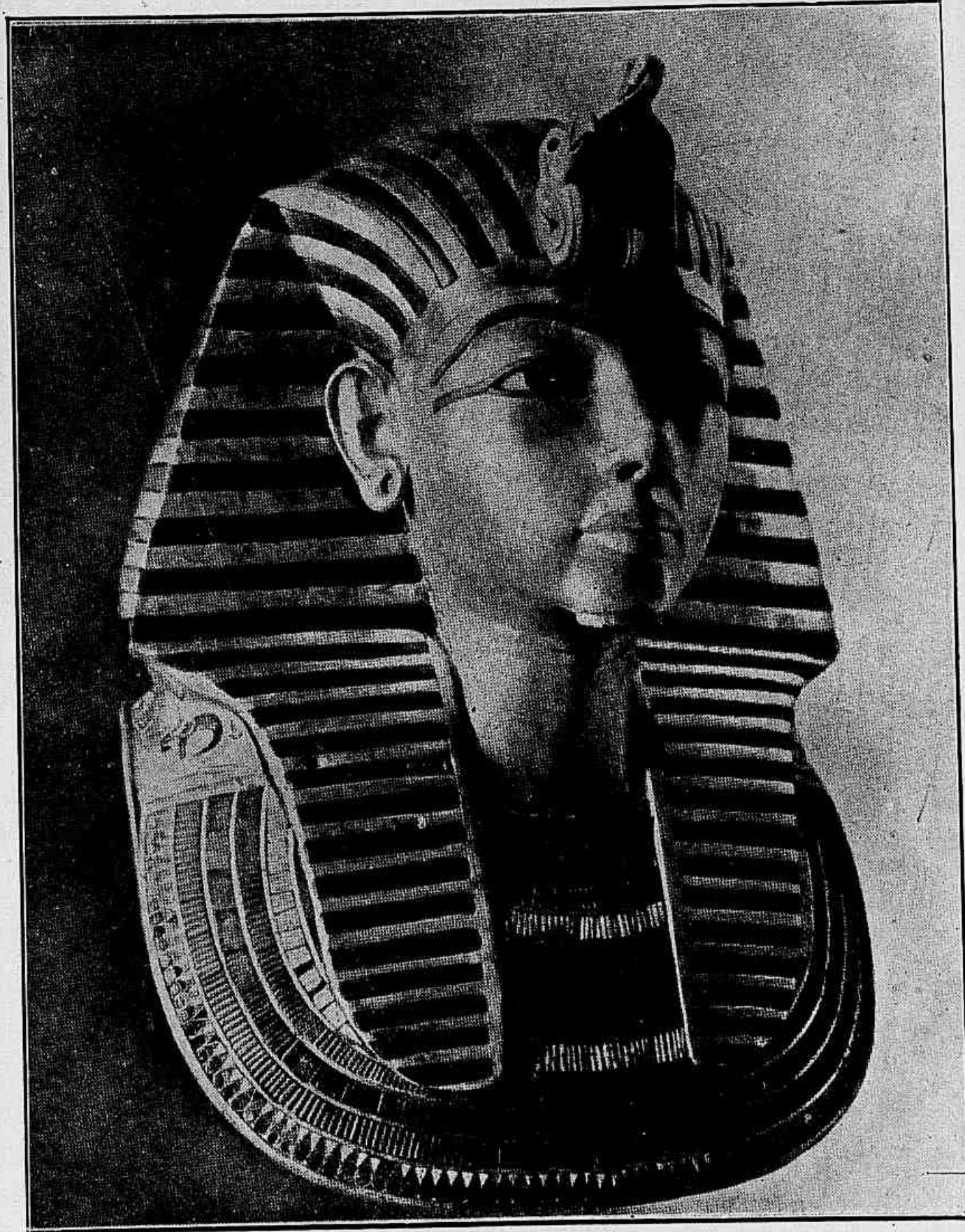
O sr. Carter não chegara ao fim da sua

O supremo episodio da exhumação de um Pharaó: a abertura dos ultimos sarcophagos de Tut-Ankh-Amen. O sr. Carter, aberto o segundo sarcophago, desembaraça da camada protectora o ataúde de ouro massiço contendo a mumia.

O terceiro sarcophago, de ouro massiço, cinzelado, incrustado de turquezas, de lapis-lazulis e coralinas, cujo valor só em ouro é de réis 2.000:000$000 não falando no seu valor artistico e archeologico.

admiração. Aberto o ataúde de ouro, constatou que a mumia estava recoberta por uma mascara egualmente de ouro, moldada sobre o rosto. Essa mascara descia até aos hombros, que escondia inteiramente. Foi uma descoberta sensacional. Nada indicava até aqui que o rito dos embalsamamentos reaes comportasse semelhante precaução sumptuosa. Essa peça de ouro é inteiramente notavel sob o ponto de vista artistico, porque é de ouro massiço *martellado*, o que denota uma arte requintada da parte do artista que effectuou esse trabalho. A semelhança com o rosto da mumia e com as estatuas do rei é perfeita. Os artistas egypcios tinham, pois, no mais alto ponto o senso do retrato. Os olhos de esmalte têm um brilho impressionante.

Foi muito difficil retirar essa mascara e desenrolar as tiras do cadaver, porque havia sido envolto numa espessa camada de resina. Produziu-se uma especie de combustão espontanea que teria queimado as carnes produzindo uma adherencia do corpo ás tiras, o que constituiu um obstaculo ao desnudamento do morto illustre. O rosto do rei estava admiravelmente conservado, assim como os pés e as mãos, que estavam encerrados em mitaines de ouro.

Contrariamente, o resto do corpo muito soffreu os ataques da resina.

Do exame medico a que o corpo foi entregue, resaltou que Tut-Ankh-Amen tinha uma ossatura pouco forte. Verificou-se que teria apenas 18 annos quando morreu, o que está de accordo, aliás, com os dados hieroglyphicos concernentes a esse rei. Não foi possivel a determinação das causas da sua morte.

Levantada a cobertura do ataúde de ouro massiço, pratica-se uma incisão nas tiras. A parte inferior da mascara apparece sobre o peito.

A mascara de ouro moldada sobre o rosto de Tut-Ankh-Amen e que descia sobre os hombros e o peito.

Sobre a mumia estava um magnifico pendentif, ligado por fios de ouro, representando a aguia de azas abertas. O pescoço estava rodeado por um grande numero de collares compostos de anneis de ouro de differentes nuances e de pedras azues. Uma cinta magnifica abraçava o talhe do joven monarcha, e viam-se dois punhaes á sua cintura. Os punhaes, de modelo classico, são de ouro, comprehendidas as laminas cujo metal foi endurecido por um processo desconhecido. Os dedos das mãos e os braços desappareciam sob os anneis e braceletes. Finalmente, em meio das tiras, descobriram-se muitos amuletos de toda sorte, placas de ouro e escaravelhos de pedras preciosas.

Essa exhumação de um rei da decima-oitava dynastia excede em esplendor a tudo o que se poderia imaginar. Abre horizontes sobre a historia da arte e sobre o poder do reino pharaonico. Confirma, além disso, certas hypotheses archeologicas que se não poderiam provar até hoje, notadamente a identidade dos envolucros dos ataúdes com os traços dos mortos que cobriam.

No momento actual, restam ainda no hypogeu duas camaras lateraes a desembaraçar. Estão cheias de objectos de toda especie e podem reservar muito agradaveis surprezas.

OS NOVOS LIVROS

ALVES & CIA., de Eça de Queiroz — (*Livraria Chardron — Porto*).

"Alves & Cia." é o quarto volume da nova série de ineditos do grande espirito que foi Eça de Queiroz, ineditos ha muito annunciados, e que, pouco a pouco dados á publicidade, têm sido recebidos com immenso enthusiasmo.

A "Revista da Semana", que apenas faz ligeiro registro de obras recebidas, nunca poderia exercer o direito de critica sobre obras do grande escriptor portuguez que foi uma das maiores glorias litterarias da sua geração e que se lê e relê com intensa emoção, porque nas suas paginas palpita sempre a ironia, a graça, a critica, a descripção fiel, tão naturaes e tão soberbas na penna do maravilhoso litterato lusitano.

Eça de Queiroz foi em vida um dos escriptores de mais prestigio que Portugal tem produzido; hoje ainda vive com o mesmo relevo a sua figura gigantesca, através do encantador estylo tão seu e da ironia incomparavel que a sua prosa opulenta revela aos olhos do leitor.

***

VOLETA, por Albertina Bertha — (*Rio*)

O novo romance da festejada auctora de "Exaltação" foi recebido com encomios pela critica do Rio. Livro forte, feito a traços reaes e precisos, *Voleta* reafirma as qualidades vigorosas da sra. Albertina Bertha attestadas na sua primeira obra e ratifica o estylo e os pendores sempre manifestados pela brilhante escriptora. Em poucos pontos, bem raros, a artista de *Voleta* afasta-se do real e divaga; porque, em these, o seu novo livro tem uma orientação segura e realista, através dos conceitos e da dialogação.

A sra. Albertina Bertha, insistindo no seu estylo literario, firma-se definitivamente e colhe os justos elogios que a sua nova obra provoca.

***

"A CONQUISTA", por Alvaro Bomilcar — (Rio).

O opusculo do sr. Alvaro Bomilcar trata da conquista no conceito moderno e é a sua conferencia recentemente realizada na Academia Brasileira de Sciencias Economias, Politicas e Sociaes.

Fazendo aqui e ali apreciações historicas, o sr. Alvaro Bomilcar leva a crêr que a conquista moderna não mais se firma nos impetos da mão armada e que a absorpção se funda na Economia Politica, para os grandes monopolios. Dest'arte, no dizer do conferencista, a guerra cederá á penetração commercial.

"A Conquista" é um opusculo que se lê com agrado.

***

FRAGMENTOS DE MOÇO, sonetos de José Lopes Ferreira — (*Livraria Leite Ribeiro — Rio*)

O livro do sr. Lopes Ferreira começa por ter um titulo extravagante e mysterioso, que se não entende. Lendo-o, a gente sente a sua infindavel monotonia. Sonetos apenas!

Não é que o soneto seja desprezivel. Muito ao contrario, é uma das mais bellas fórmas de poesia. E das mais difficeis.

Se é louvabilissimo por um lado o culto ao soneto demonstrado pelo sr. Lopes Ferreira, maximé na epoca actual em que a poesia tem sido tão rudemente tratada, é para lamentar que os sonetos de "Fragmentos de Moço" sejam todos num só metro, o decasyllabo, pois talvez a variedade diminuisse um pouco a quasi ausencia de vibração que elles accusam.

Noticiario Elegante

ANNIVERSARIOS

No dia 6 — a senhora Mello de Carvalho; as senhorinhas Esther Dias de Barros, Odette Pereira Braga, Abigail Ferreira Barcellos, Honorina Perdigão e Leopoldina Silvino Marques; o menino Virgilio Marcondes de Almeida.

No dia 7 — a sra. Julieta França Telles de Menezes; as senhorinhas Emilia Bomfim Lima, Clotilde de Barros Pimentel e Conceição Felisberto Freire; os drs. Oscar de Souza Leite, Olegario Tavares e Gustavo Guimarães; o coronel Alfredo José Abrantes; o commandante Benedicto Leal.

No dia 8 — as sras. Leonor da Motta e João Carregal; as senhorinhas Maria de Lourdes de Figueiredo e Odylla Pimentel Leão; o sr. almirante Pedro Frontin; os drs. Guimarães Rios da Costa, Arthur Castro Lima, Renato Tavares e Julio Duarte; o galante Otto Renato Barroso.

No dia 9 — as senhoras Heitor Beltrão, Humberto Antunes e Alaide Bomilcar da Cunha; as senhorinhas Carmelita Calazans e Julieta Gomes Cruz; o commendador Casemiro Costa; os drs. Moura Brasil, Manoel Gomes de Mattos, Cesar de Oliveira Costa, Victor Marks e Cleantho Jequiriçá; o commandante Raul Tavares; o nosso illustre confrade Augusto Pinto Lima; o sr. Accacio Leite, distincto commerciante.

No dia 10 — as sras. Julia de Sousa Moura, Cardoso de Mello, Henrique Marcondes e Augusto Porto Alegre; as senhorinhas Haydée Vianna, Dinah da Rocha e Izabel Carlos Leal; o coronel Jonathas Barroso; os drs. Sylvio Martins Portocarrero, Miguel Austregesilo, João Pedro da Costa e Pedro Carneiro da Cunha.

No dia 11 — as senhoras Luiz Liberal, Brito Cunha e Francisco Goulart; as senhorinhas Leonor Telles de Almeida, Everilde Faria Mascarenhas e Catharina de Oliveira Gameiro; os drs. Arthur Vasconcellos, Fernando Mendes de Almeida Junior, Adolfo José Del Vecchio; os coroneis João Baptista de Figueiredo e Cornelio Jardim; a graciosa Flavia, filhinha do dr. Flavio de Moura.

No dia 12 — as senhoras Carlos Calheiro de Alencastro, Oscar Augusto Lopes, Leopoldina Vicente Martins, José Vasco Ortigão e Patricia Hildebrando Barroso; as senhorinhas Sylvia Rabello, Maria de Souza Nova, Ottilia Odette de Barros e Evangelina Moraes de Barros; o governador Costa Rego; o dr. Aprigio dos Anjos; o commandante Augusto Fernandes de Araujo; a brilhante poetiza Gilka da Costa Machado.

NOIVADOS

— a senhorinha Adelia da Conceição Souza e o sr. Olympio dos Santos;

— a senhorinha Fernanda de Castro e o industrial Adolpho de Moraes Domingues;

— a senhorinha Hilda Cardoso e o dr. Sully Perissé;

— a senhorinha Ondina de Moraes e o sr. Caetano Peregrino de Souza;

— a senhorinha Leonor Martins e o sr. Adolpho Nascimento;

— a senhorinha Marilia Pizarro e o dr. José Macedo Soares Guimarães.

CASAMENTOS

— a senhorinha Jandyra Alves das Neves e o sr. Manoel Rosenbudg;

— a senhorinha Vicentina de Castro Rosa e o sr. Origenes Araujo;

— a senhorinha Stella Prates Ennes e o dr. Edson do Amaral;

— a senhorinha Jurema Alves da Fonte e o sr. Ernesto Porreca;

— a senhorinha Odette Simões Gomes e o sr. Waldemar Picanço da Costa;

— a senhorinha Dulce Nunes Pereira e o sr. Pedro Esser;

— a senhorinha Leda Barbosa de Mello e o sr. Fernando Augusto Pinheiro;

— a senhorinha Laura de Magalhães Machado e o dr. Dioclecio Duarte.

*

Em Paris: — a senhorinha Maria Eugenia Prado Monteiro de Barros, da alta sociedade brasileira, e o sr. Nicolau Avellaneda, de importante familia argentina.

Serviram de padrinhos: do noivo o sr. De Santamerina; da noiva o sr. Gabriel Monteiro de Barros e o sr. Caio de Mello Franco, secretario da embaixada do Brasil junto á Santa Sé.

DIPLOMATAS

Pelo *Giulio Cesare*, regressou a esta capital o dr. Garcia Ortiz, ministro da Colombia junto ao nosso paiz.

O desembarque do distincto diplomata esteve muito concorrido.

*

Pelo mesmo navio, chegou tambem ao Rio o dr. Tulio M. Cesteiro, ministro da Republica de S. Domingos, acreditado nas Republicas do Brasil, Chile, Uruguay e Argentina.

OS QUE VIAJAM

Deixaram o Rio: — o dr. J. da Silveira Serpa, para Bello Horizonte; os deputados Augusto de Lima e Nelson de Senna tambem para Bello Horizonte; o dr. João Gualberto Nogueira, que regressou á Bahia; o dr. Clovis Corrêa da Costa, que foi á Europa; o dr. Waldemar do Couto, para a Europa, em viagem de recreio; o industrial Ferdinando Collier Junior, com destino aos Estados Unidos; o dr. Cincinato Braga, que se destina a Londres; o coronel Gregorio da Fonseca, que foi ao Rio Grande do Sul; o deputado Octavio Mangabeira, para a Bahia.

*

Embarcou, com destino á Europa, o dr. Oscar P. Fontenelle, chefe de Policia do Estado do Rio.

O illustre moço, que se tem imposto na vida publica, em que ingressou não ha muito, segue em commissão do governo fluminense.

*

Chegaram ao Rio: — o dr. Antonio Montenegro, procedente de Pernambuco; o sr. João Paes Barreto; o dr. Djalma de Azevedo Marques e senhora, chegados do sul; o sr. Eurico de Almeida Guerra e familia, de regresso da Europa; o dr. Carvalho de Azevedo, que regressou da Europa; o dr. Duarte Moniz Barreto de Aragão, vindo da Bahia; as familias Mendes de Almeida, Amoroso Costa e dr. Americo Vieira de Barros, que regressaram da Europa.

VERANISTAS

Para S. Lourenço: — o dr. Mario de Castro e familia; o capitão Onofre de Oliveira.

*

Para Poços de Caldas: — o dr. Mello Vianna, presidente de Minas Geraes, acompanhado de seu secretario particular dr. Fleury de Barros.

*

Para Vassouras: — o sr. Mario Lima.

*

De Caxambú: — o academico Milton Pannain; as senhoras viuva Achille Bove e Augusto Moniz; o casal Manoel Rosenburg.

1 — Armando Durval, filho do sr. Durval M. de Paiva (*Dr. Lavrud*). 2 — Maria da Conceição, filha do coronel Domingos Sabino (Bello Horizonte). 3 — José Braga Pitta, filho do sr. José Pitta Filho; Thereza, filha do sr. Benedicto Mello; e Gilda, filha do sr. Alvaro Braga. 4 — Nair, filha do sr. Bernardo da Silva Santos e d. Maria da Silva Santos. 5 — Maria da Gloria, filha do engenheiro Luiz Goulart de Azevedo e d. Maria Paiva Goulart, residentes em Ponte Nova. 6 — José Maria, filho do dr. Aurelio Garcia Taborda. 7 — Rominho, filho do sr. João J. Caparica. 8 — Dirceu de Andrade (*mandarim*). 9 — Jandyra, filha do sr. Nelson Ferreira.

Aspectos da regata realizada no dia 24 na praia do Sacco de S. Francisco, em Nictheroy, sob o patrocinio da Renascença Fluminense. A' esquerda, as senhorinhas Thora Milbourne, do Icarahy, e Gertrudes Gomes, do Guanabara, vencedoras da prova de nado livre. A' direita, ao alto, grupo de *rowers*; ao centro e em baixo, aspectos da praia do Sacco de S. Francisco.

Em Petropolis

Em beneficio da Associação de Senhoras Brasileiras e promovida pela senhora Franklin Sampaio, realiza-se hoje em Petropolis uma linda e suggestiva festa.

Essa reunião está marcada para as 4 horas, nos elegantes salões do Palacio Cristal, e promette pela sua organisação ser muito brilhante e concorrida.

Musica

Com optimo programma realisou-se, domingo, no salão do Instituto Nacional de Musica o 27.° concerto do Centro Artistico Musical, organisado pelo maestro Caetano Roberti.

O salão do Instituto esteve transbordante, vendo-se alli reunidas as figuras mais distinctas da nossa sociedade.

*

Encontra-se no Rio, pretendendo demorar-se aqui afim de dar alguns concertos, seguindo depois para S. Paulo, a famosa pianista Magdalena Tagliaferro, que vem de obter ruidoso exito na Europa.

Bailes

Transcorreu deveras brilhante o baile que os hospedes da Pensão Diamantina, em Haddock Lobo, organisaram para domingo ultimo.

Além dos hospedes do hotel, compareceram tambem á esplendida reunião muitas familias do aprazivel bairro da Tijuca, tendo-se a festa prolongado, sempre com grande animação, até altas horas da madrugada.

*

No Hotel Internacional, em Santa Thereza, onde veraneia um elegante grupo de pessôas da nossa alta sociedade, realisou-se, sabbado ultimo, formosissimo baile.

Como todas as festas realisadas alli, transcorreu essa reunião com muito encanto e alegria, a ella tendo concorrido as mais illustres e bellas figuras da sociedade.

Babies

Está em jubilo, pelo nascimento de sua primogenita Eliane, o lar feliz da senhora Nair Velloso Pereira Leite e sr. Mario Rosa Pereira Leite, da melhor sociedade de Caçapava.

Dr. Teixeira Coimbra

O fallecimento do dr. José de Alencar Teixeira Coimbra, chefe do Serviço de Prophylaxia Rural em Sergipe, occorrido no dia 10 do corrente, foi uma grande perda para a classe medica, onde o seu nome se havia imposto como um dos nossos mais completos hygienistas.

O governo federal providenciou para o embalsamamento do corpo e seu transporte para esta capital. Pelo *Itaituba* chegou o cadaver do illustre medico tão prematuramente desapparecido, sendo inhumado no domingo ultimo, no cemiterio de S. Francisco Xavier.

Aos seus funeraes, que foram a expensas do Estado, compareceram o sr. ministro da Justiça, representado pelo seu official de gabinete dr. Léo de Alencar, e o dr. Carlos Chagas, o eminente director da Saude Publica.

M. de D.

De passagem por esta capital, em viagem para seu paiz, o sr. Enrique Villejas, embaixador do Chile junto ao governo de S. M. o Rei da Italia, e sua exma. esposa foram alvo de varias homenagens. Entre ellas destaca-se o almoço que o illustre casal Irarrazaval Zanartu offereceu no salão do Jockey Club. Dessa brilhante reunião damos a gravura acima em a qual se vê o illustre viajante tendo á direita os srs. Irarrazaval Zanartu, embaixador do Chile, e Dionysio Montero, ministro do Uruguay. Sentada a senhora Villejas, tendo á esquerda a senhora Sebastião Sampaio e á direita a senhora Zanartu e a senhorinha Ramos Montero.

Carnet

Meu amigo:

Você me disse que era um sentimental quasi piegas, e eu, que tenho a pretensão de ser um pouquinho psychologa, fiquei intrigadissima.

Será que eu não entendi, ou será que você quiz gracejar?

Sentimental piegas você, o espirito moderno que procura na vida os menores motivos para viver? Não acredito, seria um desaccordo de alma e de attitudes; você é muito intelligente e muito culto, mas não é um grande artista, trae a cada momento a sua personalidade graciosa e voluvel. Mas, meu amigo, quer um conselho?

As mulheres de espirito não gostam muito dos homens que gostam de todas as mulheres; ellas são vaidosas e preferem acreditar no eclectismo de quem as homenageia. Para ellas a felicidade se resume na illusão, e esse é mais um motivo de ser feliz.

Seja sentimental porque o sentimento é o apanagio das almas de eleição como a sua; mas não diga que é piegas, diga antes a verdade — a sua grande ternura pelo sexo fraco.

Adeus e saudades da

Maria de Lourdes.

O que pensa a mulher brasileira da moda e da dansa

A REVISTA DA SEMANA registra, desvanecida, o exito que obteve ao iniciar a *enquête* feminina sobre a moda e a dansa, em seu ultimo numero. Indagando das intellectuaes e artistas patricias o que pensam dessas duas creações sociaes amaldiçoadas por todos os anathemas e bemditas por todas as glorificações. a REVISTA talvez seja levada a ampliar o seu primitivo programma, entrevistando tambem as senhoras de relevo notavel na nossa sociedade, certa do interesse que terá a série encantadora de respostas, cujo brilho residirá não sómente na maneira de dizer das nossas convidadas mas sim tambem na variedade dos conceitos, cujo embate constituirá um esplendido prazer espiritual.

Mais uma vez previno de que a ordem da publicação das respostas e photographias, independentemente de sympathias pessoaes ou considerações de qualquer especie, se enquadrará apenas no interesse da REVISTA em relação ao espaço, ao tamanho das photographias e á prolixidade ou concisão do estylo das nossas distinctas convidadas.

SRA. CECILIA BANDEIRA DE MELLO (CHRYSANTHEME). — Auctora de «Flores Modernas» (romance), «Enervadas» (novella), «Gritos femininos» (contos), «Almas em desordem» (contos), «Mãe» (romance), «Uma paixão» (romance), «Memorias de um patife aposentado» (romance), «Contos azues» (para creanças), «Vicios modernos» (contos), «Contos para creanças» e «Uma estação em Petropolis» (phantasias). E' collaboradora de «O Paiz», «A Tribuna» (de Santos), «Correio Paulistano», «Folha do Norte» (do Pará), «Vida Domestica», «Illustração Brasileira» e «A Manhã».

Chrysanthéme.

Perguntam-me, gentilmente, qual a minha opinião sobre as roupas femininas modernas e, tambem, sobre as dansas da actualidade, que tanto desequilibram os corpos das nossas raparigas e lhes entoxicam as almas, continuamente excitados uns e outras pela fremencia das musicas e pelo cansaço oriundo desses exercicios malsãos e exagerados.

Analysando com frieza e sem moralismo a época em que vivemos, notamos que uma linha invisivel une todos esses resultados de um moderno estado de espirito ao ambiente, infeccionado de effluvios deleterios. Considero a nudez das mulheres, que os homens tanto apreciam e que algumas senhoras condemnam, como uma natural e logica necessidade da mulher insistir em agradar ao seu inimigo lendario e senhor tyrannico, cultuando-lhe os appetites, a vaidade e o... sensualismo.

Apezar do momento propicio á elevação mental do nosso sexo, essa elevação nunca será compensada pelo requinte, pela modestia, pela virtude ainda acarinhada pelas ditas atrazadas.

E, como a mulher, antes de tudo, quer ser amada, ou mesmo desejada, ella solta, visando esse fim, os veus do pudor, arregaça a saia e mostra os seus encantos com um despudor de soberana que não recúa deante de nenhuma barreira afim de satisfazer o seu capricho.

Os tempos consagram triumphalmente a creatura artificial, desnuda e vasia, e jamais os fracos entes que nós somos ousarão vencer a corrente, que leva á gloria unicamente a mulher assim organisada e exhibida.

Entretanto, observando as *toilettes* da hora, sentimos nellas as faltas de distincção, de mysterio e de recato que deve possuir todo o corpo feminino para que, realmente, seduza o homem de bom gosto, de bom senso e de fina educação.

*

Quanto ás evoluções terpsychorianas que, hoje, transformam as nossas moças em verdadeiras doentes, não podemos negar serem ellas novas variedades da terrivel dansa de S. Guido, um complemento inevitavel da transparencia, da exiguidade e do incompleto das vestes femininas e da vacuidade desses cerebros.

Para terminar estas linhas, direi que, nesta occasião, em que algumas mulheres mostram ao Universo inteiro a sua intelligencia, a sua cultura e a sua nobreza, outras, infelizmente, a maior parte dentre ellas, descobrem as pernas, os collos e... o resto, desvalorisando-se, offerecendo-se e empanando o brilho das valentes que não se receiam do acicate e da mofa a ellas atirados pela comparação.

Resta agora saber quem tem razão: se as primeiras, se as segundas.

*
* *

SRA. ALBERTINA BERTHA. — Auctora de «Exaltação» (romance). «Estudos» e «Volta» (romance).

Se manusearmos a psychologia verificaremos que a origem da dansa é furiosamente anti-esthetica: reduzia-se a movimentos selvagens que se reportavam á defesa dos grupos.

Mas deixemos essa sua genealogia bellicosa, tão pre-artistica e encaremol-a como ella se nos apresenta actualmente, sem symbolos, sem attitudes egregias, não mais fixando estados de alma nem representando a vida em a multiplicidade de suas formas admiraveis.

A dansa deixou pois de ser um luxo, uma exuberancia de encantamentos, uma visão de belleza, o poema silente do corpo e da alma humana... teve de adaptar-se ao senso da época, de soffrer as consequencias da grande guerra que, durante cinco annos, obrigou o homem a desannexar-se dos seus habitos de reflexão e de meditação para ceder, de instincto, ao immediato, ás emoções violentas, intempestivas que lhe acommettiam de continuo os nervos.

Albertina Bertha.

Eis a razão por que esses nervos ainda hoje sentem necessidades de se utilizar, de tanger, de se exercitar.

Exceptuando o tango argentino, dolente, languido, de gestos nostalgicos a lembrarem guitarras romanticas, não me apraz a dansa moderna, incoherente e vulgar, de indole essencialmente popular, a desarticulada companheira do desarticulado e irritante jazz-band.

Felizmente a sua vida temporal tende a findar-se e estou certa de que em breve essa dilecta irmã das Musas ingressará em a Esthetica de onde se emancipou.

*

E' um exito de occasião que passará como a moda dos cabellos cortados e a da masculinisação das mulheres.

Que dizer das saias curtas? Magnificas para a muita juventude de membros escorregadios e adelgaçados.

Para a alegria de todas nós, os ultimos figurinos surgem com lindas innovações, que veem emprestar á silhueta feminina graça, movimento, flexuosidades, qualquer cousa de alado, de ondulante, de muito aligero.

Lembremo-nos porém de que convém amoldar a moda ao nosso typo, naturalisal-a por assim dizer ao nosso rythmo, inculcarmos-lhe um valor que seja total iniciativa nossa, o traço de uma individualidade.

O Amor e a Realeza

por Andrés Révész

O principe Carlos da Rumania, com sua esposa, a princesa Helena da Grecia.

A CANDIDATURA do principe Leopoldo de Hohenzollern ao throno da Hespanha foi a causa immediata da guerra franco-prussiana de 1870. Tambem houve opposição á subida do principe Carlos, seu irmão, ao throno da Rumania; mas o joven principe mostrou-se energico, foi a Bucarest disfarçado e pôz as potencias deante de um facto consummado. Depois de haver sido durante quinze annos principe da Rumania, proclamou-se rei em 1881. Sua esposa, a rainha Isabel, conquistou a reputação de excellente escriptora, e poucas pessôas ignoram o nome de *Carmen Sylva*.

Os reis da Rumania não tiveram senão uma filha, que morreu muito joven, e em 1889 o rei Carlos adoptou seu sobrinho, o principe Fernando de Hohenzollern. Mal, porém, chegou este a Bucarest, enamorou-se de uma dama de sua tia, Helena Vacaresco, e manifestou o desejo de casar-se com ella.

Foi então que o Parlamento rumaico votou uma lei em virtude da qual os membros da Casa Real não podem contrahir matrimonio com subditos rumaicos, para que não intervenham nas luctas politicas e sociaes ou, para melhor dizer, da sociedade.

O principe Carlos, que pela segunda vez renunciou aos seus direitos ao throno da Rumania, póde invocar, pois, o romance de amor de seu pae, para justificar a sua attitude. E' certo que o pae, no fim de contas, obedeceu aos tios, sacrificou o seu amor em bem da sua nova patria e casou-se com a bella princesa Maria de Inglaterra, emquanto Carlos renuncia, pela inclinação do seu coração, ao throno e até á sua qualidade de membro da Familia Real.

Que outros exemplos poderia invocar o principe (principe ou ex-principe...) Carlos?

Geographicamente, perto delle estão os exemplos do rei Alexandre da Servia — não o actual, mas o ultimo dos Obrenovich — que se casou com uma dama de sua mãe, com Draga Machin, matrimonio que custou a vida a ambos; e de outro Alexandre, o da Grecia, que se casou morganaticamente com a bella Aspasia Manos.

Afóra estes dois exemplos, os soberanos e principes dos Balkans trataram de unir-se por matrimonio com as velhas dynastias. Jorge I da Grecia casou-se com a grã-duqueza Olga da Russia; seu filho Constantino, com a princesa Sophia, irmã do imperador Guilherme II, da Allemanha, e o filho mais velho de Constantino, Jorge II, é casado com a princeza Isabel, irmã de Carlos da Rumania. O primeiro rei da Bulgaria, Fernando, teve por esposa a princesa Maria Luiza de Bourbon Parma e, em segundas nupcias, a princesa Leonor de Reuss. A esposa do rei Pedro da Servia foi a princesa Zorka, filha mais velha do soberano do Montenegro (irmã da rainha da Italia), que morreu antes de seu marido occupar o throno que ficara vago com o assassinio de Alexandre Obrenovich e de Draga Machin. Seu filho, o rei Alexandre da Yugoslavia, é casado com a princesa Maria, segunda filha dos reis da Rumania.

Princesa Frederico-Augusto de Saxe, esposa de Toselli.

Entre os principes que não estavam chamados a reinar, sómente o principe Christovam, irmão mais moço do rei Constantino, fez uma *mésalliance* casando-se com uma viuva norte-americana; mas nesse caso os milhões da senhora Leeds fizeram esquecer a sua origem pouco aristocratica.

Ha maior numero de casos de *mésalliance* nas velhas dynastias. Creio que, apesar dos trinta e seis annos passados sobre o tragico acontecimento, ainda é recordado o archi-duque Rodolpho, da Austria, que preferiu morrer com a mulher amada a reinar sem ella. Seu primo, o archi-duque Francisco Fernando, seguiu tambem a inclinação do seu coração ao contrahir matrimonio com a filha do conde Chotek, embora tivesse de renunciar ao throno da Austria e ao da Hungria para os filhos que nascessem do casamento morganatico. Mas antes de reinar foram os esposos assassinados em Sarajevo, dando o assassinio começo á conflagração européa.

Mlle. Zizi Lambrino, esposa morganatica do principe Carlos da Rumania.

O archiduque Francisco Fernando, com sua esposa morganatica e seu filho.

Em sua novella — *La tierra de todos* — Blasco Ibánez recorda a lenda que se forjou em torno de *João Orth*, o ex-archiduque João Salvador de Habsburgo Toscana, que renunciou a tudo para casar-se com a senhora Lovi Hube, e que embarcou em um navio, sem que ninguem tornasse a saber cousa alguma, nem delle, nem do navio, nem da tripulação. O seu exemplo foi seguido por seu sobrinho, o archiduque Leopoldo Fernando, que se separou da Familia Imperial e tomou o nome burguez de Leopoldo Wolfling para poder casar-se com a senhorinha Adamovits, emquanto a sua irmã, a rainha Luiza da Saxonia, abandonava a côrte attrahida pelo amor. (O seu esposo, Henrique Toselli, falleceu ha bem pouco tempo). O irmão do archi-duque Francisco Fernando, o archi-duque Francisco Carlos, renunciou tambem ás suas prerogativas para poder casar-se com a filha de um cathedratico da Universidade de Vienna.

Na Russia conhecemos o caso do grão-duque Paulo, tio carnal do ultimo czar, que se casou morganaticamente com a esposa divorciada de um official. E ha pouco mais de dois mezes, em 26 de Dezembro, celebrou-se o centenario do levante dos "decabristas", levante originado pela renuncia, ao throno da Russia, do grão-duque Constantino, que desposára morganaticamente uma dama polaca e a quem parte das tropas e da nobreza proclamou imperador, apesar da sua renuncia.

Quasi todos os casamentos morganaticos de soberanos e principes acabaram mal e causaram complicações aos seus paizes. Pertencer a uma Familia Real implica fortes deveres, dos quaes não se póde afastar impunemente. *La escuela de las princesas*, de Benavente, deveria ser o livro de cabeceira em todas as côrtes.

ANDRÉS RÉVÉSZ.

A esposa morganatica do grão-duque Paulo da Russia, que obteve o titulo de Princesa Paley.

Alexandre I, da Servia.

O grão-duque Paulo, tio carnal do Czar Nicolau II.

NOTICIAS E COMMENTARIOS

ESTADISTAS HUMANITARIOS

O Brasil tem apresentado sempre, mercê da sua divisão municipal, exemplos typicos de actividade, dando margem a que se conheçam, principalmente em municipios

Dr. Mario Corrêa.

afastados dos grandes centros, chefes do seu executivo que se entregam ao exercicio da medicina, honrando o juramento feito ao receberem o grau de doutores. Em alguns desses casos, porém, ha a carencia absoluta de medicos no logar, e os prefeitos ou intendentes são convocados necessariamente — quando doutores em medicina — a dar assistencia aos municipes e fazem-n'o algumas vezes com bastante vantagem pecuniaria.

O illustre presidente de Matto-Grosso, o sr. dr. Mario Corrêa, acaba porém de dar um bello exemplo de philanthropia, tendo um gesto que merece os mais enthusiasticos elogios: S. Ex., ao assumir a presidencia do Estado, deu sciencia ao director da Santa Casa de Misericordia de Cuayabá de que iria prestar os seus serviços clinicos nesse estabelecimento, diariamente, até ás dez horas.

O dr. Mario Corrêa, que ascendeu á suprema magistratura do Estado de Matto-Grosso sob os melhores auspicios, vae com os seus gestos nobres creando em torno da sua figura uma aureola de sympathia que transpõe as fronteiras matto-grossenses e se dilata amplamente. Essa sympathia é de todo ponto justissima, porque o gesto de S. Ex. é desses que, sem commentario, se impõem extranhamente.

"MATTO-GROSSO ILLUSTRADO"

A colonia mattogrossense, notavel entre nós pelo numero e pelos vultos de destaque que apresenta, mantendo no Rio um Centro que, através de reuniões elegantes, faz a justa propaganda das riquezas e possibilidades do grande Estado central, acaba de crear a sua imprensa, dando á publicidade o "Matto-Grosso Illustrado", de propriedade daquelle Centro e sob a direcção dos srs. dr. Antonino Ferrari, coronel dr. Alonso de Oliveira e dr. Juvenal Maciel Monteiro.

"Mattogrosso Illustrado", cujo primeiro numero ora nos apparece é um mensario feito a capricho, optimamente collaborado e finamente illustrado, e cujas paginas, embora com o natural cunho accentuadamente mattogrossense, offerecem agradavel e util entretenimento a todos os brasileiros.

Registrando o apparecimento de "Mattogrosso Illustrado", cuja capa e illustrações são devidos ao nosso querido companheiro Alberto Lima, auguramos-lhe longa e brilhante vida.

PRESIDENTE MAGALHÃES DE ALMEIDA

Perante o Congresso do Estado do Maranhão realizou-se no dia 1.º a ceremonia do compromisso do illustre senador Magalhães de Almeida, presidente eleito do prospero Estado do norte. Momentos depois, em palacio, verificou-se a ceremonia da posse do novo governo.

Ambas as solemnidades tiveram, como nos dizem os informes telegraphicos, uma vibração de justa sympathia, transformada numa radiosa esperança após a leitura do programma politico e administrativo do novo presidente.

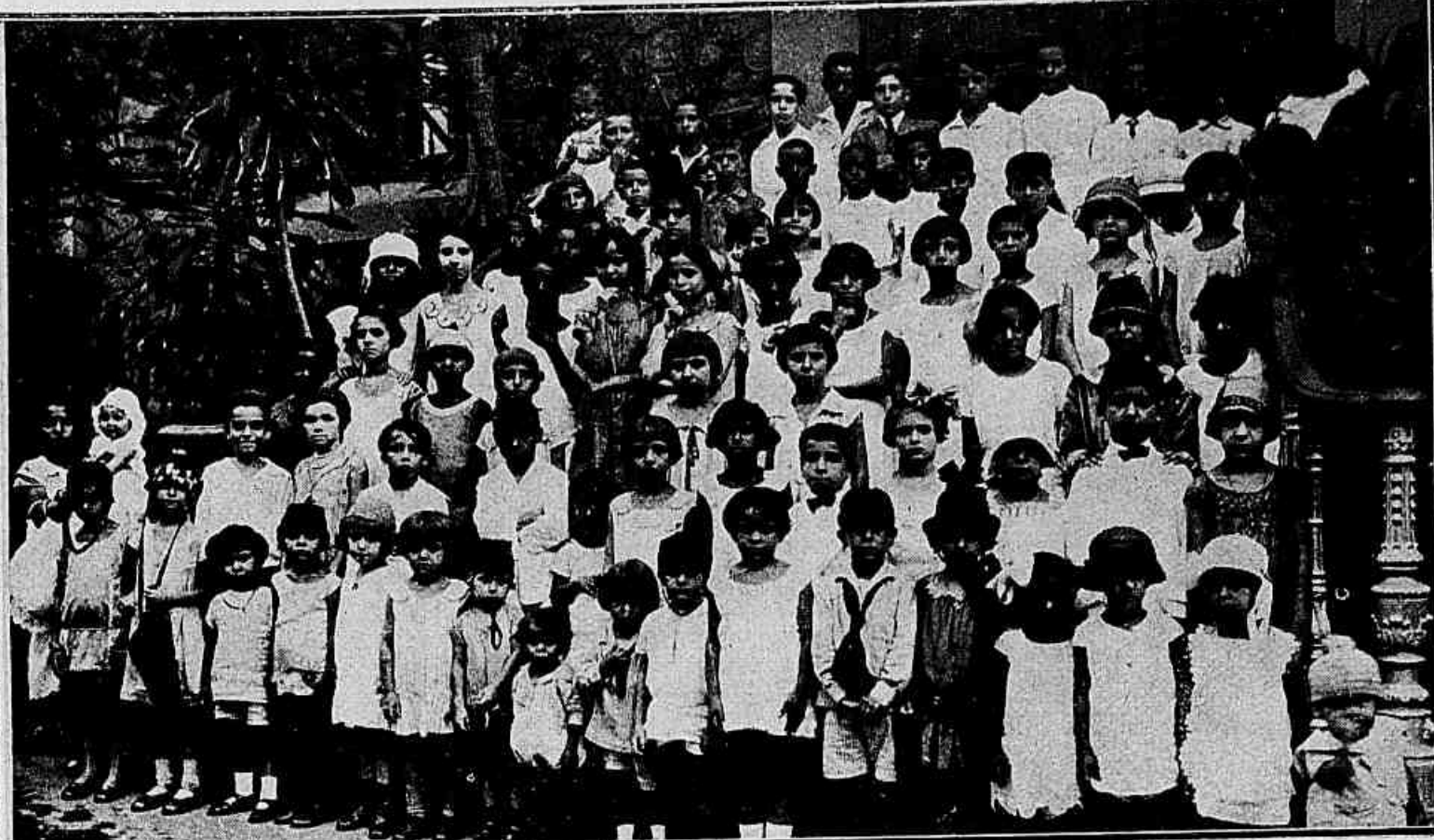
O estado do Maranhão, que tem vivido vertiginosamente e em progresso desde a ascensão do sr. Godofredo Vianna, entrou numa éra de franca prosperidade e de radicaes remodelações e hoje vive numa phase de intenso trabalho sabiamente orientado.

O sr. Magalhães de Almeida, cuja carreira politica de notavel celeridade foi feita á custa dos serviços prestados á sua terra natal, assume a presidencia por entre demonstrações de jubilo dos seus coestaduanos e fará, estamos certos, um governo modelar e progressista, firmando-se ainda mais na gratidão dos maranhenses.

"A. B. C."

"A. B. C.", o victorioso semanario de Paulo Hasslocher, entrou, sabbado ul-

O illustre e operoso director da Recebedoria do Districto Federal, dr. Severiano de Andrade Cavalcanti, foi alvo, no sabbado ultimo, de significativa homenagem por parte dos seus subordinados que, como prova de grande admiração pela sua judiciosa, recta e fecunda administração, inauguraram o seu retrato no seu gabinete de trabalho. A nossa gravura é um flagrante colhido após a inauguração do retrato e vê-se no grupo o illustre homenageado, tendo á esquerda o alto funccionario da Fazenda e ex-director Elpidio Bôa-Morte, e á direita os srs. dr. Julio Abreu Gomes, sub-director da Recebedoria, e Genulpho Freire da Fonseca, official de gabinete do sr. ministro da Fazenda. Em torno, funccionarios e pessôas gradas.

Dois aspectos tirados no Club de Regatas Guanabara por occasião da entrega dos premios do Gremio Carioca aos vencedores das provas nauticas realizadas por sua iniciativa no dia do padroeiro do Rio de Janeiro. A' esquerda, grupo de pessoas presentes á ceremonia; á direita, um aspecto da entrega dos premios perante a mesa, em a qual figura o nosso prezado companheiro dr. Raul Pederneiras, presidente do Gremio Carioca.

Dois aspectos tirados no pavilhão presbyteriano da Igreja Evangelica, por occasião da interessante festa sertaneja dedicada ás creanças presbyterianas. A' esquerda, grupo de "sertanejos"; á direita, grupo de creanças presentes á festa.

Grupo de pessôas que tomaram parte na festa nautica do Club Internacional de Regatas, feito na praia de Santa Luzia no domingo ultimo.

timo no decimo segundo anno de vida, de vida brilhante e fecunda, mantida sempre através do seu feitio original e unico, das suas idéas e das pennas magnificas que o collaboram.

Na sua já longa carreira, *A. B. C.* nunca teve desfallecimentos, jamais deixou de apparecer pontualmente, e conservando sempre a mesma orientação é, em verdade, um periodico da elite, abordando com a mesma superioridade de vistas a politica e as artes, as questões sociaes e as lettras.

A. B. C. sempre teve o seu publico, que cresce na razão directa da carreira do brilhante semanario; e esse publico de escol viu passar jubilosamente a data anniversaria da publicação de Paulo Hasslocher, data essa que a imprensa carioca commemorou com justas referencias e que a "Revista" ora registra com immensa sympathia.

VIAS FLUVIAES

A noticia de que a barra do rio São Francisco não mais permitte o accesso de navios do Lloyd — unicos que serviam a região alagoana-sergipana da foz da grande arteria fluvial até á cidade de Penedo — induz a considerações que nunca foram desmentidas.

O São Francisco é um rio em crise. E tal a verdade que até as suas aguas são menos volumosas e o seu leito se ostenta, na época das seccas, coberto de *corôas*. Constituem estas um perigo ou um embaraço á navegação, mas não tanto como o fechamento da barra, por isso que a zona do baixo São Francisco que mais corôas apresenta fica, entre Penedo e Piranhas, além do termino das escalas do Lloyd, na porção servida por um vapor do typo dos "gaiolas" da Amazonia e canôas.

O São Francisco é um escoadouro excellente de productos de Alagôas e Sergipe. Naquelle Estado encontram-se, desprezados os pontos de pequena importancia, os portos de Penedo, Traipú, Pão de Assucar e Piranhas; neste os de Villanova, Propriá, Gararú e Ilha do Ouro. Se se cuidar em que esses portos são, por sua vez, escoadouros de emporios centraes, ter-se-á julgado, approximadamente, o desarranjo que soffre a vida economica da zona franciscana em Alagôas e Sergipe.

Em alguns Estados, a administração local, raras vezes, e a federal, muitas, têm emprehendido, conjugadas com as viasferreas e estradas de rodagem, as obras necessarias ao acautelamento das vias fluviaes. O São Francisco pede com urgencia uma providencia, e essa providencia é de pequeno vulto.

Maior foi a tomada com relação ao Potengy que, feita a rebentação dos recifes da foz, permitte hoje amplo accesso á cidade de Natal. Mas é que essa obra foi devida ao sr. Tavares de Lyra, então ministro da Viação, filho do Rio Grande do Norte.

Alagôas e Sergipe não terão recursos financeiros para a desobstrucção; e as cousas, no pé em que vão, fazem-nos pensar em que a barra do São Francisco só será desimpedida quando houver na pasta da Viação um ministro sergipano ou alagoano...

O VENENO NO AR

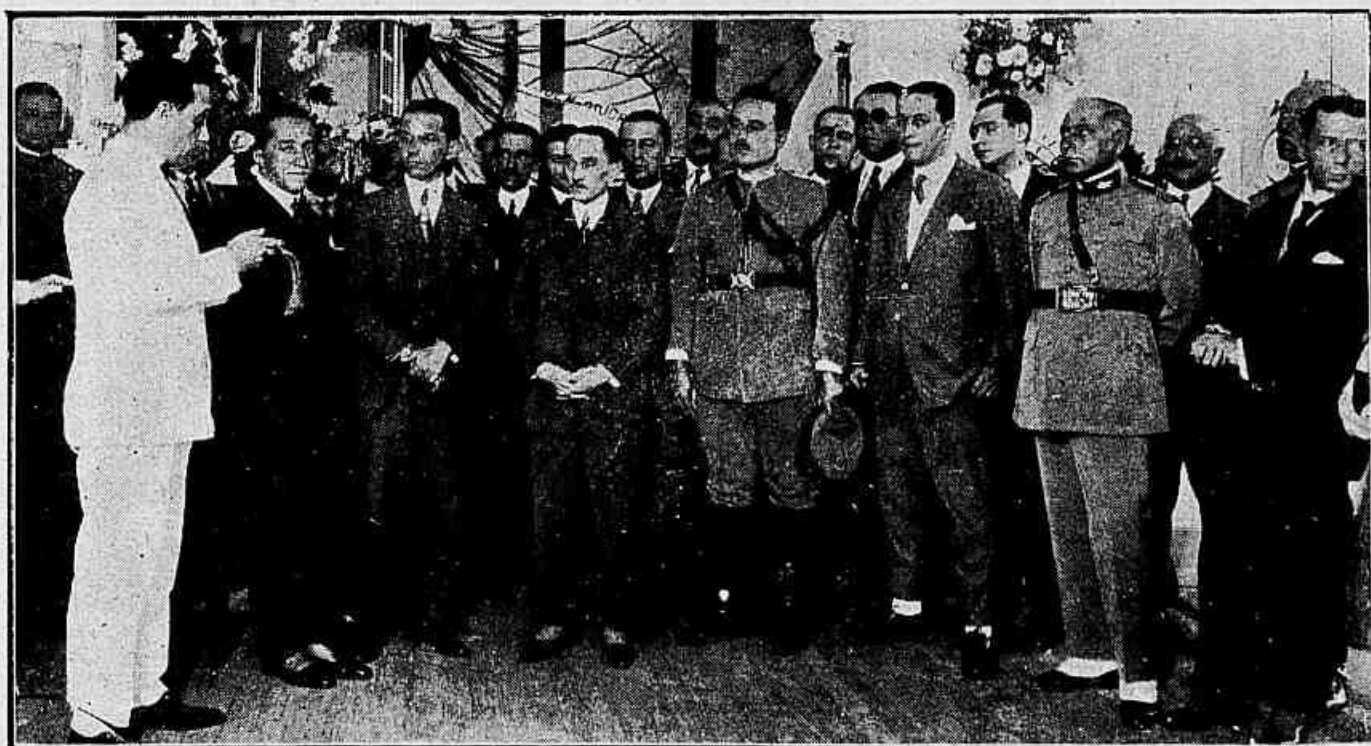
Botafogo suffoca! A praia incomparavel e soberba tem emanações asphyxiantes e insuportaveis.

Periodicamente, a avenida que borda a linda enseada tem um ambiente mephitico que se não compadece com os fóros que tem a nossa capital de cidade hygienizada. Agora, porém, as exhalações, com a expansibilidade caracteristica dos gazes, alastram-se e seguem, avenida a fóra, ao encontro de outras que vão da Gloria.

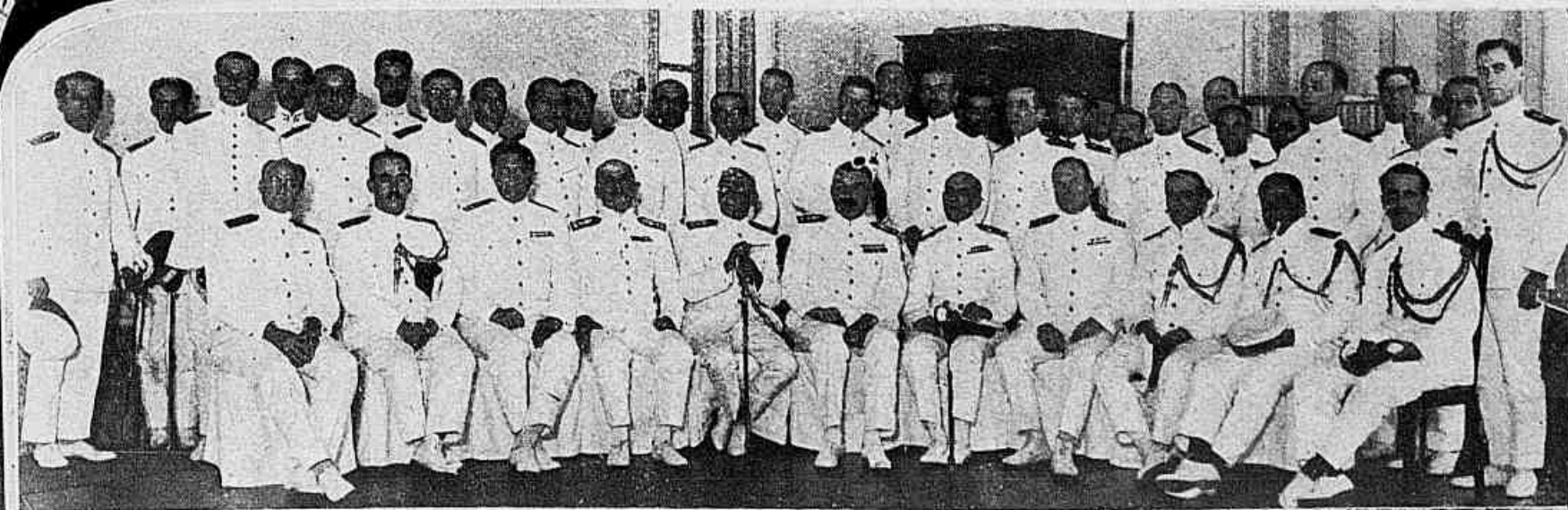
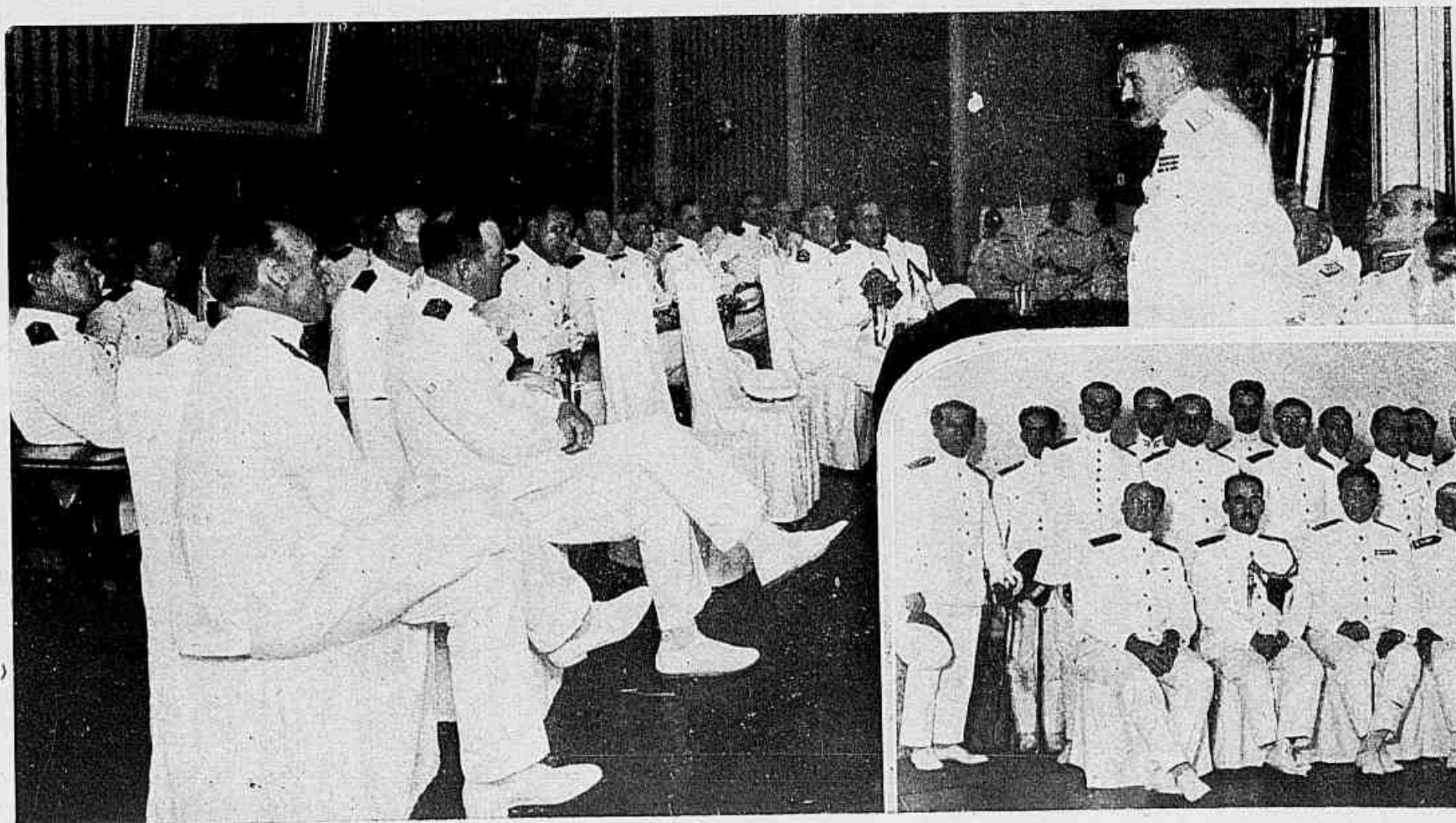
Os dois fócos conjugaram-se, estabeleceram a mais incommoda das ligações e sem solução de continuidade, empestam toda a graciosa curva que se projecta á beira-mar.

E' a "City"! E' a malsinada City, tanta vez censurada nos seus processos, que assume a responsabilidade de envenenar o ar que se respira num dos mais lindos bairros cariocas.

Não se dirá que tenha occorrido algo de anormal. Não. A City sabe bem que, de longa data, as suas estações da Praia da Saudade e da Gloria, carecem de remodelação ou de remoção. Entretanto, permanece impassivel, não se lhe conhecendo a minima providencia que entenda com o bem-estar do publico.

Ha, porém, varios meios de ser resolvido o problema; e quando outros não houvesse existe um que não póde deixar de ser efficaz: é a coacção, de que os poderes publicos poderão usar com a maior das justificativas, compellindo a City a respeitar a integridade da nossa capital, deixando de concorrer para a sua insalubridade e, consequentemente, para o seu descredito.

Aspecto feito na Inspectoria da Policia Maritima na semana finda, por occasião da solemnidade da inauguração, na sua séde, dos retratos dos srs. dr. Affonso Penna Junior, ministro da Justiça, e marechal Carneiro da Fontoura, chefe de policia.

Escola Naval de Guerra

Aspectos da ceremonia da abertura das aulas da Escola Naval de Guerra, realizada na terça-feira ultima. A' esquerda, o sr. almirante Mc. Culley, chefe da missão naval americana, falando aos officiaes-alumnos, no acto inaugural; á direita, grupo de officiaes generaes e officiaes, vendo-se ao centro, sentado, o almirante Mc. Culley.

O fim da gondola

Outra bella recordação da Veneza romantica e galante que desapparece, levada de roldão pelo espirito commercial e prosaico da nossa epoca. A gondola morre; extingue-se essa pittoresca embarcação, de fórmas elegantes, levantada na prôa e na popa, que nos começos da Edade-Média passou do serviço de porto das naus mercantes italianas a sulcar as aguas tranquillas dos canaes venezianos, constituindo, a partir dessa epoca, a nota mais caracteristica da cidade dos doges.

Durante quatro longos seculos, a gondola foi ali o unico meio de transporte, sem que contra ella lograsse prevalecer nenhum dos inventos da locomoção mechanica. Nem o vapor nem a canôa electrica, embora tentados por algum industrial desdenhoso das velhas tradições venezianas, conseguiram jamais desterrar a gondola e o gondoleiro, que continuavam a pôr nos canaes e *canaletos* da incomparavel joia adriatica a mais bella e suggestiva das pinceladas, a que evocava, talvez com vigor maior do que a fria eloquencia das pedras vetustas, todas as preteritas grandezas daquella, em tempos, poderosa Republica, ante a qual o Oriente rendia, submisso, os seus thesouros e á qual chegavam, avidos de prazeres, todos os aventureiros do mundo...

Uma parada de gondolas na Riva degli Schiavoni

O barco a vapor que deu o primeiro golpe mortal na gondola

Hoje, porém, a gondola tem diante de si um rival afortunado: o motor de explosão. Dentro de poucos mezes, a lancha a gazolina terá substituido em absoluto a embarcação veneziana tradicional, que já está substituida nos principaes pontos de atracação da cidade pelo *taxi-boat* de linhas vulgares, tripulado pelo mechanico em uniforme cheio de graxa e mal cheiroso. A alegre e melodiosa canção do gondoleiro, que através de varias centurias saturou de poesia as ineffaveis noites venezianas, apagar-se-á em breve para sempre, sob o estrepito dos motores de quatro cylindros. E, no ambiente embalsamado outr'ora pelas rosas dos balcões e dos jardinsinhos mysteriosos, fluctuará apenas a pestilencia da gazolina e das marés baixas em amoroso quão repugnante consorcio.

O signal da derrota da gondola, teve de dal-o, não ha muito, precisamente quem mais do que ninguem devia velar pela conservação do prestigio de Veneza. Foi, com effeito, o Estado italiano o iniciador da reforma, dispondo que o serviço de correios da cidade se utilizasse na distribuição, em vez da gondola postal, do *motor-boat*. E esse exemplo foi imitado rapidamente por industriaes e particulares, circulando já pelos canaes muito maior numero de embarcações mechanicas do que de gondolas. As gravuras que illustram esta pagina informam amplamente dessa innovação na vida veneziana, que, sem duvida, terá de ser bem lamentada pelo verdadeiro artista e pelos namorados.

Ah! o progresso! Como os romanticos, como os tradicionalistas o amaldiçôam! Veneza, a Veneza dos doges, que já não existe, era para nós a Veneza das gondolas apenas. Aquelles desappareceram nas transmutações politicas; lá se vão estas agora, banidas pelo progresso que invadiu a poesia ineffavel dos canaes remansosos. Lá se vão... E dellas restará sempre a saudade violenta e incessante, porque se não bastasse o espirito para recordal-as nas noites enluaradas, lá estão as aguas múrmuras dos canaes espelhantes, em cujo dorso se balouçavam graciosas, ao compasso dos remos e ao rhythmo caricioso das barcarolas.

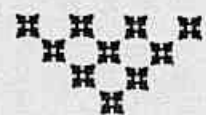
Quanta historia de amor nellas nasceu! Quanta!... Mas nada é eterno no mundo; a gondola já viveu longo espaço de tempo, e agora desapparece nimbada de gloria, porque leva toda a saudade da poetica Veneza e porque ficará eterna nas paginas do romantismo, eternamente engalanado de sonhos e povoado de canções.

A moderna lancha a gazolina que substituiu a gondola.

A lancha a gazolina do serviço postal de Veneza

Uma parada de taxis no Grande Canal

Um canal veneziano com a gondola typica, prestes a desapparecer, substituida pela locomoção mechanica.

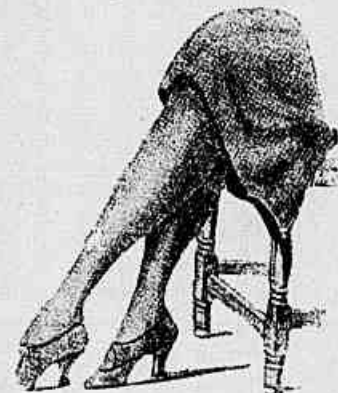
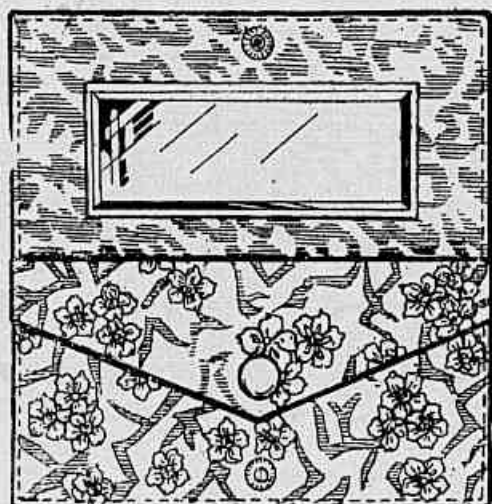
NOMES QUE FAZEM FIGURA

Nova dóse, para attender a insistentes e numerosos pedidos

Lapis de

o Panchan Lama e o seu sequito, pois quasi nunca as mulheres são admittidas á presença do chefe poderosissimo.

VESTIDOS DE ESPICHA-ENCOLHE

O dictador da Grecia, general Pangalos, prohibiu o uso dos vestidos curtos a ponto de deixarem ver as pernas. Ora, as elegantes athenienses, ou grande numero dellas, resolveram pregar uma peça, se não ao proprio general, pelo menos aos agentes encarregados de fiscalizar a observancia daquella prohibição. E que fazem? Sáem á rua com vestidos pelo joelho, mas quando o agente se aproxima, para "lavrar o auto", o vestido estica como por encanto, descendo até ao tornozelo... Um engenhoso systema de elasticos mantém o vestido levantado e, mediante um ligeiro puxão, tudo aquillo se desata e desce, como exige o general dictador.

Tambem, o que ellas não inventarem...

A ASIA MYSTERIOSA

Todos aquelles que leram a viagem de Osse dowski através da Asia desconhecida e terrivel certamente se lembram dos innumeros monges, sacerdotes, "lamas" e deuses que enchem o Thibet. Comtudo, de anno para anno maior numero de Europeus penetram nessa região por tão longo tempo mysteriosa. Os proprios lamas acabam mostrando certa indulgencia para com a civilização e a arte europêas.

Agora, uma mulher acaba de fazer o retrato do Panchan Lama, chefe espiritual de todo o Lamaismo — facto absolutamente sem precedentes. A artista é Mrs. Behenna, miniaturista cujo talento goza de grande prestigio na America do Norte como na Inglaterra. O Panchan Lama concedeu-lhe, em Pekim, duas sessões durante as quaes ella pintou, conversou e, ao mesmo tempo que as feições, estudou o moral do retrato.

"O Panchan Lama, declarou ella depois a um jornalista, é um excellente moço e um homem amabilissimo. A conversação entre nós não podia assumir grande animação, pelo facto de o Panchan Lama fallar apenas o thibeteano. Para cada phrase, eram necessarias duas traducções successivas: do thibeteano para o chinez e do chinez para o inglez ou vice-versa.

O Lama conta quarenta e tres annos de edade. As suas feições são delicadas e os seus olhos muito negros têm uma expressão profunda e espiritual. Veste geralmente um manto de purpura sobre uma tunica de ouro. Numa das sessões, apresentou-se inteiramente vestido de ouro e com um ar de extraordinaria majestade e imponencia".

Estas sessões constituiam uma grande novidade para

A MODA

FACEIRICES PARA O MAR

Ha duas especies de faceirices para o mar: a que consiste em enfeitar-se para ir olhar o mar e a que consiste em enfeitar-se para entrar no mar.

Uma e outra succedendo-se, tem-se um duplo pretexto para fazer-se lindas toilettes.

Antes de qualquer outra coisa, o que nos deve guiar na escolha d'esse enxoval é a mais extrema simplicidade. Nas praias snobs da Europa como Deauville, Biarritz, etc. vêem-se sempre excentricidades, taes como roupas de banho em velludo, sedas, guarnecidas com flores de borracha e os peignoirs mais ricos e menos proprios para o fim para o qual são destinados. Mas esses vestuarios nunca tentaram as verdadeiras elegantes.

O thema principal do costume de banho será sempre o maillot, sobre o qual o bom gosto e a decencia mandam pôr uma tunica de lã. Tunica azul ou vermelha com flores de borracha continuam a ser classicamente as preferidas.

O azul marinha é sempre o mais pratico, por não desbotar tão rapidamente; mas são de mais effeito o vermelho rubi, o verde jade, o azul vivo e o violeta.

A moda sendo de saia em forma, a tunica póde-se inspirar n'esse formato.

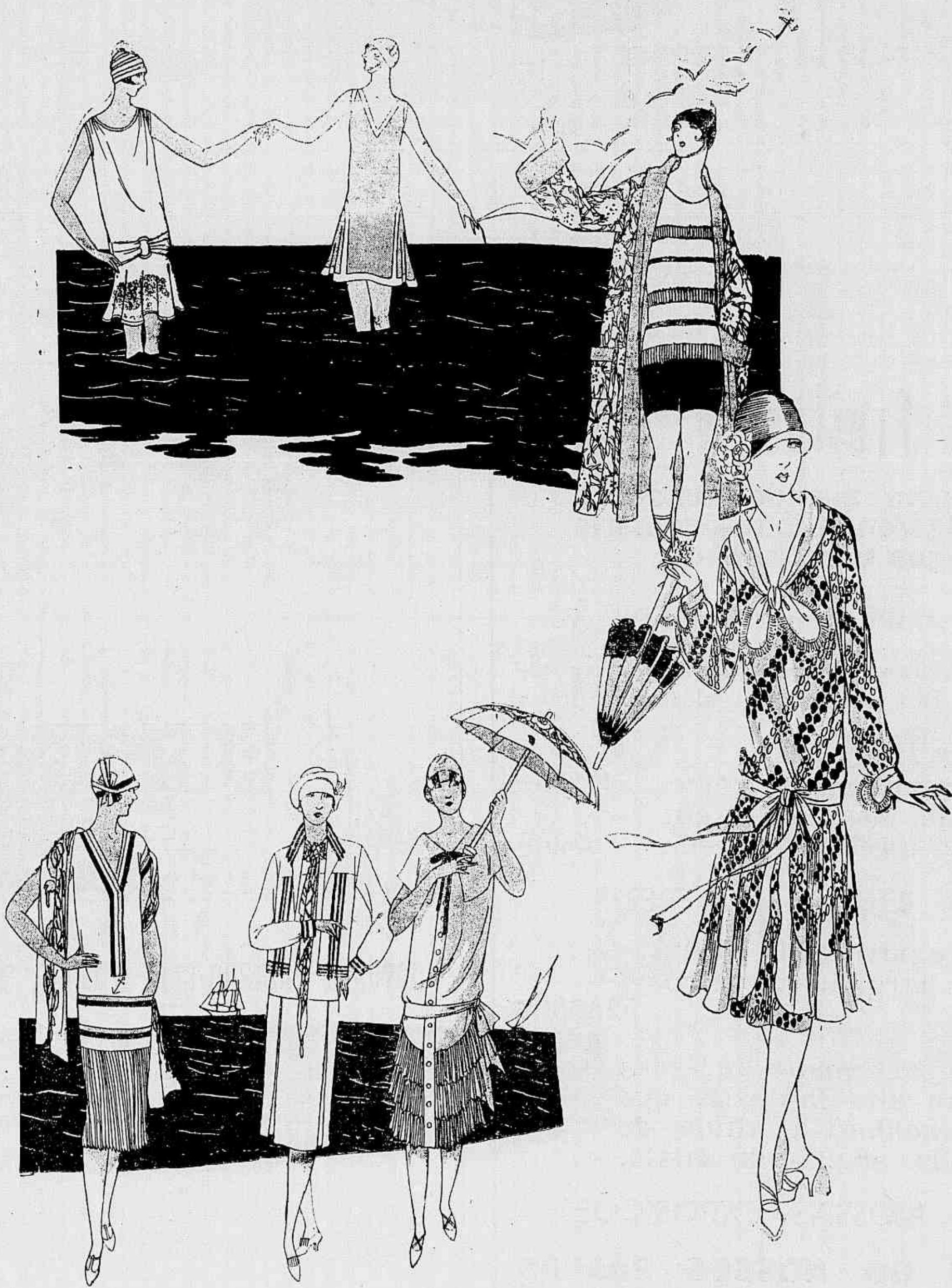
As bluzas poderão ser de jersey listado, e n'esse caso a calça terá de ser de lã e mais comprida.

Os mais confortaveis peignoirs são os feitos em simples tecido esponja, podendo ser em tom unido, mas os de tecido florido são guarnecidos com barras de tecido liso.

Agora quanto a vestidos para as praias, teremos todos os tecidos de algodão, organdis, fustões, linhos, linons e shantungs; mas a briza marinha é traidora, por isso é preciso ter sempre tambem vestidos de lãs, flanellas e sobretudo o kasha.

Como colorido devemos sempre preferir o branco; convem a todas as idades e é o mais pratico por não desbotar com os raios ardentes do sol das praias.

O tom sable tambem é igualmente pratico, mas isso não quer dizer que não se use os outros tons que com o seu brilho veem dar alegria ao vestuario da mocidade.

ULTIMOS MODELOS PARA O MAR

1 — Tunica em flanella vermelha com viezes verde vivo, *maillot* de *jersey* vermelho. 2 — Tunica em *gabardine* azul marinha, guarnecido com galões de lã branca. 3 — Bluza de lã de listas de diversos tons, calça de *gabardine* preta. 4 — Saia plissada em flanella branca, bluza do mesmo tecido, galões pretos e vermelhos, como guarnição. 5 — Vestido em *kasha* côr de limão, enfeitado com galões encerados azul marinha. 6 — Vestido em linon côr de rosa, botões de madreperola, gravata de fita azul marinha. 7 — Vestido em crêpe de Chine de phantasia, guarnecido com o mesmo tecido em tom liso.

OS SEGREDOS DA CUTIS REVELADOS POR UM DERMATOLOGO

(Da Revista "Cosy Corner")

"O grande segredo da conservação do aspecto juvenil do rosto consiste na extirpação da cuticula morta", diz um celebre dermatologo. E' cousa bem sabida que a epiderme se acha em um estado de constante renovação, pois as cellulas mortas se desprendem em pequenas particulas continuamente. Porém, se por um motivo qualquer as referidas cellulas não caem apenas mortas, ficam adheridas á flôr da pelle, cobrindo as cellulas vivas da epiderme. Neste caso haveria que recorrer a um especialista dermatologo para que procedesse á extracção da pelle do rosto em uma só operação, mas este é um processo doloroso e caro. Resultado identico se pode obter gradualmente e sem perigo, applicando a cêra mercolized (em inglez: "pure mercolized wax"), substancia que se encontra em qualquer pharmacia. Applica-se como se fosse cold-cream. Com pouco dispendio se procede á completa extracção da pelle do rosto, sem dor alguma, absorvendo as cellulas mortas e fazendo apparecer a nova, sã e rosada cutis que se acha immediatamente por baixo.

Nossa alimentação

MERENDAS DE CREANÇAS

Uma das grandes alegrias da infancia são essas reuniões que agrupam em volta de uma grande mesa os rostinhos rosados de cabecinhas louras ou escuras, tão cheias de animação e de alegria. Hoje chamam a essas merendas: chás infantis. Questão de moda.

As mamãs, que tanto gostam de reunir no dia dos annos dos seus filhos os seus amiguinhos e amiguinhas, devem ter sempre o cuidado de não pôr na mesa senão doces e fructos que não façam mal

MODA INFANTIL

1 — Vestido em crepon côr de limão, guarnecido com viezes azul vivo. 2 — Roupinha em fustão azul claro, bordada com linha verde. 3 — Vestidinho em linon côr de rosa, babado plissado. 4 — Vestidinho em linho branco bordado com linhas de tons diversos. Viezes vermelhos. 5 — Vestido em linho lilaz, guarnição de applicações em linho côr de rosa vivo.

á petizada, assim como nada de crystaes finos nem de vasinhos frageis, que estariam pouco seguros junto das mãos buliçosas dos inquietos gurys.

Um grande vaso baixo com flôres no centro da mesa e que o resto da guarnição seja só feita com o papel garrido e frisado das balas. O menu deve ser composto por bolos, doces de fructa, crêmes, saladas de fructas e laranjadas, que do chá tenha apenas o nome, como tambem devem ser supprimidas d'essas refeições as empadinhas, patés de foie gras e camarões recheiados, que só serviriam para estragar os estomagozinhos infantis, sem trazer-lhes o menor proveito.

RECEITAS PARA CHA'S INFANTIS

SOUFFLÉ DE CHOCOLATE

BISCOITOS DE ARARUTA

BISCOITOS DE CERVEJA

PÃO DE LÓ DE ARARUTA

TORRADINHAS DE FUBÁ DE ARROZ

CRÊME DE MORANGOS

SOUFFLE' DE CHOCOLATE

Faz-se derreter duas tablettes de chocolate dentro de um copo de leite, junta-se depois 75 grs. de assucar, deixa-se esfriar, desmancha-se dentro uma colher de maizena e põe-se para engrossar no fogo.

Depois, fóra do lume, junta-se 25 grs. de manteiga, a seguir tres gemmas e, por ultimo, cinco claras muito bem batidas.

Pôr essa mistura n'uma fôrma bem untada com manteiga; salpicar com assucar por cima e pôr no forno, durante vinte minutos. Servir immediatamente.

BISCOITOS DE AMENDOAS

Batem-se bem 250 grs. de manteiga, junta-se depois com 250 grs. de amendoas moidas, 250 grs. de farinha de trigo, 250 grs. de assucar, uma pitada de sal, tres ovos.

Misturam-se as amendoas com o assucar, as claras, gemmas, o sal a farinha de trigo e a manteiga. Amassa-se bem, passa-se o rolo, corta-se com um calice ou chicara e põe-se em taboleiros para ir assar no forno.

Doura-se com gemmas misturadas com um pouquinho d'agua.

BISCOITOS DE ARARUTA

250 grs. de assucar, 250 grs. de farinha de trigo, 250 grs. de araruta, 3 gemmas e 1 clara, uma colher de manteiga e outra de banha; enrolam-se os biscoitos e põe-se para assar em forno brando.

BISCOITOS DE CERVEJA

250 grs. de farinha de trigo, meio copo de cerveja, 250 grs. de manteiga. Amassa-se bem a farinha com a manteiga e a cerveja. Enrola-se a massa no feitio de bolinhos ou de bolachinhas, passam-se pelo assucar crystalisado e vae ao forno para assar.

PÃO DE LO' DE ARARUTA

Põe-se n'uma vasilha 9 gemmas de ovos, 7 colheres de assucar, bate-se muito bem e junta-se 4 colheres de araruta e 4 colheres de farinha de trigo peneirada, uma de manteiga derretida e por ultimo 5 claras de ovos muito batidas e umas gottas de essencia de baunilha. Fôrma untada com manteiga e forrada com papel.

TORRADINHAS DE FUBA' DE ARROZ

Um litro de fubá de arroz, duas colheres de

manteiga, assucar quanto adoce, uma pitada de sal, um pouco de herva-doce. Amassa-se bem, esfarelando com as palmas das mãos os preparos. Põe-se n'um taboleiro de folha e depois de bem espalhada a massa acalca-se bem para igualar.

Risca-se em xadrez com uma faca e põe-se para assar no forno. Não devem ser tiradas do taboleiro emquanto estiverem quentes.

CREME DE MORANGOS

Põe-se para engrossar no fogo brando um litro de leite com um pouco de assucar.

Depois de quasi frio desmancha-se n'elle um pires de morangos em calda, bem amassados e em seguida junta-se alguns morangos inteiros.

Vae ao fogo para cozinhar ligeiramente. Retira-se do fogo e depois de frio põe-se na cremeira para gelar.

FELICIDADE

Quando se é feliz, tudo é pretexto para a alegria.

E'-se feliz porque o sol está brilhando, porque é suave o azul do céu, porque os jardins estão floridos, porque a agua cantante surge de entre as rochas e os musgos. Até mesmo a chuva monotona toca uma musica suave nos vidros das janellas. A felicidade é simples como um bouquet de flores singelas.

Mas porque — oh! meu Deus — nem para todos é o sol brilhante, nem azul o céu, nem os jardins floridos?

Envolvendo-os sempre, como um nevoeiro, o manto cinzento da tristeza, o sussurrar das fontes é para elles um queixume e o do vento um gemido.

Mesmo as luminosas gottas de orvalho, essas pedras preciosas semeiadas sobre as flôres pelas mãos bemfazejas das fadas, são para os olhos tristes lagrimas vertidas sobre o manto escuro da noite pelas desoladas florinhas que tambem devem ter as suas magoas.

MARIA EULALIA.

O CULTO DA BELLEZA

Em todas as épocas a mulher teve consciencia do valor dos seus attractivos, tendo sido sempre o seu maior desejo augmental-os ainda mais por mil processos engenhosos. Com certeza Eva já procurava os meios de mais embellezar o seu rosto.

Cleopatra já usava pomadas especiaes para a conservação da sua explendida belleza. Poppéa conservava a sua com banhos de leite de pimenta. Catharina de Medicis tinha os seus celebres alchimistas e não se acabaria mais se quizessemos citar todas as mulheres que se celebrizaram na antiguidade pela sua belleza e os meios empregados por ellas para a sua conservação.

Mas o que nos interessa é a orientação scientifica da faceirice feminina actualmente. Todas as capitaes do mundo possuem Institutos de belleza e o titulo em si proprio é sufficientemente revelador.

Chega mesmo a haver hoje "Studios" — vocabulo encantador.

N'essas officinas maravilhosas, sacerdotisas dedicadas concedem ás mulheres o maravilhoso soccorro da sua sciencia e da sua arte.

O rosto humano tornou-se uma obra de arte viva e vibrante, á qual a chimica organica, a biologia integral, a physica transcendente dão o apoio das mais recentes descobertas: radiotherapia, raios ultra-violeta, massagens electricas, correntes de alta pressão, magnetismo, vitaminas, uranium, etc.

Cada parte do rosto é o objecto de um estudo especial. O capitulo da bocca é, por exemplo, differente da physiologia da tez.

Pensam que nos labios de uma mulher se emprega o mesmo rouge em todas as horas do dia? Grande engano... O rouge será escuro de manhã cedo; proximo da purpura antiga, um tom mais claro, durante o dia; puxando para o açafrão á tarde e para o arroxeado á noite, á luz das lampadas. Não é isso uma agradavel fusão da arte e da sciencia, da chimica e da pintura?

A orelha merece cuidados attenciosos, mas logicos. E' preciso harmonizar o seu tom com o avelludado da face. Assim declara uma d'essas sacerdotisas modernas: "Uma orelha pallida junto a uma face rosada, haverá coisa ao mesmo tempo mais triste e mais comica para se olhar?".

E os olhos, essas janellas da alma?

A PROJECÇÃO DA LUZ EM RELAÇÃO AO ESPELHO

O espelho é a autoridade esmagadora da nossa cultura exterior. E' preciso a luz estar bôa quando o consultamos, isto é mais do que natural. Ninguem collocará o espelho num logar escuro, bem ao contrario dá-se-lhe um logar entre duas janellas ou nas suas proximidades, para ficarmos com a luz do dia bem collocada. A' noite, naturalmente, esta posição não nos favorece, principalmente quando o quarto só tem illuminação geral, feita por uma lampada collocada no centro do compartimento. Fica distante, e só as nossas costas são illuminadas, ficando a nossa feição na sombra. Para afastar este inconveniente, é necessario empregar a luz pela frente; portanto, é preciso collocal-a no logar onde se encontra o espelho.

Obtem-se isto, praticamente, collocando duas lampadas á direita e á esquerda do espelho na altura da cabeça. Estas não devem naturalmente offuscar a nossa vista.

As lampadas de vidro commum devem ser rodeadas de vidro opaco ou vidro opal. Deste modo, devem ser collocados, todos os espelhos de uso das casas, especialmente aquelles do guarda vestidos que, mesmo de dia, se acham no escuro. Os alfaiates e modistas devem fazer uso desta illuminação nos seus espelhos, em casa de negocio, para que elles e os freguezes possam observar bem o talho do novo vestido. Os hoteleiros podem estar convencidos de que seria grande a satisfação dos seus hospedes se encontrassem nos espelhos a illuminação perfeita.

Bellezas celebres, mas imprudentes, não vão até recorrer á atropina para augmentar o seu brilho e dilatar a pupila? Dedicação scientifica, coragem artistica ?

E como é difficil a arte de estampar em volta das palpebras avelludadas essas misturas indescriptiveis de pastel castanho claro, castanho escuro, azul escuro e azul claro! Ida Rubinstein não hesita em estampar o circulo em volta dos seus bellos olhos com pó de ouro.

Comtudo, o traidor subtil, o grande perigo, com que se tem de luctar diariamente, é a ruga, sulco das tristezas sobre a planicie monotona das horas...

Mas a sciencia generosamente interveiu. Massagens subtis, fricções mysteriosas tentaram destruir essas leves marcas que a vida impõe cada dia sobre os nossos rostos.

Uma escola garante hoje ás mulheres a sua ajuda generosa.

E' uma escola de cultura physica dirigida pelo professor Georges Lerousseau nos Champs Elysées em Paris. Esse professor garante ter a fé mais absoluta na pratica de um sport leve e continuo para evitar e mesmo corrigir o signal da temivel ruga.

A cultura physica é capaz de reduzir a marca d'esses relaxamentos epidermicos. A ruga, com effeito, interessa a epiderme e o musculo subjacente, questão de circulação, de tenacidade; e pode-se esperar os mais garantidos resultados d'esta hygiene sportiva.

Um sonho

O cultivador disse-me em sonho: faze o teu pão tu mesmo, não te alimento mais, cava a terra e semeia.

O tecelão disse-me: faze a tua roupa tu mesmo. E o pedreiro disse-me: pega na pá com a tua mão." Só, abandonado de todo o genero humano que arrastava por toda parte o implacavel anathema, quando implorava do céu a piedade suprema via leões em pé no meu caminho. Abri os olhos, duvidando se a aurora era real. Valentes operarios assobiavam sobre suas escadas, os teares resoavam, os campos estavam semeiados; ninguem pode gabar-se de não precisar dos outros.

E desde esse dia a todos amei.

SULLY PRUDHOMME

Aproveitamento dos trapos e retalhos

Qual é aquella entre nós, qualquer que seja a sua condição social, a sua posição, os seus gostos, as suas aptidões, o seu grau maior ou menor de faceirice, que não possue n'um canto do seu aposento ou de sua casa... trapos?

Umas teem a gaveta de uma commoda antiga para guardal-os. Outras um modesto sacco de cretonne dependurado no fundo de um armario ou atrás da cortina de um cabide. Sem fallar d'aquellas que os guardam no fundo das malas e bahús.

— Porque é que as mulheres teem assim quasi todas o culto dos trapos?

— Porque obedecem ao mesmo tempo a um instincto de dona de casa previdente e de formiga industriosa.

"E' pena pôr isto fóra! Pode servir ainda".

E ás vezes tambem por um impulso sentimental: "Este vestido bonito fez-me ter tantos successos que não tenho coragem de me separar delle. Quem sabe se voltará para a moda. "Mas o vestido não voltará á moda *nunca mais*, e vae augmentar os inuteis trapos.

Inuteis? Isso não.

Mas porque não aproveital-os? Que os dedos habilidosos transformem esses trapos em mil guarnições engenhosas para a casa e para a toilette.

Os trapos ajuntando-se infinitamente acabam por se estragar devido a ficar tão apertados uns contra os outros.

Mas o que se póde fazer com trapos? Milhões de bonitas coisas.

Primeiro, já que a moda é para as almofadas, escolhemos entre os pedaços de seda, ou de brocardo ou de velludo, os pedaços maiores e os mais perfeitos. Se os pedaços não são bas-

tante grandes póde-se unil-os com galões de ouro, de prata ou mesmo com fita ou tiras de pelles. E essas almofadas serão cheias com todos os trapos inutilizaveis, desbotados, picados ou esfarrapados, mas sem esquecer de pôr junto com elles alguns grãos de alfazema ou qualquer sachet perfumado. Confeccionando assim a almofada, tem-se a vantagem de supprimir de uma vez todo o elemento indesejavel dos trapos, o que nos deixa uma escolha mais facil entre os que ficarem. Ora com elles ainda teremos com que vestir a boneca excentrica cuja saia de roda esconde o apparelho telephonico, não deixa esfriar o bule de chá ou protege a luz electrica da lamparina.

Teremos ainda, para aproveitar retalho maior, a confecção de um sacco de trabalho que possa ficar bem em evidencia, n'uma saleta, sem estragar a harmonia d'um aposento elegante. Não fallando dos abat-jours, pastas, porta-jornaes e uma infinidade de outros objectos para os quaes poderão ser aproveitados os trapos.

Não esqueçamos que a Paschoa já está proxima e que não ha tempo a perder se quizermos confeccionar nós mesmas os objectos com que desejamos presentear os que nos são caros, n'essa data festiva.

A rectidão de procedimento e a reputação de probidade attráem mais confiança e estima, e por conseguinte, com o tempo, mais vantagens, mesmo temporaes, que desviando-se do caminho direito.

FÉNELON.

CONSULTORIO DA MULHER

Mme. Selda Potocka, antiga assistente da clinica do dr. Buchener, de Londres, responderá a todas as consultas sobre tratamento da pelle e do cabello e hygiene da mulher. Dirigir correspondencia para a rua Paysandú 111, Rio de Janeiro.

Mlle. Azuréa — Lave a sua cabeça todos os oito dias com *Shampoo-Pó* e escove o cabello diariamente com a escova ligeiramente humedecida com o *Tonico n.* 10.

Lali — Varias vezes ao dia proceda a uma lavagem juntando á agua uma colher de *Femirol*. Quando o mau cheiro desappareça basta que faça uma lavagem por dia.

Olga Carvalho — Não lhe posso recommendar nenhum apparelho para o fim que deseja. Só profissional perito pode utilizar-se com resultado d'esses apparelhos. Nas mãos de pessoa inexperiente o resultado é sempre negativo ou prejudicial. Persista no tratamento indicado na ultima pagina do meu prospecto. Para o tratamento das sardas que tem nos braços alterne o uso da *Loção* e da *Pomada dos Cravos* com applicações da *Loção Adstringente*, *Pó de Lyrio branco* e, ao deitar-se, o *Crême de Massagem*.

Mme. Moraes — Ninguem tem direito de acreditar que uma applicação de pomada ou de loção possa rejuvenescer como por encanto uma pelle estragada e doente. São milagres que não passam dos annuncios. Deve submetter a sua pelle a um regimen methodico e perseverante.

A pags. 7 e 8 do meu prospecto encontra minuciosas indicações para o tratamento hygienico da pelle.

Mlle. Koenig — Pergunta-me porque não escrevo outro livro como 'A Caminho da Felicidade''. Tenho uma novella concluida e um livro a que provavelmente darei o titulo de "Sciencia Domestica". Tudo está numa gaveta á espera, até que meu editor deixe de alimentar o pessimismo.

Mme. Oliveira — A indicação de seu endereço muito facilitará a resposta directa e assim mais rapida ás suas consultas.

Encontra todos os meus preparados na casa Machado & Carvalho em Ponte Nova.

Mlle. Alves — Friccionando o corpo depois do banho com umas gottas de *Perfume Selda*, elle satura a pelle de um aroma delicioso, e evita a flacidez dos tecidos.

Esther (Bahia) — Minha *Loção para as Pestanas* destina-se a fazer crescer as pestanas, avigorando-lhes as delicadas raizes. Cada noite ao deitar-se molhe uma pequena escova na Loção, passe sobre uma rolha queimada, alisando depois com ella os cilios desde a palpebra até ás extremidades.

Lulu — A *Loção para os Cravos* é remedio energico e efficaz. Deve applicar-se diversas vezes ao dia. Ha pelles delicadas que não supportam esta loção sem adicionar-lhe agua, ou em partes eguaes ou juntando a quantidade necessaria para não deixar a pelle vermelha.

N. B. — Umas gottas do meu *Dentifricio Radioactivo* em meio copo de agua bastam para lhe fortificar as gengivas e clarear os dentes. Perfuma o halito.

Odyla — Só ha um recurso para egualar a côr do seu cabello: tingil-o. O tom castanho claro fica muito bonito.

SELDA POTOCKA.

Consultorio Medico

Violeta triste (Bahia) — Ha casos de hymen complacente. Só o exame directo póde confirmar esta hypothese.

Thomé de Souza (Porto-Alegre) — A fraqueza genital é perfeitamente curavel. Trata-se, na maioria dos casos, de um desvio da funcção da prostata. Como tratamento aconselho a diathermia e injecções sub-cutaneas diarias da minha formula *Sôro lipotrophico masculino*.

Mediante endereço certo enviarei todas as indicações necessarias.

Mme. S. Menezes (Petropolis) — Trata-se de bronchite asthmatica. Recommendo-lhe a seguinte formula. Uso interno:

Iodeto de sodio, 50 centgrs.; Brometo de sodio, 2 grs. Xe. de polygala, 80 c. c.

Para tomar uma colher de chá de 2 em 2 horas.

A. Rodrigues (Rio) — O tratamento insufficiente da syphilis cria uma especie de anarchia na evolução do mal: as recidivas para o lado do systema nervoso são mais frequentes e graves nas suas consequencias. E' melhor não se servir dos arsenicaes (914) que empregal-os em dóses insufficientes.

Para ser completo o tratamento, deve ser continuado depois do desapparecimento dos accidentes e muito tempo depois.

Wilian preconisa as curas massiças pluri-medicamentosas, consistindo em uma série de injecções intra-venosas de 914, seguido de 9 a 12 de oleo cinzento, outra série de 914, seguida de 18 injecções de quinio-bismutho (Quinby), com a ingestão de iodeto de potassio durante um mez.

Entre essas diversas séries o repouso de um mez.

Estudante (Porto Alegre) — A proteinotherapia póde ser tentada em todos os casos de ulcera. De todos os preparados até agora experimentados o que dá melhor resultado é o Novoprotin.

Obtem-se maior exito nas ulceras da pequena curvatura e tambem naquellas que penetram nos orgãos visinhos por meio de uma grande cratéra. As recidivas são observadas mais frequentemente no quarto mez depois de terminado o primeiro tratamento.

Mme. S. O. (Rio) — Parece-me tratar-se de impetigo. Pesquizar sempre a phtiriase. Cortar os cabellos e as unhas. Fazer cahir as crôstas. Os curativos humidos quentes com agua fervida ou as cataplasmas de fecula amollecem-nas rapidamente. Retiradas as crôstas, cauterizar tres vezes por dia as lesões com (uso ext.):

Agua de Alibour, Agua fervida, ãã 40 grs.

Ou solução de nitrato de prata, a 1 por 20.

Mme. Souza Santos (Santos) — Mediante endereço certo enviarei todas as indicações necessarias.

DR. VEIGA LIMA.

—

P. S. — *Toda correspondencia deve ser dirigida ao* DR. VEIGA LIMA. — *Cons: 5, Rua Uruguayana, 1.° andar — Rio de Janeiro — Tel. 5763 Central.*

Consultorio Odontologico

Mme. Celestino da Silva (Minas Geraes) — Deve mandar obturar os dentes do seu filho.

Os dentes temporarios são tão necessarios á saude da creança como os permanentes são para o adulto.

Sebastião de Albuquerque (Minas Geraes) — Forre o fundo da cavidade antes de obtural-o definitivamente.

Não importa que seja a ouro, esmalte ou granito.

Ernesto de Miranda Rego (S. Paulo) — O Cessatyl, o Guarafeno ou Cafiaspirina de Bayer.

Xisto de Almeida e Silva (Paraná) — Peça catalogo de obras odontologicas á Casa Hermanny.

Rubens Lima Rodrigues (S. Paulo) — Deve mandar collocar na falha uma pequena ponte de 3 elementos.

Ferreira da Cunha (Minas Geraes) — Collocar uma coroa de ouro com tuberculos massiços e bem articulada.

Salustiano Barbosa (Minas Geraes) — Procure saber si perde assucar pelo exame de urina.

De posse do resultado, escreva-me.

Carlos Vianna — Friccione-se as partes doloridas com:

Menthol...........	1,0
Cocaina...........	0, 25
Choral.............	0. 50
Vaselina...........	5,0

Bochechos frios com:

Acido tannico.......	4,0
Tintura de iodo....	3,0
Agua de hortelã......	500, 0

Barbirio de Moura Collares (Minas Geraes) — Embrocações nas gengivas com

Tintura de iodo......)	ãã
Tintura de aconito..)	
Chloroformio..........)	2,0

Mme. Mello e Silva (Minas Geraes) — Extracção da raiz.

Edgard Soares de Souza (Alagoas) — Obrigado.

ALEXANDRINO AGRA

—

Toda a correspondencia para esta secção deverá ser enviada para o consultorio do cirurgião dentista Alexandrino Agra, á rua Rodrigo Silva, 28—1° andar. *Telephone* 1838 Central. — *Rio de Janeiro*.